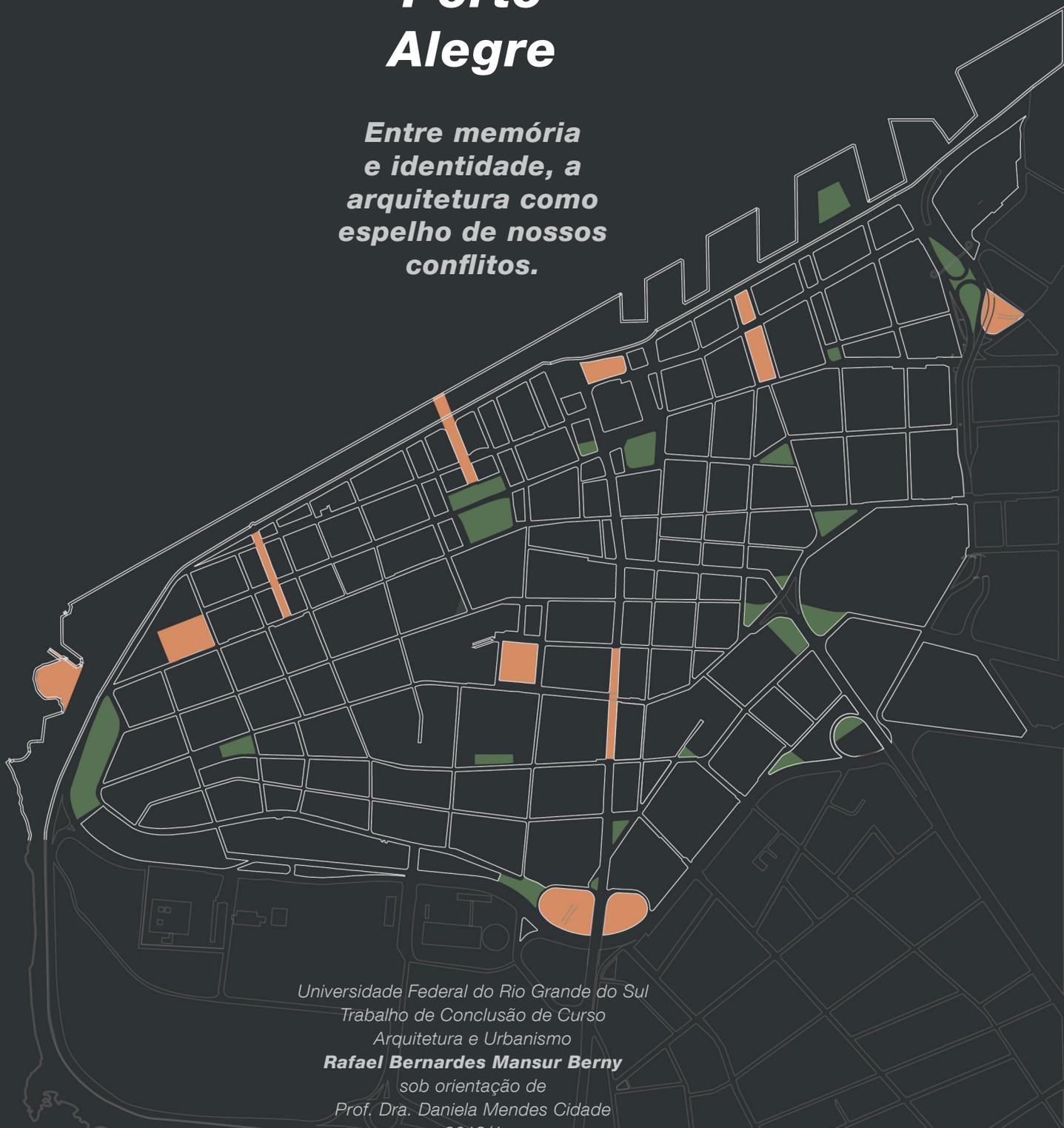


Lugares de Memória no Centro Histórico de Porto Alegre

*Entre memória
e identidade, a
arquitetura como
espelho de nossos
conflitos.*



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Trabalho de Conclusão de Curso
Arquitetura e Urbanismo
Rafael Bernardes Mansur Berny
sob orientação de
Prof. Dra. Daniela Mendes Cidade
2018/1

Lugares de Memória no Centro Histórico de Porto Alegre

***Entre memória
e identidade, a
arquitetura como
espelho de nossos
conflitos.***

Acadêmico | Matrícula

Rafael Bernardes Mansur Berny | 00208966

Orientadora

Prof. Dra. Daniela Mendes Cidade

Comissão Examinadora

Prof. Andréa Soler Machado

Prof. José Luiz de Mello Canal

Prof. Bruno César Euphrasio de Mello

Porto Alegre, 29 de junho de 2018

Sumário

1. Manifesto.....	6
2. Introdução.....	8
3. Apresentação.....	12
4. Reflexões.....	14
4.1 Sobre a essência da arquitetura.....	15
4.2 Sobre a relação entre memória, identidade e arquitetura.....	15
4.3 Sobre memória e identidade na coletividade e suas evidências na construção do espaço.....	17
4.4 Sobre aceleração, memória e história e o conceito de “lugares de memória”.....	20
4.5 Sobre as especificidades dos fenômenos da memória na América Latina.....	22
4.6 Reflexões Finais	25
5. Análises.....	28
5.1 Sobre a construção da identidade de Porto Alegre a partir de seus conflitos.....	29
5.1.1 Os Conflitos Geográficos.....	29
5.1.2 Os Conflitos Sócio-Culturais.....	46
5.1.3 Os Conflitos Econômicos.....	60
5.2 Sobre a construção de um Caminho Público da Memória.....	70
5.3 Sobre a Avenida Padre Thomé, local de desenvolvimento da proposta arquitetônica e paisagística.....	72
6. Diretrizes.....	86
6.1 Sobre as diretrizes espaciais para a construção de um lugar de memória na Avenida Padre Thomé.....	87
6.1.1 As Diretrizes Espaciais relacionadas aos Conflitos Geográficos.....	87
6.1.2 As Diretrizes Espaciais relacionadas aos Conflitos Sócio-Culturais.....	87
6.1.3 As Diretrizes Espaciais relacionadas aos Conflitos Econômicos.....	88
6.2 Sobre as diretrizes administrativas para a construção de um lugar de memória na Avenida Padre Thomé.....	88
6.3 Sobre o programa e as áreas estimadas para a construção de um lugar de memória na Avenida Padre Thomé.....	89

7. Proposições.....90

8. Bibliografia.....92

9. Listagens.....96

9.1 Lista de Mapas.....97

9.2 Lista de Figuras.....97

10. Anexos.....102

10.1 Histórico Escolar.....103

10.2 Portfólio Acadêmico.....106



1.
Ma
ni
fes
to

Esse trabalho é um Manifesto Solitário de um Quase Arquiteto.

Digo isso porque ele parte da premissa de que hoje sempre estamos sozinhos em nossa complexidade de identidades e memórias. E, portanto, que tudo o que produzimos é uma manifestação em busca de nós mesmos e do que nos representa e reflete.

Nossa identidade se dividiu em vários pedaços, agora denominados perfis, parcelas de nós mesmos espalhadas na rede físico-virtual que estamos envolvidos.

Nossa memória se confundiu, pois a coerência das imagens que passam em nossa vida, não resiste à velocidade em que elas se enquadram e se sucedem. Cada imagem é única e total, desconectada da anterior e da próxima.

O presente é uma constante totalitária, distante de todo o resto. O passado são dados guardados nos HDs do Google e do Facebook. O futuro está na fuga. Mas fuga do quê?

Fuga de nossa multiplicidade de identidades e memórias que nunca mais se encontram plenas por tempo suficiente, que lutam contra si mesmas, dilaceradas em pedaços contraditórios, em registros escondidos, em memórias apagadas, em relações momentâneas, em eventos isolados, em lugares esquecidos ou destruídos. Somos muitos dentro de nós mesmos e aí está nossa maior riqueza e nossa maior angústia. Tudo se acelera de tal maneira que nossa noção de tempo e espaço como dimensões contínuas se esvaiu. Estamos na constante fuga de nossa própria aceleração.

A velocidade, as relações, o tempo e o espaço parecem nos encaixotar a todo momento. Carro, trem, ônibus, prédio, elevador, escadas de emergências, casas, apartamentos, condomínios, escritórios, aeroportos, hospitais, shoppings, escolas, muros, catracas, aulas, editais, departamentos, formulários, ingressos, cartões, filas, posts, timelines, stories, playlists, tweets, memes; caixas e mais caixas de definições que reduzem a nossa percepção de nós mesmos a funções pré-estabelecidas num jogo que não entendemos as regras. Somos máquinas de dar respostas a perguntas que não compreendemos. Procuramos reflexos de nós mesmos em cada produto ou imagem consumível, em cada discurso ou serviço oferecido e recebemos só a sombra difusa de uma perspectiva mal enquadrada e isolada das demais. Olhamos as coisas, buscando o significado e quando achamos o significado a coisa fugiu de nós.

Primeiro matamos Deus em nome da ciência e da política, agora matamos a política e a ciência em nome de nossas individualidades e interesses, o que acontecerá quando matarmos nossas individualidades? Em nome de quê proclamaremos as novas verdades? O que resta quando se perde a noção de si mesmo como um inteiro? Quando se sente só vagando no infinito? O que é e onde está o sagrado hoje em dia? Onde está o sagrado onde nós moramos? Qual o papel da arquitetura nisso tudo?

Esse trabalho é um Manifesto Solitário de um Quase Arquiteto, que busca na arquitetura e nas outras formas de arte, no vagar pelas cidades e no conversar com as pessoas e as ideias do mundo, perguntas e respostas que dão sentido a tudo isso. Ele é a expressão de uma individualidade complexa em forma de texto e de arquitetura. Um processo que não termina aqui, mas aqui se reflete e que tornará ao final esse Quase Arquiteto em Arquiteto e Urbanista.

2.

In

tro

du

çãõ

Esse trabalho é um projeto teórico-prático de intervenções paisagísticas e arquitetônicas em um espaço público no Centro Histórico de Porto Alegre. O projeto visa criar “lugares de memória”, segundo uma interpretação arquitetônica do conceito desenvolvido pelo historiador francês Pierre Nora (1984). É um trabalho que se apoia em reflexões sobre os conceitos de memória, história, identidade e arquitetura que derivam de autores de áreas distintas do conhecimento e que são aplicadas em um debate latinoamericano sobre a memória. Além disso, é um projeto que tem a sustentabilidade econômica e ecológica como premissa essencial.

O trabalho partirá, portanto, de **6 objetivos** que guiarão o seu desenvolvimento e deverão estar presentes no projeto final proposto. São eles:

1. Esse é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teórico-prático, porque é um trabalho onde o corpo teórico e corpo prático que o compõe têm o mesmo peso, sendo bastante interdependentes na compreensão mútua. Isso se deve, conceitualmente, a dois motivos principais:

I. Em primeiro lugar, porque dentro de uma discussão mais ampla da profissão e da formação em arquitetura, os arquitetos e arquitetas têm se preocupado muito mais com as respostas projetuais às questões levantadas por outros do que à construção de questionamentos sobre as reais demandas da sociedade em relação à nossa profissão. O projeto pelo projeto é a tendência da época. Isso acarreta nas palavras do arquiteto chileno Alejandro Aravena (2017), Prêmio Pritzker em 2016, que os arquitetos passem a vida discutindo “pacotes de regras internos, cujo risco é que muitas dessas regras e dos tipos de problemas não são relevantes para o resto da sociedade e só importam a outros arquitetos. Assim, a discussão arquitetônica se torna uma crítica especializada ou uma análise formal estilística que o resto da sociedade não se importa. Por essa razão, a (...) questão é (...) como começar de problemas inteiramente não específicos que são importantes (...) onde qualquer cidadão pode ter uma opinião. Isso é, mover-se da especificidade do problema para a ambiguidade da pergunta. Se você é capaz de entender que os problemas que a arquitetura pode lidar são aqueles que são importantes para a sociedade, o caminho a contribuir parte desse corpo de conhecimento específico. Ou seja, traduzir as forças em jogo com a forma, o que é o que arquitetos sabem fazer.” (ARAVENA, 2017)

II. E em segundo lugar, porque no contexto próximo da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, a teoria é bastante desvalorizada em relação à técnica e à prática projetual. A formação é dada sob um viés generalista de uma nota só, ou seja, ao mesmo tempo que proclama a diversidade em um nível superficial, a nega em um nível mais profundo. O percurso dos alunos no curso não abrange a diversidade de perfis que o compõe. O currículo (e também em certa medida o edital de TCC) obriga toda essa riqueza de potencial a seguir o mesmo caminho obrigatório, a responder sempre as mesmas perguntas, independente de sua identificação com elas. Gasta-se o tempo de formação do estudante, o momento mais propício a auto-questionamentos e reflexões sobre as diferentes áreas que compõe a profissão e sobre a projeção individual deste dentro dessa área de conhecimento, em projetos e mais projetos muito semelhantes propostos por professores, que passam em nossas vidas como fases de um jogo.

Esse é um TCC teórico-prático e, portanto, é um ato de resistência.

2. Esse é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que irá discutir o papel dos espaços públicos na construção da sociedade e na formação de cada cidadão, ou visto sob o viés local, como a carência de espaços públicos de qualidade influencia na pobreza dos debates atualmente vigentes no Brasil. Neste trabalho será abordado a perspectiva já bastante consolidada nos meios acadêmicos, mas não tanto em nossa sociedade, de que o espaço público é o único lugar possível de todas as identidades convergirem e se confrontarem, e, portanto, o lugar máximo do exercício da cidadania e da democracia. Para tanto, uma série de fatores políticos, econômicos e espaciais devem ser discutidos e considerados, como nos alerta o geógrafo britânico David Harvey:

O caráter do espaço público conta pouco ou nada politicamente, a menos que este conecte-se simbioticamente com a organização institucional (nesse caso comercial, mas em outros casos instituições religiosas ou educacionais que necessitam estar no primeiro plano de considerações) e os espaços privados. É a conectividade relativa entre espaços públicos, semi-públicos e privados que conta quando se trata de política na esfera pública. (HARVEY, 2005)

Nesse trabalho apenas os aspectos espaciais serão discutidos com a profundidade devida, mas é importante destacar que a construção de um espaço público pleno, envolve também outros fatores de igual peso e complexidade, que não estão nas atribuições do arquiteto, mas que relacionando com o primeiro objetivo desse trabalho, esse deve compreender minimamente para “traduzir as forças em jogo com a forma” (ARAVENA, 2017).

3. Esse é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que visa construir “lugares de memória”, conceito cunhado pelo historiador francês Pierre Nora, que será destrinchado nas reflexões teóricas do trabalho mas que se resumem a lugares que “só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante resgatar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA, 1984), ou seja, os lugares que relacionam-se com as múltiplas memórias e identidades que compõem a sociedade e as significam a partir das experiências proporcionadas. Em contraponto, aos memoriais históricos, que nascem mortos, pois estão atrelados a momentos históricos do passado que não permitem ressignificações no presente, são fechados em seus próprios tempos, desconectados do que os envolve.

4. Esse é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) interdisciplinar, porque se baseia em reflexões de profissionais de diversas áreas do conhecimento além da arquitetura e do urbanismo abordando os temas da identidade, da memória e dos espaços públicos. Como bem explicou Alejandro Aravena na continuação de suas reflexões sobre a profissão:

A idéia não é se tornar um economista, político ou antropólogo, mas saber as linguagens deles nos permite entender o código de forças que necessitam aí ser traduzidas em forma. Em geral, nós fazemos poucos exercícios para entender as linguagens de outras disciplinas e nesse processo, nós abandonamos a essência da arquitetura, que é fazer projetos. (...) O valor da arquitetura é que ela não pega as informações para fazer diagnósticos, mas propostas. A organização das 'partículas' de informação na chave proposta é o poder específico de um arquiteto. (ARAVENA, 2017)

5. Esse é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que visa integrar-se com um debate público latinoamericano em relação a memória, ou seja, a relação que esse continente tem com os fatos históricos que o moldaram e como isso se apresenta em nossas cidades. Isso passa por compreender e traduzir espacialmente temas complexos como a colonização, as escravidões, as ditaduras, as múltiplas desigualdades e todas as outras formas de violência que compõe a nossa história. E também, por entender os processos que levam ao silenciamento dessas memórias e feridas ao longo do tempo ou como afirmaram Lerchner e Guell (1998), “a construção social do silêncio”.

6. Esse é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que tem a sustentabilidade como premissa tanto ecológica quanto economicamente, porque como afirmou Bjarke Ingels:

Arquitetos tornaram-se designers de ecossistemas. Não somente designers de belas fachadas ou belas esculturas, mas sistemas de economia e ecologia, onde nós canalizamos os fluxos não só de pessoas, mas também o fluxo de recursos por nossas cidades e prédios. (...) Sustentabilidade não pode ser uma forma de sacrifício moral, dilema político ou causa filantrópica. Ele tem que ser um problema de design. (INGELS, 2012)

Para tanto, os espaços projetados nesse trabalho deverão ter os sistemas que o compõe com o mínimo gasto de energia possível; os materiais que o compõe desenhados de modo a envelhecer com dignidade estética e ter uma pegada ecológica pequena; os resíduos que o compõe, deverão ser reaproveitados o máximo possível e quando descartados deverão ter um destino correto; por fim, a economia que eles desenvolverão, deverá ser capaz de sustentar os possíveis reparos decorrentes de seu uso, além de promover eventos que os integrem a vida urbana da cidade.



OBJETIVOS DO TRABALHO

- 1. UNIR TEORIA E PRÁTICA**
- 2. DISCUTIR ESPAÇOS PÚBLICOS**
- 3. CONSTRUIR LUGARES DE MEMÓRIA**
- 4. SER INTERDISCIPLINAR**
- 5. INTEGRAR-SE AO CONTEXTO LATINOAMERICANO**
- 6. BUSCAR A SUSTENTABILIDADE**



3.

Apresen

ta

çãõ

çãõ

Esse trabalho se dividirá em 4 etapas: Reflexões, Análises, Diretrizes e Proposições.

Em Reflexões é apresentado um texto de cinco partes em que se relaciona os conceitos de arquitetura, memória, identidade e história. Na primeira dessas partes explica-se o conceito de arquitetura de Juhani Pallasmaa e a relação dessa definição com algumas inquietações desse trabalho. Na segunda, trabalha-se a relação da arquitetura com os fenômenos da memória e da identidade, a partir de textos de John R. Gillis, Maurice Halbwachs e Michael Pollak. Na terceira, evidencia-se o desenvolvimento dessa relação, ao longo da evolução cultural do ocidente, a partir de suas implicações coletivas, seguindo com os mesmos autores da parte anterior. Na quarta, explica-se a diferença entre memória e história, segundo Pierre Nora, e o seu conceito de “lugares de memória”. Na última parte, contextualiza-se essas reflexões na América Latina, que possui uma relação bastante peculiar com a percepção do tempo e suas memórias coletivas, a partir de um artigo de Norbert Lechner e Pedro Güell. Além disso, citações de obras e entrevistas de artistas e arquitetos serão utilizados no desenvolvimento dessa etapa, quando necessárias.

Em Análises, espacializa-se a reflexões no contexto de Porto Alegre em três partes. Na primeira dessas partes, conta-se um pouco da história da cidade, típica metrópole latinoamericana, a partir de seus conflitos mais importantes. Para tanto, buscou-se momentos e lugares em que eles se evidenciam, utilizando-se as obras dos historiadores Sérgio da Costa Franco, Francisco Riopardense de Macedo e Walter Spalding. Na segunda parte, são mapeados dez áreas passíveis de intervenção para a criação de lugares de memória no Centro Histórico. Elas foram consideradas, a partir da análise apresentada anteriormente, as maiores evidências espaciais daqueles conflitos na cidade. Juntas comporiam um Caminho Público de Memória que circunda a península primitiva de Porto Alegre. Na terceira parte, são apresentadas as justificativas para a escolha da Avenida Padre Thomé como foco das proposições deste trabalho, além de análises técnicas como dimensões, morfologia, infraestrutura, planejamento, topografia e patrimônio da área.

Em Diretrizes, são apresentados os conceitos gerais que guiarão a construção de um lugar de memória no espaço de conflito escolhido, a Avenida Padre Thomé, e a partir deles o programa a ser desenvolvido na área. Essas diretrizes trabalham com três frentes de percepção que surgem dos tipos de conflitos apresentados em Análises.

Em Proposições, são desenvolvidos o anteprojeto paisagístico e arquitetônico para a Avenida Padre Thomé e o plano de gestão que dará forma aos objetivos, reflexões, análises e diretrizes evidenciados neste documento.

.....

ETAPAS DO TRABALHO

REFLEXÕES, ANÁLISES, CONCEITUAÇÕES E PROPOSIÇÕES

.....

4.

Re

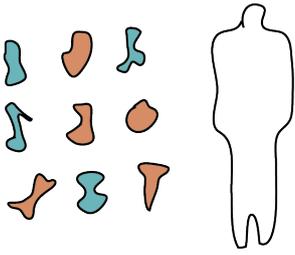
fle

xõ

es

4.1 Sobre a essência da arquitetura.

A essência da arquitetura está em sua dualidade entre a arte e a técnica. Arte no sentido simbólico, abstrato, poético. Técnica no sentido material, físico, utilitário. Arquitetura sempre é, simultaneamente, coisa e símbolo traduzida em espaço, e é nessa tensão que surge o seu poder, afirma o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa (2014). A arquitetura está, conseqüentemente, nesse constante diálogo entre as perguntas formuladas pela filosofia, pela religião, pela ciência e pela arte (pelo ser humano enfim) e as respostas possibilitadas pela técnica. Juhani Pallasmaa afirma ainda que a arquitetura é a mediadora dos conflitos entre o ser humano, a natureza, o tempo e o espaço.

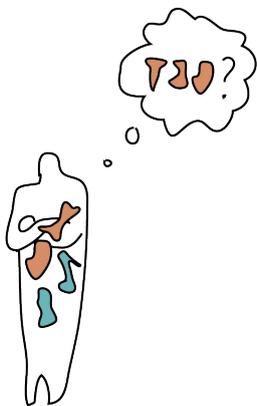


Mas sendo ela ao mesmo tempo coisa e símbolo, mediadora das relações do indivíduo com as dimensões que o circundam, quais são os processos que ela esconde que a tornam tão onipresente quanto invisível à maioria das pessoas? Onde ela se torna essencial e onde ela é mera ilusão? Desvendando e evidenciando esses processos talvez se consiga traduzir a importância da disciplina na vida de cada indivíduo e sociedade. O caminho que será explorado nesse trabalho (que é apenas um dos caminhos possíveis nesse amplo debate) será a relação da arquitetura com os conceitos de memória e identidade, isto é, a arquitetura como parte de uma reflexão existencialista sobre a vida, como diálogo entre o Eu e o Outro.

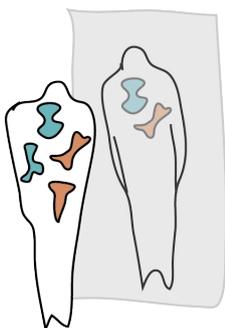


4.2 Sobre a relação entre memória, identidade e arquitetura.

Memória e identidade são dois conceitos complementares. Isso se deve, segundo o historiador estadunidense John R. Gillis (1994), ao fato de que “o significado essencial de qualquer identidade individual ou grupal, isto é, um sentido de igualdade através do tempo e do espaço, é mantido pela recordação; e o que é recordado está definido pela identidade assumida.” Esse sentido de igualdade também é definido por outros autores como coerência, a sua relação com o tempo como continuidade e em relação ao espaço como unidade. Coerência, continuidade e unidade são as três características que definem a nossa identidade.



Numa metáfora possível, a identidade é uma imagem desenhada dentro de nós. Essa imagem é o produto dos sentimentos provocados pelas sensações que captamos com nossos sentidos. Só podemos percebê-la, quando nos olhamos no reflexo do espelho de nossa memória. O reflexo define o desenho, assim como a forma do desenho define o reflexo. Um não existe sem o outro. Como afirmou a atriz Fernanda Montenegro (2017) em uma entrevista: “Eu sou a minha memória. (...) você não existe sem a sua memória. (...) (Sem ela) eu não teria consciência de mim mesma.” Mas essa relação tem peculiaridades que necessitam ser explicadas para sua maior compreensão e futura aplicação em projetos.



O primeiro aspecto a ser destacado é a mutabilidade da memória. Segundo Gillis (1994): “a memória e a identidade não são coisas fixas, mas representações ou construções de realidade, fenômenos mais subjetivos que objetivos (...) nós estamos constantemente revisando nossas memórias para que encaixem em nossas identidades atuais.” *O desenho e o reflexo se redefinem conforme a perspectiva ou o momento em que se olha para eles.* A identidade e a memória são animadas e não estáticas. Elas se moldam em relação ao observador e as intenções que este tem em relação a elas, portanto elas não se perdem ou se encontram, elas simplesmente existem, às vezes, mais claramente definidas, às vezes, não. São sempre estado presente.

E dessa relação fluante está o segundo aspecto a ser destacado, a multiplicidade da memória. Pode-se dizer que não temos apenas uma memória e uma identidade, mas tantas quanto são possíveis de se perceber. *Cada relação desenho e espelho contém uma infinidade de enquadramentos possíveis e conflituosos entre si.* Pensamento traduzido perfeitamente em arte pelo poeta português Fernando Pessoa, o poeta dos heterônimos, que em uma de suas reflexões coloca: “A minha arte é ser eu. Eu sou muitos. Mas, com o ser muitos, sou muitos em fluidez e imprecisão.” (PESSOA, s.d.)

O terceiro aspecto a ser destacado da memória é que por ser múltipla e mutável, ela é fruto de um processo de seleção. A memória é seletiva. Apenas uma minúscula parcela das sensações sentidas ficam guardadas na memória, muitas delas recalçadas em nosso inconsciente de maneira inacessível. *Os reflexos da memória são unidimensionais demais pra complexidade da imagem de nossa identidade. Desse processo, fica-se com a clareza de alguns poucos elementos e o resto é variante e indefinido. As interpretações dessas partes ambíguas fica a cargo de nossos desejos e interesses.* Elas são resultado subjetivo de um jogo de forças dentro de cada um de nós, que define o que será lembrado e o que será esquecido. Esse é o quarto aspecto a ser destacado, a subjetividade da memória.

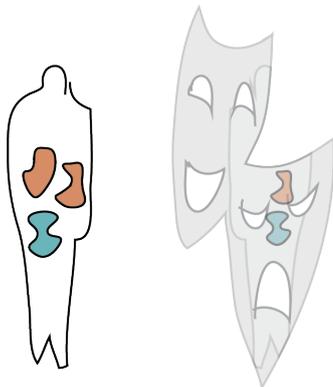
Em 1950, publicou-se pela primeira vez o livro “A Memória Coletiva” do sociólogo francês Maurice Halbwachs. Neste importante livro, o autor, falecido no período da Segunda Guerra Mundial, propõe que a memória é um fenômeno social, ou seja, que as lembranças não podem ser percebidas se não forem levados em consideração os contextos sociais que servem de base para a sua reconstrução. Ela funciona a partir de redes de afetos que enquadram as lembranças do passado em suas relações. A lembrança só existe, portanto, a partir de seu reflexo no Outro e esse é o quinto aspecto a ser destacado da memória, sua relatividade. *Dentro de nossa metáfora, o espelho é uma entidade alheia à nossa vontade. Ele é comandado pelas relações que estabelecemos, pelo Outro.* Mas o que compõe essas relações? Quem é esse outro que define e dá vida às nossas lembranças, e, por conseguinte, a nossa memória e nossa identidade?

O sociólogo austríaco Michael Pollak (2006) propôs uma classificação. *O Outro, os elementos constitutivos da memória, os espelhos em que vemos nossa imagem refletida se resumem a acontecimentos, personagens e lugares.* É nessa parte da discussão, que volta-se para o papel da arquitetura na sociedade. A arquitetura é uma das formas mais verdadeiras de conexão com as identidades individuais e coletivas, porque seu produto, os lugares em que o ser humano habita, contém em si o poder de refletir o que cada um trás dentro de si.

Como afirmou o arquiteto suíço, Prêmio Pritzker em 2009, Peter Zumthor:

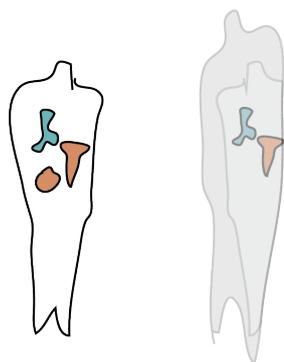
Uma obra pode dispor de qualidades estéticas, quando as suas diversas formas e conteúdos se fundem num ambiente base forte que nos consegue tocar. Esta arte nada tem a ver com configurações interessantes ou com originalidade. Trata da compreensão, bom senso e, sobretudo de verdade. E se calhar a poesia é a verdade inesperada. A sua presença requer o silêncio. Conferir uma forma a esta expectativa silenciosa é a tarefa artística da arquitetura. Porque a própria obra nunca é poética. Apenas pode possuir estas qualidades delicadas que, em momentos especiais, nos deixam perceber o que antes nunca tínhamos percebido. (ZUMTHOR, 1998)

4.3 Sobre memória e identidade na coletividade e suas evidências na construção do espaço.

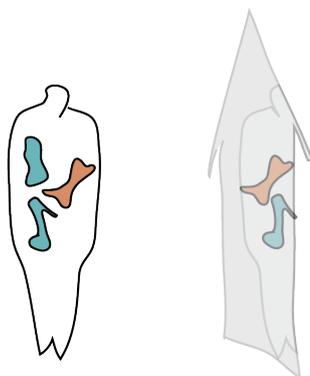


Até aqui destacou-se cinco características essenciais na compreensão dos fenômenos da memória e da identidade: mutabilidade, por suas inconstâncias; multiplicidade, por suas existências paralelas conflituosas; seletividade, por ser resultado de jogos de poder; subjetividade, por ser fruto de interesses e desejos; e relatividade, por ser algo que não existe em si, mas sempre em relação ao Outro.

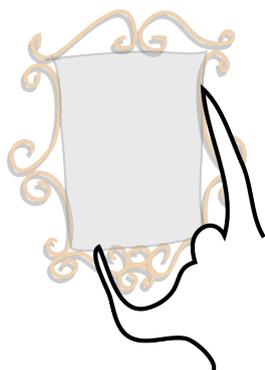
Tais características se aplicam tanto às memórias e identidades individuais, quanto às coletivas. Essa percepção, entretanto, é um esclarecimento pós-moderno do fenômeno, surgindo a partir do entendimento dos jogos de poder que definiram a sociedade que conhecemos e do questionamento desses processos como formação cultural. Percebeu-se que a construção das memórias e identidades são fruto da orquestração dos fenômenos da lembrança e do esquecimento e que isso oprimia e excluía diversas outras perspectivas também plausíveis de serem verdadeiras.



Historicamente, o fenômeno da construção de memória coletiva sempre foi o resultado de jogos de poder entre os grupos que compõem a sociedade. *Os grupos sociais mais poderosos hierarquizam os acontecimentos, os personagens e os lugares de modo que eles reflitam as identidades da maneira que lhes interessa.* Michael Polak (2009) usa o termo “enquadramento de memória” para definir essa ação e classifica esse fenômeno metaforicamente como “investimento”. *Se investe na construção da memória (dos espelhos), para que ela reflita as identidades desejadas.*



Até o início da modernidade, momento em que a Revolução Científica separa a Ciência da Religião, somente a Igreja, o Estado Monárquico e a Aristocracia se preocupavam com as suas memórias. A construção da memória era uma prática exclusivamente institucional e elitista e era o meio pelo qual esses grupos justificavam seu poder, atrelando-o à sua identidade. Segundo Gillis (1994), “fora das classes da elite, os arquivos, as genealogias, os retratos familiares e as biografias eram muito raros. (...) A gente comum sentia o passado como parte do seu presente e não perceberam a necessidade urgente de registrá-lo, de maneira objetiva, nem preservá-lo”.



Para construir a memória coletiva, essas instituições produziram acontecimentos, personagens e lugares que refletiam aquilo que lhes interessava. Especialmente, a construção de castelos, catedrais, monastérios e fortalezas, de monumentos a reis, santos e relíquias eram a materialização dessa preocupação das elites em justificar seu poder através da construção de uma identidade coletiva que se sobrepunha às individualidades do povo. Os indivíduos se identificavam com esses símbolos e os tornavam parte de suas memórias individuais. Essas construções eram as únicas memórias possíveis, todos se identificavam a partir de sua posição insignificante em relação a elas. Elas eram o sagrado, eram a materialização de Deus e de suas leis, que unificava a existência humana e integrava presente, passado e futuro na Terra a partir de sua pequenez em relação à vida eterna póstuma.

Com o início da modernidade, a prática da construção da memória se difunde entre outras instituições e grupos, que compõem as novas elites e concebem novas nações e ideologias, atreladas aos ideais burgueses.

Esse processo revela uma luta pelo poder cultural através da construção das memórias e identidades coletivas.

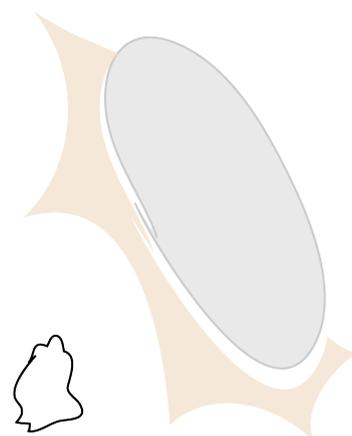
É o momento da Revolução Francesa, da Independência dos Estados Unidos, da Revolução Industrial, do Imperialismo, do Iluminismo, do surgimento do Anarquismo, do Comunismo, do Positivismo... A modernidade traz consigo novas construções de memória coletiva que tensionam as antigas. Como anunciou Nietzsche (1885), esse é o momento que matamos Deus. Isso quer dizer que, a partir desse momento, desconectamos o passado, o presente e o futuro. Destruímos o que havia de mais sagrado na cultura ocidental até aquele momento, que era a continuidade do tempo e sua coerência perante a existência de *Deus, a memória coletiva universal. O espelho que refletia todas as individualidades e a elas se sobrepunha.*

Na modernidade, a memória universal da religião foi substituída pelas "coletividades-memória" e "ideologias-memória" (NORA, 1984). Nossa identidade já não era mais universal, contínua, total e coerente, mas essencialmente conflituosa, como passa a se evidenciar. As características da memória citadas anteriormente, como mutabilidade, multiplicidade e seletividade começam a surgir. As nações, as ideologias e as religiões começam a contradizer-se. Os acontecimentos, lugares e personagens passam a mostrar perspectivas diferentes sobre os mesmos fatos. Uma batalha importante será representada em uma nação de uma maneira diversa daquela que será representada em outra. Numa ideologia, certo personagem personificará o valor a ser seguido, em outra o valor a ser evitado. Nas palavras de Gillis (1994): "A memória moderna nasceu não só de um sentido de rompimento com o passado senão de uma intensa consciência das representações conflituosas do passado e do esforço de cada grupo de criar sua versão das bases da identidade nacional."

Especialmente, surgem outros programas que materializam as outras narrativas possíveis como escolas, clubes, outras formas de religião, centros de partido, centros comunitários, espaços esportivos, bibliotecas, universidades, memoriais nacionais, etc. A arquitetura passa a atuar não só no culto à aristocracia, ao Estado Monárquico e à Igreja, mas também nos espaços da burguesia. Surgem nas cidades novos lugares, que representam memórias e identidades coletivas paralelas àquelas dominantes até então.

É importante, todavia, destacar novamente que esse era um processo de luta e construção exclusivo das elites poderosas. A construção das narrativas sobre o passado tinham perfil, classe, gênero e cor. Eram narrativas para o oprimido e não do oprimido. As construções de memórias coletivas da elite definiram o que se conhece como a História, mas essas construções são apenas enquadramentos possíveis de nosso passado. Enquanto se desenvolvia os embates dos poderosos na construção de suas identidades coletivas, a imensa maioria da população vivia sua vida sem registro algum. Nas palavras de Gillis:

Enquanto (a memória elitista) tentou criar um registro consecutivo de tudo o que havia acontecido desde um ponto particular no passado, a memória popular não fez nenhum esforço em preencher os vazios. Se o tempo da elite marchava mais ou menos linear, o tempo popular dançava e saltava. O tempo da elite colonizou e ajudou a criar as fronteiras dos territórios que nós chamamos nações. Mas o tempo popular foi mais local, assim como episódico. (...) Este não era um tempo que podia ser contido dentro de fronteiras fixas. Era medido não desde os



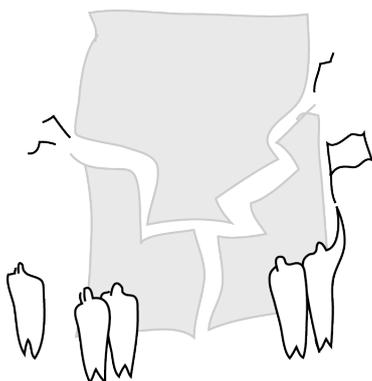
inícios, mas desde os centros. (...) Satisfeita em viver em um presente que continha o passado e o futuro, a gente ordinária não se sentia obrigada a inverter em arquivos, monumentos, e outros lugares permanentes sua memória, se não em memória viva. (GILLIS, 1994)

Essa tensão entre a consolidação de uma identidade coletiva e os fluxos das identidades individuais, entre a memória registrada do oprimido e a memória viva do oprimido, é uma constante com períodos de estabilidade e de instabilidade. Isso ocorre, segundo Pollak, porque:

Cada vez que a memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização. (...) Essa mesma memória (passa) a trabalhar por si só, a influir na organização, nas gerações futuras de quadros, os investimentos do passado, por assim dizer, renderam juros. (...) Quando a memória e a identidade trabalham por si só, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade. (...) em momentos de crise ou de guerra, (...) a crise de memória e do sentimento de identidade coletiva (...) precede, acompanha ou sucede esses momentos. (POLLAK, 2006)

No início do século XX, a cultura ocidental sofre com crises e guerras ocasionadas justamente da perda do controle sobre o conflito entre coletividades-memória. Na luta pelo espaço nas identidades individuais do mundo, na luta cultural pelo poder, no evidente conflito entre as contradições das memórias, nascem as guerras e as crises entre as nações e as ideologias. E o resultado cultural desses conflitos é o que convencionou-se chamar de pós-modernidade, na qual as memórias e identidades baseiam-se unicamente nas individualidades. *Os oprimidos e opressores com a ausência dos grandes espelhos das coletividades, passam a procurar e construir espelho menores, baseados unicamente no que os caracteriza como indivíduos, isto é, a partir dos acontecimentos, pessoas e lugares, os quais eles vivenciaram pessoalmente.* As características da memória explicitadas anteriormente aparecem claramente. A sensação de perda da totalidade, da continuidade e da coerência é evidente. Mesmo o que se chama de movimentos coletivos atualmente como o feminismo, o movimento negro, a luta LGBTT, etc. são fortemente fundamentados na busca do direito dos indivíduos à sua individualidade.

Dentro de nossa metáfora, a pós-modernidade é a destruição dos espelhos em milhares de cacos. Isso significa que cada lugar, cada pessoa e cada acontecimento de nossas vidas se torna importante no reflexo de nossas identidades. Como não temos certeza de qual reflete melhor o que somos, tentamos guardar o máximo possível. Tudo se tornou memória, tudo se registra. Cada nova rede social, cada evento que participamos, cada espaço minimamente agradável a nós, cada pessoa levemente importante, cada produto possivelmente interessante se torna uma parcela possível de nós mesmos. Buscamos individualmente, nas menores parcelas, aquilo que perdemos: coesão, unidade e continuidade. O que tentamos fazer é construir um espelho a partir dos cacos. Esse espelho é tão complexo quanto o sentimento que carregamos dentro de nós. Esse espelho não tem mais forma definida, não tem uma hierarquia clara, é um mosaico aberto a resignificação e a substituição de peças. Ele tenta abranger a complexidade do fenômeno da memória e da identidade com todas as características já citadas e esse processo é extremamente complicado.



Isso se deve ao fato de que, com identidades tão multifacetadas, a memória tornou-se produto. *A construção de cacos de memória é muito mais fácil que a dos espelhos e, portanto, cada empresa e instituição nos vende um pedaço que pode vir a refletir nós mesmos, mas não necessariamente o faz.* É a “sociedade do espetáculo”, evidenciada pelo escritor francês Guy Debord em 1967.

Nesse contexto, a arquitetura passa a estar a serviço da espetacularização da vida. Muitos arquitetos tornam-se criadores de projetos-cacos, fechados em si mesmos, estereotipados para serem facilmente compreensíveis e consumíveis, vazios de significado, mas produtores de imagens. A arquitetura abdica de seu papel de mediadora da complexidade de relações, materialidades e símbolos, para expressar ideias pré-estabelecidas de identidade, seja de empresas, seja de arquitetos, seja de cidades. Como afirma Gillis (1994): “A memória viva, comunicada cara a cara (...) agora tem que competir com uma variedade de outras memórias, algumas oficiais, outras comercializadas.” *A busca pela identidade passa a ser uma procura numa montanha de infinitos cacos falsos e verdadeiros e a solução comum dos indivíduos é a aceleração da fuga desesperada.*

4.4 Sobre aceleração, memória e história e o conceito de “lugares de memória”.

Em 1995, o escritor tcheco Milan Kundera publica o livro “A Lentidão”, em que ele divaga sobre o fenômeno da velocidade a partir de duas histórias de tempos diferentes (uma no século XVIII e outra na atualidade) em um mesmo lugar (um castelo medieval). Talvez a mais interessante das especulações seja a “equação (...) do manual da matemática existencial” que afirma que o grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória; e o grau da velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento. Quanto mais veloz a sucessão de fatos, mais difícil o trabalho de recordar-se. Segundo ele: “Quando as coisas acontecem rápido demais, ninguém pode ter certeza de nada (...) nem de si mesmo.” (KUNDERA, 1995)

O que aumentou na nossa percepção de identidade, não é somente o número de reflexos contraditórios e falsos, mas a velocidade que o percorremos, ou talvez, do ponto de vista de nossa percepção ambos são a mesma coisa. Como afirmou Gillis:

Enquanto alguma vez houve ‘um tempo e um lugar para cada coisa’, as distinções entre os diferentes tipos de tempo e lugares parecem estar colapsando. Assim como o trabalho dos mercados globais ao redor do relógio e da velocidade das comunicações, golpeia nosso sentido de distância, há mais trabalho de memória que fazer e menos tempo e espaço para fazê-lo. Assim como o mundo explode sobre nós, sentimos uma pressão ainda maior como indivíduos para registrar, preservar e recolher. (GILLIS, 1994)

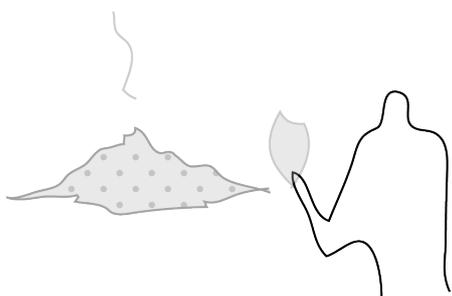
E completa:

Parece que assim como as formas coletivas de memória declinam, um incrementado dever está localizado no indivíduo. (...) estamos na obrigação de recordar mais e mais, devido em grande parte ao fato de que na sociedade moderna cada um pertence simultaneamente a diferentes e variados grupos, cada um com sua própria memória coletiva. (...) Nosso problema é o resultado não da inabilidade do cérebro para recordar, mas

muito mais do fato de que, como indivíduos, não podemos depender do apoio da memória coletiva da mesma maneira na qual antes as pessoas faziam. Dependemos de muitas memórias coletivas, mas não dominamos nenhuma, estamos demasiados conscientes do vazio entre a enorme obrigação para recordar e a incapacidade do indivíduo para fazê-lo sem a assistência de gravadores mecânicos, lembranças e lugares de memória. (GILLIS, 1994)

O fenômeno da aceleração e essa necessidade absoluta de registrar tudo é o que leva o historiador francês Pierre Nora a declarar o “fim da história-memória”, a “oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto”, ou seja, *o fim da tentativa de construções de espelhos de memória e o refúgio da memória aos cacos supracitados*. A obra de Nora é muito importante na compreensão de mais um conceito relacionado a memória, a História. Anteriormente falamos sobre a “orquestração dos fenômenos da lembrança e do esquecimento” e o “investimento nos enquadramentos de memória”. Toda construção tem uma linguagem. *A linguagem da construção de espelhos de memória, que permite sua compreensão e reprodução se chama história*. Os grupos de poder selecionam a memória coletiva a partir da ciência da história. E por ser linguagem, por definir algo subjetivo, mutável, múltiplo e relativo, a história é sempre incompleta. Nas palavras de Nora:

Memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas transformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é construção sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais e flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; o que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1984)



Espacialmente, isso evidencia-se na diferença entre os monumentos históricos e os reais lugares de memória coletiva. Os primeiros, como placas comemorativas, estátuas ou museus mais antigos (muitos semelhantes a depósitos de objetos esquecidos), são invisíveis à imensa maioria das pessoas, repousam fechados em seu próprio tempo, guardados em seus próprios símbolos, presos a um momento determinado na continuidade do tempo e incomunicáveis com o presente, sem ser por essa linha específica e codificada. Enquanto os últimos são geralmente espaços públicos ou semipúblicos que permitem uma constante ressignificação a partir do momento presente. Eles permanecem conectados de alguma maneira às práticas do passado, que também são projetadas no futuro. Os lugares de memória unificam os tempos e assim tem um caráter

sagrado em meio a um mundo profano. São mercados públicos, praças, parques, estádios, feiras, teatros e até alguns espaços comerciais menores que se mantêm. *São espelhos tão complexos e múltiplos, que tornam-se uma memória coletiva real, pois são capazes de refletir uma enorme multiplicidade de identidades individuais.* Nas palavras de Nora:

Lugares portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. (...) Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar no tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes; que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante resgatar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1984)

Os lugares de memória são como mosaicos de cacos das identidades coletivas. Eles não foram construídos a partir da linguagem da história, mas da soma das identidades individuais, como se os mosaicos individuais se integrassem para formar uma imagem plausível de refletir a complexidade que se busca. É, como diz Nora, “uma rede articulada dessas identidades diferentes, uma organização inconsciente da memória coletiva que nos cabe tornar consciente de si mesma.” Nesse processo, Gillis alerta:

Há uma chance de que (...) possamos afogarmo-nos em avalanches de memória, assim como ser separados pela multiplicidade de identidades. O futuro é imprevisível, e não pouco aterrorizante, mas não há regresso. Não temos outra alternativa senão a de construir novas memórias assim como novas identidades que vão melhor com as complexidades da era pós-nacional. Os feriados e monumentos antigos perderam muito de seu poder para comemorar e forçar uma visão única e substantiva do passado, mas permanecem úteis como tempos e lugares onde grupos com memórias muito diferentes sobre os mesmos eventos possam comunicar, apreciar e negociar suas respectivas diferenças. Neste difícil e conflituoso período de transição, as sociedades democráticas necessitam tornar-se públicas, mais que privadas, as memórias e identidades de todos os grupos, para que desta forma cada uma possa conhecer e respeitar as outras versões do passado, entendendo assim melhor o que nos divide assim como o que nos une. Nesta era de identidades plurais, necessitamos tempos e espaços civis mais que nunca, uma vez que são essenciais para o processo democrático pelo qual os indivíduos e os grupos discutem, debatem e negociam juntos o passado e, através desse processo, definem o futuro. (GILLIS, 1994)

4.5 Sobre as especificidades dos fenômenos da memória na América Latina.

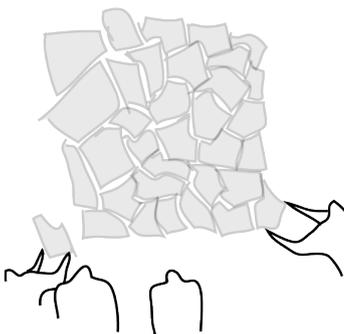
O continente latino-americano possui algumas especificidades em relação às reflexões expostas até aqui, que necessitam ser esclarecidas para a plena compreensão do trabalho. Esse continente nasceu conceitualmente do conflito de identidades culturais extremamente diversas e da sobreposição de umas sobre as outras por meio da violência. *Aqui nunca houve espelhos que unificaram a percepção, mas espelhos parciais destruindo-se mutuamente.* A região mais diversa culturalmente do planeta, vive no eterno conflito e nunca houve em sua

história uma situação diferente. A identidade sempre esteve em crise. A velocidade sempre foi alta. O esquecimento sempre foi rápido. A fuga sempre foi a solução. Na América Latina, nunca se conseguiu continuidade, coerência e unidade para que os investimentos da História gerassem juros porque nunca houve uma História, apesar das múltiplas tentativas. A pré-modernidade, a modernidade e a pós-modernidade não são uma evolução cultural clara, como no continente europeu, mas convivem juntas até hoje, compartilhando tempo e espaço. Nesse contexto, as identidades individuais e coletivas dilaceradas e violentadas encontram-se refugiadas no silêncio e no eterno presente.

Segundo Lechner e Güell (se referindo a transição chilena pós-ditadura militar, mas facilmente aplicável em outros contextos):

A debilidade da política da memória (...) para dar ao passado seu justo lugar na construção da democracia futura tem distintas origens, tanto no sistema político como na atitude da população. Mas, certamente, entre ambos se produziu uma espécie de reforço negativo. De um lado, os cidadãos, assustados por experiências traumáticas, temem os conflitos e preferem a 'democracia dos acordos' colocada em cena pelo sistema político. Na prática, isso leva ao esquecimento, pois a recordação é a representação de um conflito. De outro lado, imperou o foco do discurso público na governabilidade do presente e nos êxitos do futuro (...), terminando por inibir o duelo. Entendida a governabilidade mais como ausência de conflitos do que como forma coletiva de processá-los, a política da memória não contribui para afugentar os fantasmas da memória. A recordação traz um conflito incontrolável. A população não encontra no âmbito político as representações simbólicas que possam servir-lhe de espelho para dar nome ao passado e com isso apropriar-se dele. Na falta de palavras e símbolos para dar conta do passado, ela opta pelo silêncio. E a memória opta por apropriar-se da população pela porta dos medos. Em resumo, a cidadania solicita ao sistema político a representação 'neutralizada' de uma sociedade sem passado, na qual, conseqüentemente, não pode reconhecer-se. (LECHNER e GÜELL, 1998)

A esse processo os autores chamam "construção social do silêncio" (LECHNER e GÜELL, 1998), os traumas sociais profundos ao não serem julgados e esclarecidos, tornam-se indecodificáveis, ou seja, "prevalece uma fragmentação das recordações que impede a população reconstruir uma trajetória com certa consistência. As imagens se justapõem como flashes sem gerar sequência alguma. A população não quer falar do passado, tem vontade de esquecê-lo, mas não podem deixar de perceber a presença diária desse passado. Reina uma memória (...) que se infiltra pelos recantos da consciência como um ruído chato e permanente."(LECHNER e GÜELL, 1998)



Segundo nossa metáfora, a sociedade latinoamericana vive rodeada de cacos, que refletem suas identidades verdadeiras, mas ela não consegue usá-los na construção de seu mosaico, o qual fica com buracos evidentes e perceptíveis por sua ausência de reflexos.

O espelho de nossas identidades é uma "memória banal", isto é, "uma memória de dores e medos cotidianos, sem discurso legitimatório, que assume o acontecido como parte do 'normal e natural'. Uma normalidade que, na ausência de sangue visível, é incapaz de refletir sobre seus danos." São "memórias feitas de silêncios", *espelhos feitos de vazios*, os quais "se instalam pouco a pouco, não obedecendo a ordem alguma.

(...) um silêncio que não é esquecimento. Conhece as histórias, mas as cala. Talvez uma maneira de expressar o inominável, talvez uma estratégia de lidar com afetos contraditórios. Um silêncio que faz gesto de cortesia entre desconhecidos e busca a cumplicidade entre amigos. (...) Um silêncio que não é simples ausência de palavras. Também é ativo: o silenciamento. Não tem que ser uma ação deliberada. Às vezes, é uma mera omissão.” (LECHNER e GÜELL, 1998)

A consequência principal do silenciamento, segundo os autores, é a “perda da historicidade”, ou seja, a construção de identidades individuais e coletivas sem história. E “despojada de sua história (...) a realidade social perde toda a presença afetiva.” (LECHNER e GÜELL, 1998) *Em nosso espelho parcial, construído sem história, não conseguimos nos entender claramente e de tanto não nos enxergarmos, deixamos seguidamente de procurar nossa imagem ou de tentar construí-la.*

Mas como se vive sem olhar a própria imagem, sem buscar sua identidade, sem coragem de olhar os reflexos de sua memória? Como conseguimos viver presos num presente sem passado ou futuro? As respostas estão em nosso cotidiano: medo, violência, desesperança, ódio, resignação, ausência de projetos coletivos e perda da capacidade de sonhar outras possibilidades de futuro.

Isso se deve segundo os autores ao fato de que o passado e o futuro são uma “relação de duplo sentido”, isto é, “uma débil noção de futuro debilita a leitura do passado e, ao contrário, o silenciamento do passado provoca a perda da capacidade de criação de um horizonte de futuro.” (LECHNER e GÜELL, 1998)

No final do século XIX, o abolicionista Joaquim Nabuco escreveu:

A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil. Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contato foi a primeira forma que recebeu a natureza virgem do país, e foi a que ele guardou; ela povoou-o como se fosse uma religião natural e viva, com os seus mitos, suas lendas, seus encantamentos; insuflou-lhe sua alma infantil, suas tristezas sem pesar, suas lágrimas sem amargor, seu silêncio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte... É ela o suspiro indefinível que exalam ao luar as nossas noites do norte. (NABUCO, 1900)

Na América Latina, pode-se dizer que somos escravos de nossa própria condição de medo, silenciamento e permanência no presente. A única opção para reverter esse ciclo é encarando essa condição, com todas as suas memórias doloridas. É necessário criar espelhos capazes de refletir e nomear todas as nossas contradições identitárias, para que possamos entendermo-nos. É preciso trazer o passado e o futuro para próximo do presente, sacralizar a vida tantas vezes profanada. É urgente aceitar os conflitos como parte de quem somos e discuti-los claramente para que possam ser ponderados. Assim a violência, presente de tantas maneiras, enfim diminuiria. Nossas feridas precisam doer para cicatrizar.

Especificamente no campo da arquitetura e do urbanismo, *as cidades latinoamericanas contém em seus traços, lugares, habitantes e acontecimentos a maior parte desses conflitos. A memória está ali, mas ninguém a vê. São cacos extremamente verdadeiros de nosso mosaico, silenciados e escondidos.* Destruímos nossas cidades, sobrepondo novos presentes. Ocultamos nossas verdades em um infinito de mentiras

vazias consumíveis. Nos refugiamos das múltiplas desigualdades, da escravidão, da ditadura, da colonização e da violência em shoppings, torres de vidro, condomínios fechados e clubes. Negamos nossa diversidade, vivendo em padrões seguros. Evitamos ao máximo a rua e o espaço público e, às vezes, para suportá-lo, o privatizamos. *Nossas cidades, contém múltiplas cidades uma dentro da outra, um mar de espelhos a ser desvendado*, e conseqüentemente, a arquitetura tem muito a contribuir nesse debate.

4.6 Reflexões Finais

Acredito que se os arquitetos e arquitetas forem capazes de traduzir os conflitos da sociedade latinoamericana e da pós-modernidade em forma, em lugares de memória, talvez o medo e o silenciamento diminuam. Se começarem a conversar com a ambiguidade das perguntas da sociedade, ao invés da especificidade de seus problemas, como proclamou Aravena (2017), talvez a profissão se torne mais significativa. Se conseguirem criar espaços públicos verdadeiros, como afirmou David Harvey (2006), talvez a identidades individuais comecem a encarar suas contradições, tornando-se coletivas e assim a dor comece a cicatrizar e a violência a baixar. Se forem capazes de mediar a relação do homem com as dimensões que o envolvem, sua essência para Juhani Pallasmaa (2014), talvez invertamos o ciclo de esfacelamento da memória e da identidade que leva inevitavelmente a crises e guerras. Se entenderem que são gestores de recursos escassos e designers de ecossistemas econômicos e ecológicos, como disse Bjarke Ingels (2012), talvez possamos impedir a destruição de sociedades inteiras pela crise climática.

Hipóteses que, como futuro arquiteto, ambiciono explorar com esse trabalho. Encerro essa parte do trabalho com uma provocação de Zumthor (1998), em seu livro “Pensar a Arquitetura”, sobre os caminhos possíveis da profissão para conversar com essas problemáticas:

‘Tudo é possível’, ouve-se no mundo dos que fazem. (...) ‘Já nada se pode fazer’, dizem aqueles que sofrem com a inospitalidade dos nossos tempos. Estas afirmações representam opiniões contraditórias, se não mesmo fatos contraditórios. Parece que estamos nos habituando a viver em discrepâncias, e também podemos nomear algumas razões para este fato: as tradições dissolvem-se, já não existem identidades culturais fechadas. A economia e a política desenvolvem uma dinâmica que ninguém parece realmente perceber ou controlar. Tudo se mistura com tudo, e a comunicação massificada evoca um mundo artificial de sinais. Arbitrariedade é a palavra da ordem.

Talvez se possa descrever a vida pós-moderna da seguinte forma: tudo o que vai para além dos nossos dados autobiográficos parece vago, difuso e, de qualquer modo, irreal. O mundo está cheio de sinais e informações que representam coisas que ninguém percebe inteiramente, porque também estas, por seu lado, se revelam afinal como sinais para outras coisas. O que é verdadeiro continua escondido. Ninguém jamais o verá.

Apesar disso estou convencido que - se bem que ameaçadas - ainda existem coisas verdadeiras. Existe a terra e a água, a luz do Sol, a paisagem e a vegetação. Existem objetos feitos pelo homem, como as máquinas, ferramentas e instrumentos musicais que são o que são, que não carregam nenhuma mensagem artificial consigo, cuja presença é natural.



Quando observamos objetos ou obras que parecem repousar dentro de si próprias, a nossa percepção torna-se, de uma maneira especial, calma e obtusa. O objeto, com que nos deparamos, não nos impõe nenhuma mensagem, simplesmente está lá. A nossa percepção torna-se então silenciosa, imparcial e não possessiva. Encontra-se além dos sinais e símbolos. Está aberta e vazia. É como se visse alguma coisa que não se deixa atrair para o centro da consciência. Agora, neste vácuo da percepção, pode surgir uma memória no observador que parece ter origem na profundidade do tempo. Ver o objeto significa agora também adivinhar o mundo na sua totalidade, uma vez que não há nada que não se possa perceber. (ZUMTHOR, 1998).

.....

A METÁFORA DOS ESPELHOS DA MEMÓRIA

1. NOS RELACIONAMOS COM AS COISAS DO MUNDO A PARTIR DE SENSações CAPTADAS POR NOSSOS SENTIDOS, AS QUAIS GERAM SENTIMENTOS;

2. OS SENTIMENTOS GERADOS CONSTROEM A NOSSA IDENTIDADE, QUE FUNCIONA COMO UM IMAGEM COMPLEXA DESENHADA DENTRO DE NÓS;

3. SOMOS INCAPAZES DE ENTENDER ESSA IMAGEM POR NÓS MESMOS;

4. SÓ CONSEGUIMOS VISUALIZÁ-LA A PARTIR DE SEUS REFLEXOS NOS ESPELHOS DA MEMÓRIA;

5. ESSES ESPELHOS, GERADORES DE MEMÓRIAS, PODEM SER LUGARES;

6. PODEM SER ACONTECIMENTOS;

7. OU PODEM SER PESSOAS;

8. OS ESPELHOS DA MEMÓRIA SÃO CONSTRUÍDOS A PARTIR DA CIÊNCIA DA HISTÓRIA, USADA TRADIACIONALMENTE PELOS PODEROSOS PARA REFLETIR SEUS INTERESSES;

9. NA PRÉ-MODERNIDADE, SÓ EXISTIA UM GRANDE ESPELHO QUE SE SOBREPUNHA A TODOS, DEUS;

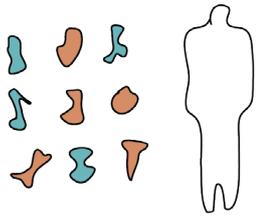
10. NA MODERNIDADE, ESSE GRANDE ESPELHO SE QUEBRA NOS ESPELHOS MENORES DAS IDEOLOGIAS E NAÇÕES;

11. NA PÓS-MODERNIDADE, ESSES ESPELHOS MENORES SE DILACERAM EM CACOS, OS QUAIS PASSAM A REFLETIR PARCELAS MINÚSCULAS DE NÓS MESMOS;

12. LUGARES DE MEMÓRIA SÃO COMO UM MOSAICO DE IDENTIDADES CONSTRUÍDAS A PARTIR DESSES CACOS;

13. NA AMÉRICA LATINA, A COLETIVIDADE NEGA PARTE DE SUAS MEMÓRIAS, DEIXANDO SEU ESPELHO COM BURACOS PERCEPTÍVEIS.

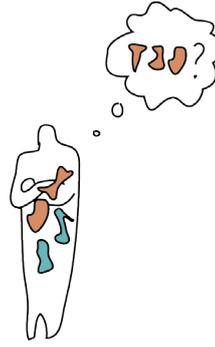
.....



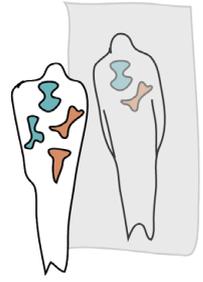
1



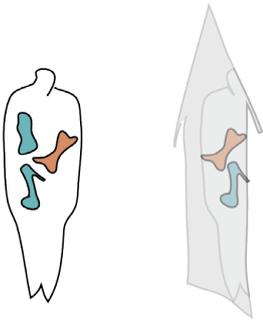
2



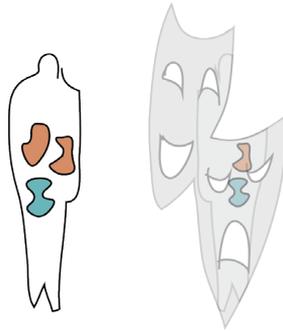
3



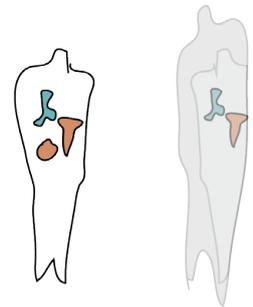
4



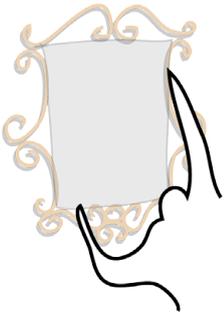
5



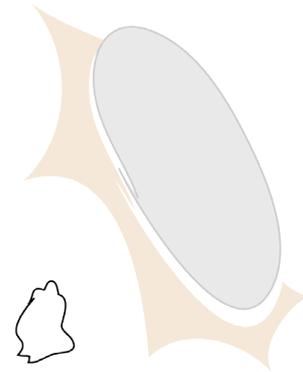
6



7



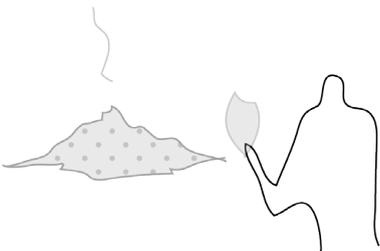
8



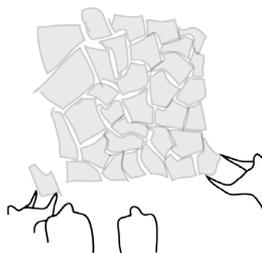
9



10



11



12



13

5.
An
á
lis
es

5.1 Sobre a construção da identidade de Porto Alegre a partir de seus conflitos.

A identidade de qualquer cidade é construída a partir do resultado de encontros conflituosos. Dos resultados destes dependem a unidade, a continuidade e a coerência que compõem sua identidade. A memória das cidades é reflexo dos personagens, lugares e acontecimentos que definem e são definidos por esses momentos.

Na América Latina, esses conflitos foram extremamente violentos simbólica e materialmente. Uma violência que deixou cicatrizes feias, as quais nos acostumamos a não olhar e tentar esconder, mas justamente por isso, elas permanecem abertas e sentidas por seus cidadãos.

Em Porto Alegre, isso não é diferente. Essa cidade, capital do Rio Grande do Sul, enfrentou uma série de conflitos que deixaram cicatrizes escondidas em seus caminhos e caminhanças. A colonização, as imigrações, as guerras, a escravidão, as ditaduras, as enchentes, o desenvolvimento tecnológico, a ideologia positivista, o exodo rural, as desigualdades de gênero, de classe e de cor, o déficit habitacional, a supremacia do carro, a especulação imobiliária, etc. Todos conflitos que são verdades silenciadas em nosso cotidiano, feridas abertas, mas ocultas; sentidas, mas não discutidas.

As consequências disso já foram exploradas em Reflexões. Nessa parte, buscou-se classificar os tipos de conflito que moldaram a identidade da cidade de Porto Alegre a partir de uma análise específica de cada um em sua história, localizando algumas evidências no tempo e no espaço.

5.1.1 Os Conflitos Geográficos

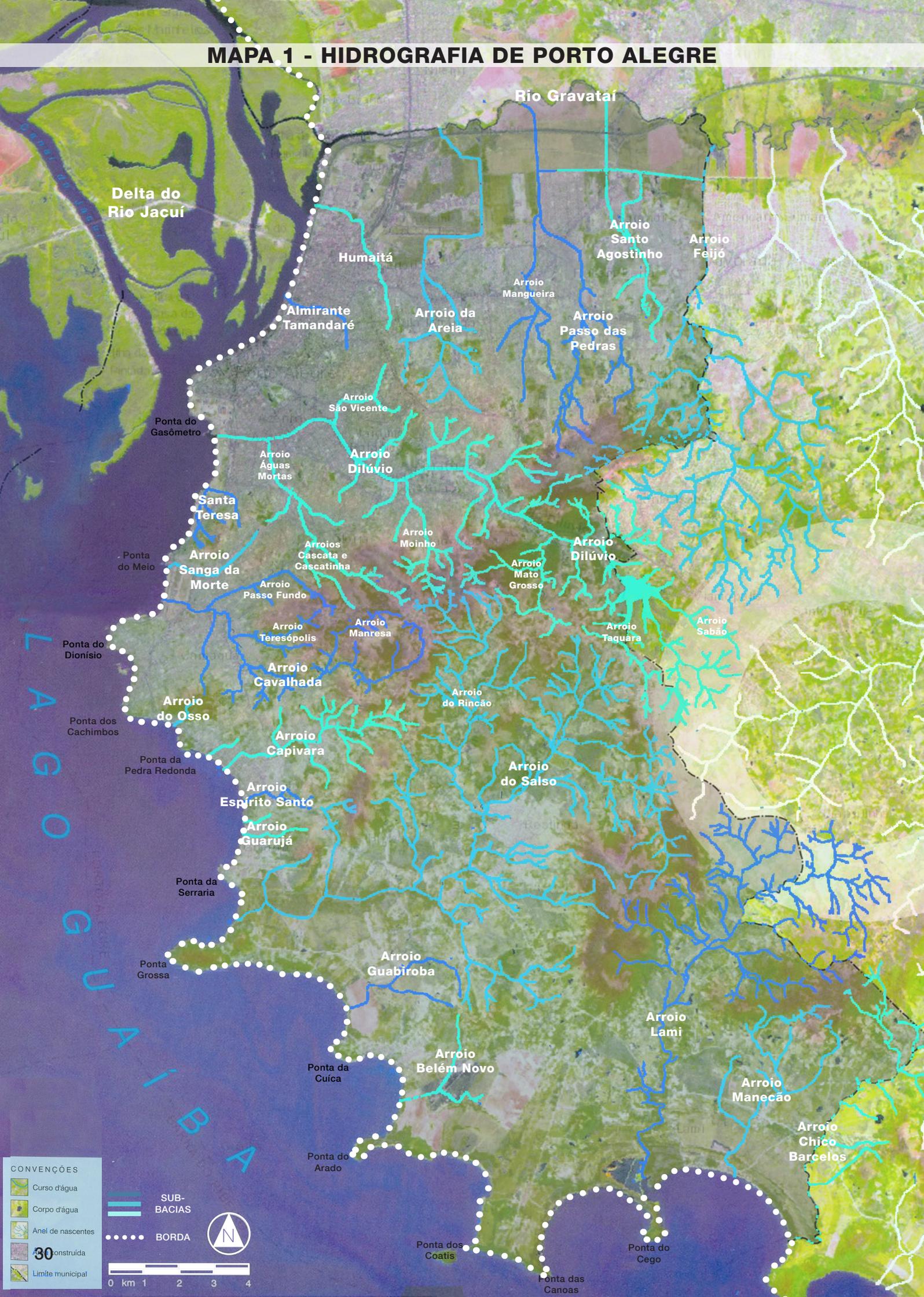
A primeira classe de conflitos que compõe a identidade da cidade de Porto Alegre são aqueles decorrentes do enfrentamento entre seus habitantes e sua condição geográfica. A relação dos porto-alegrenses com os morros que os circundam e principalmente com as águas do Guaíba é caracterizada por momentos de amor, ódio, orgulho e medo. E, talvez essa seja a primeira dimensão que a arquitetura atue como mediadora na cidade, a relação do ser humano com a natureza que o envolve.

Porto Alegre teve ao longo de sua história vários nomes: Porto de Viamão, Porto Dornelles, Porto dos Casais e Porto Alegre (sendo esses dois últimos com algumas variantes). Entretanto, o que quero destacar é o vocábulo que unificou todos esses nomes: Porto. Parte importante da identidade de Porto Alegre está em sua condição, hoje oculta, de ser borda, lugar de parada e partida entre a água e a terra, península circundada de morros e várzeas.

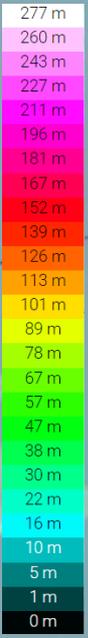
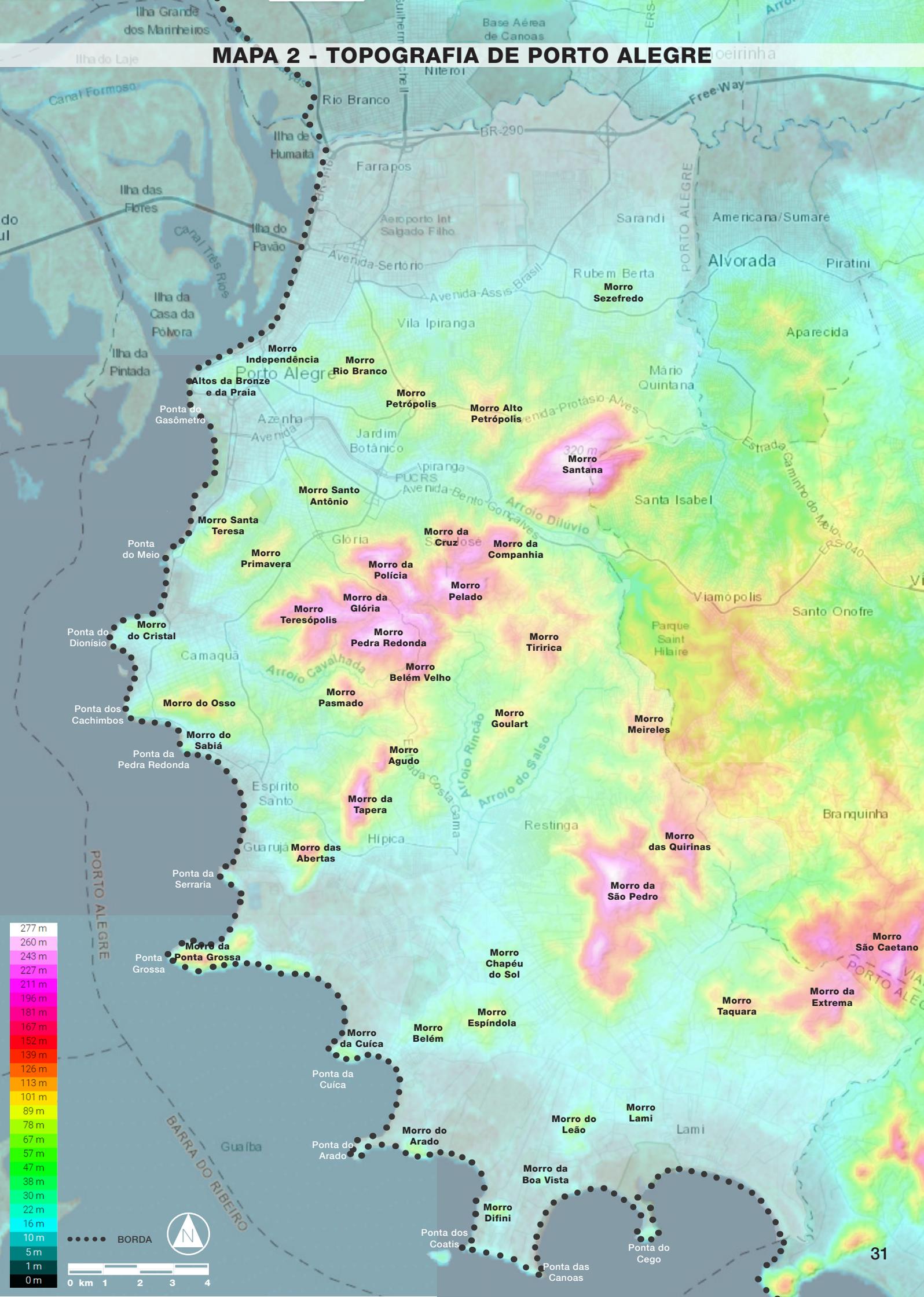
Os conflitos geográficos da cidade ao longo da história se baseiam em três aspectos: acessibilidade, saneamento e drenagem.

Acessibilidade, pois na sua evolução a cidade se apropriou dos morros e avançou sobre a água para criar mais espaço de acesso e circulação. Desde o começo como povoado à beira do Lago Guaíba, junto a desembocadura do arroio Dilúvio, até a cidade atual com seus grandes viadutos e largas avenidas, a cidade passou por um processo que sobrepôs às necessidades imediatas de seus habitantes aos aspectos naturais que davam beleza ao sítio primeiramente. A geografia foi um

MAPA 1 - HIDROGRAFIA DE PORTO ALEGRE



MAPA 2 - TOPOGRAFIA DE PORTO ALEGRE



impedimento à necessidade de acesso rápido que a cidade precisava para evoluir economicamente, e assim, passamos a ignorar a geografia como parte do que a cidade é, mesmo ela ainda estando ali.

Saneamento, porque, nesse processo de sobreposição do homem à natureza, a água, antes fonte de abastecimento e de vida, motivo para escolha do sítio em primeiro lugar, passou gradativamente a ser depósito de esgoto e de lixo, tornando-a um espelho desagradável de nosso desenvolvimento insustentável. Assim, gradativamente passamos a odiá-la, ou ainda pior, ignorá-la. Devido à falta de saneamento, deixamos de olhar o Guaíba e seus afluentes como parte do que somos.

Drenagem, porque devido à sua condição de borda, a cidade sofreu ao longo de sua história com muitas e sucessivas enchentes, que causaram estragos significativos. A partir desses estragos justificou-se a exclusão do Guaíba e sua bacia da vida da cidade, construindo-se diques de proteção, canalizando-se arroios e construindo um grande muro no centro da cidade. Aquela água, que refletia nosso desenvolvimento insustentável, foi definitivamente excluída da vida dos porto-alegrenses e assim a cidade encontra-se hoje, com a parte física e geográfica de sua identidade oculta de si mesma.

No Centro Histórico, pode-se afirmar que existem três evidências desse processo. São eles:

A primeira evidência é *a expansão da borda da península por sobre a água* com seus sucessivos aterros (1888, 1916, 1921, 1956, 1973 e 1978). Esse processo transformou uma península com um pequeno trapiche junto à desembocadura do arroio Dilúvio, em 1732, quando as primeiras famílias fixaram-se na região, em um complexo sistema de avenidas largas, protegido de cheias e um grandioso cais. Esse processo gradual, começa com a construção de inúmeros atracadouros e pequenas docas, na primeira metade do século XIX; continua com a construção de docas maiores junto ao atual Mercado Público e à Praça da Alfândega, na segunda metade do século XIX; até a construção do Cais do Porto (Mauá, Navegantes e Marcílio Dias) na primeira metade do século XX; e, por fim, é concluído com o sistema de proteção contra as cheias do Guaíba composto pelo Muro da Mauá e grandes avenidas sobre diques. Com os aterros, construíram-se sucessivamente, nessa parte da cidade, as atuais avenidas 7 de Setembro, Siqueira Campos, Júlio de Castilhos, Mauá, Legalidade, Loureiro da Silva, Presidente João Goulart e Edvaldo Pereira Paiva.

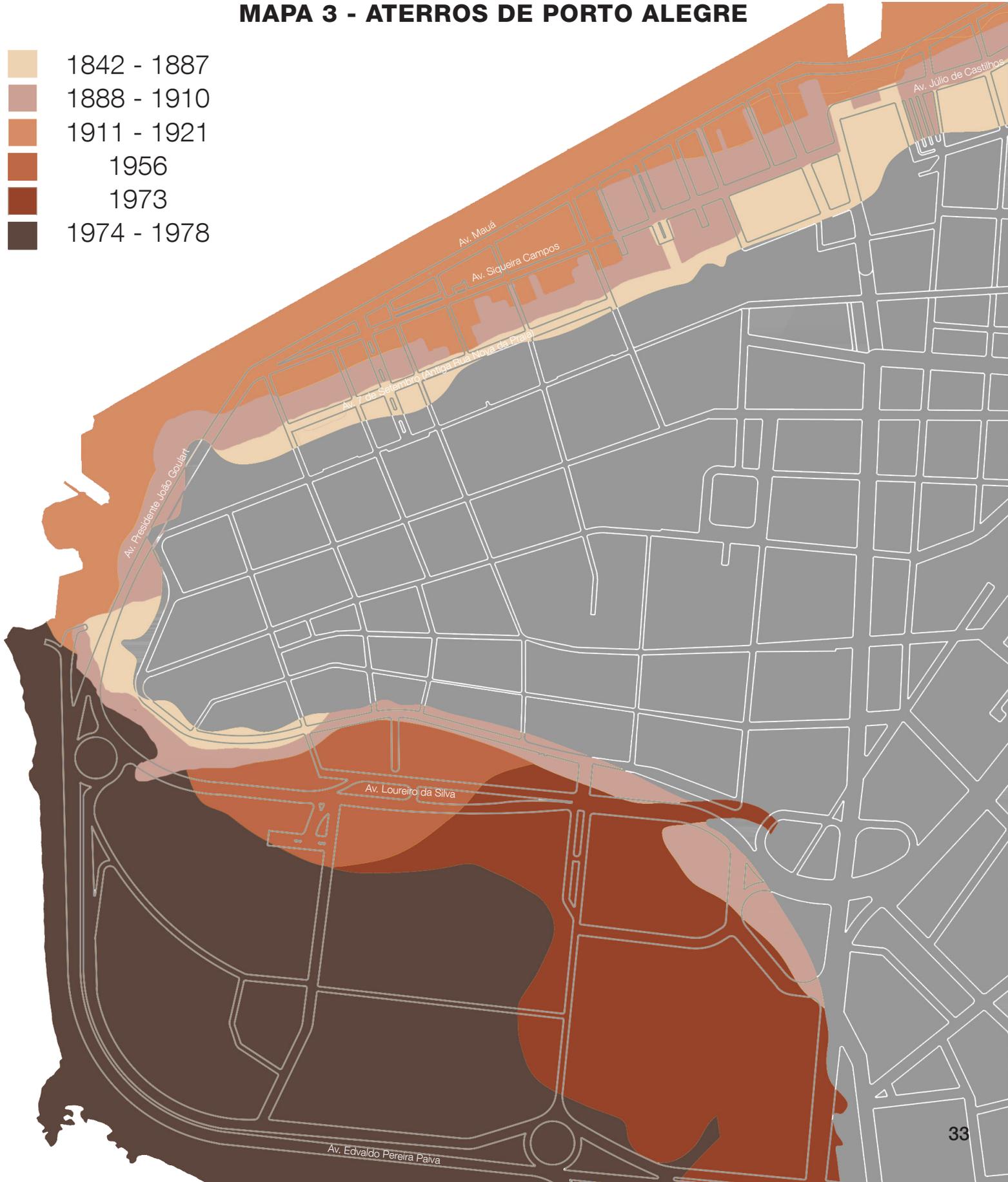
A segunda evidência é a *construção de vias cortando os morros*, como o Viaduto Otávio Rocha, entre 1928 e 1932, e o Túnel da Conceição, entre 1970 e 1972, perante a necessidade de acesso rápido e de desenvolvimento. A cidade ocupou totalmente seus morros com construções tão altas que não se percebe mais a diferença de topografia que compõe sua identidade geográfica. Fora do centro, ainda existiram diversas pedreiras que destruíram grandes partes dos morros para a construção dos aterros citados anteriormente.

A terceira evidência é *a canalização dos arroios da cidade*, como o Arroio Dilúvio, cujo encontro com o Guaíba compunha uma espécie de “marco zero” de Porto Alegre *e a presente condição de ambos como impróprios para banho e consumo*. Isso se deve ao ainda pífio sistema de tratamento de esgoto da cidade, que transporta todo seu esgoto para as águas que nos circundam e nos abastecem.

Essas águas, hoje maltratadas e poluídas, e morros, hoje ocultos e desmatados, são o berço sob o qual a cidade se desenvolveu. Porto Alegre não existiria sem sua presença, são um espelho que reflete nossa identidade e contém as mais profundas de nossas memórias coletivas. A invisibilidade a que estão sujeitos hoje é um dos responsáveis pela descontinuidade e incoerência de nosso tempo e a nossa perda de identidade enquanto cidade. E esses são os primeiros aspectos que os lugares de memória aqui devem evidenciar.

MAPA 3 - ATERROS DE PORTO ALEGRE

- 1842 - 1887
- 1888 - 1910
- 1911 - 1921
- 1956
- 1973
- 1974 - 1978



EVIDÊNCIA A1 - A CONSTRUÇÃO DOS ATERROS DE PORTO ALEGRE



Praça XV (Antiga Praça do Paraíso) e Mercado Público



Doca do Mercado Público



Doca da Alfândega

1842 - 1887

São feitos os primeiros aterros de Porto Alegre para a construção do Mercado Público e da Alfândega com suas docas, além da Cadeia na ponta da península. Construiu-se também a Rua Nova da Praia, atual 7 de setembro para conectar melhor esses pontos.



Antiga Praça do Paraíso com Mercado e Doca



Doca da Alfândega com antigo prédio da Caixa Econômica Federal ao fundo

1888 - 1910

Começam a acontecer pequenos aterros particulares simultaneamente a proliferação de rampas de acesso, trapiches e docas. A urgência da construção de um porto torna-se evidente.



Clube de Regatas



Proliferação de Trapiches



Proliferação de Docas



Pólo Aquático

1911 - 1921
É feito um grande aterro para a construção do Cais Mauá, porto que possibilitará grande desenvolvimento econômico a cidade de Porto Alegre.



Construção das Docas do Cais



Cais Mauá

1956 - 1978

São feitos uma série de aterros que compõem o sistema de proteção de Porto Alegre contra as cheias do Guaíba e criaram grandes áreas públicas de lazer, administrativas e de infraestrutura.



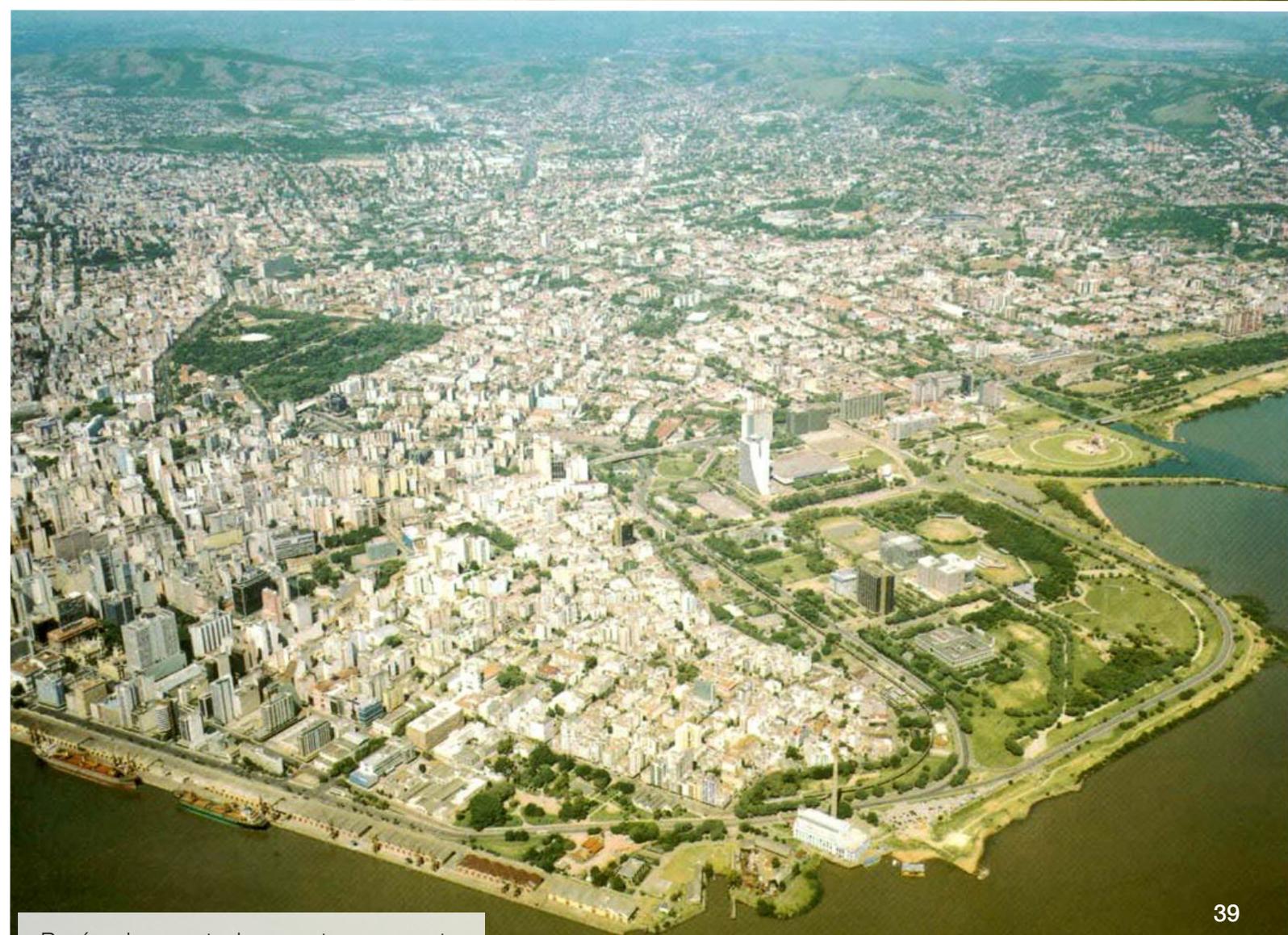
Península com a Usida do Gasômetro e a Casa de Correção ao lado



Construção dos prédios administrativos



Vista do Morro Santa Teresa dos aterros da Zona Sul e da Península



Península com todos os aterros prontos

Atualmente
A água deixou de existir no
cotidiano dos porto-alegrenses,
foi afastada pelos aterros, pelas
avenidas e escondida atrás de
muros e diques.



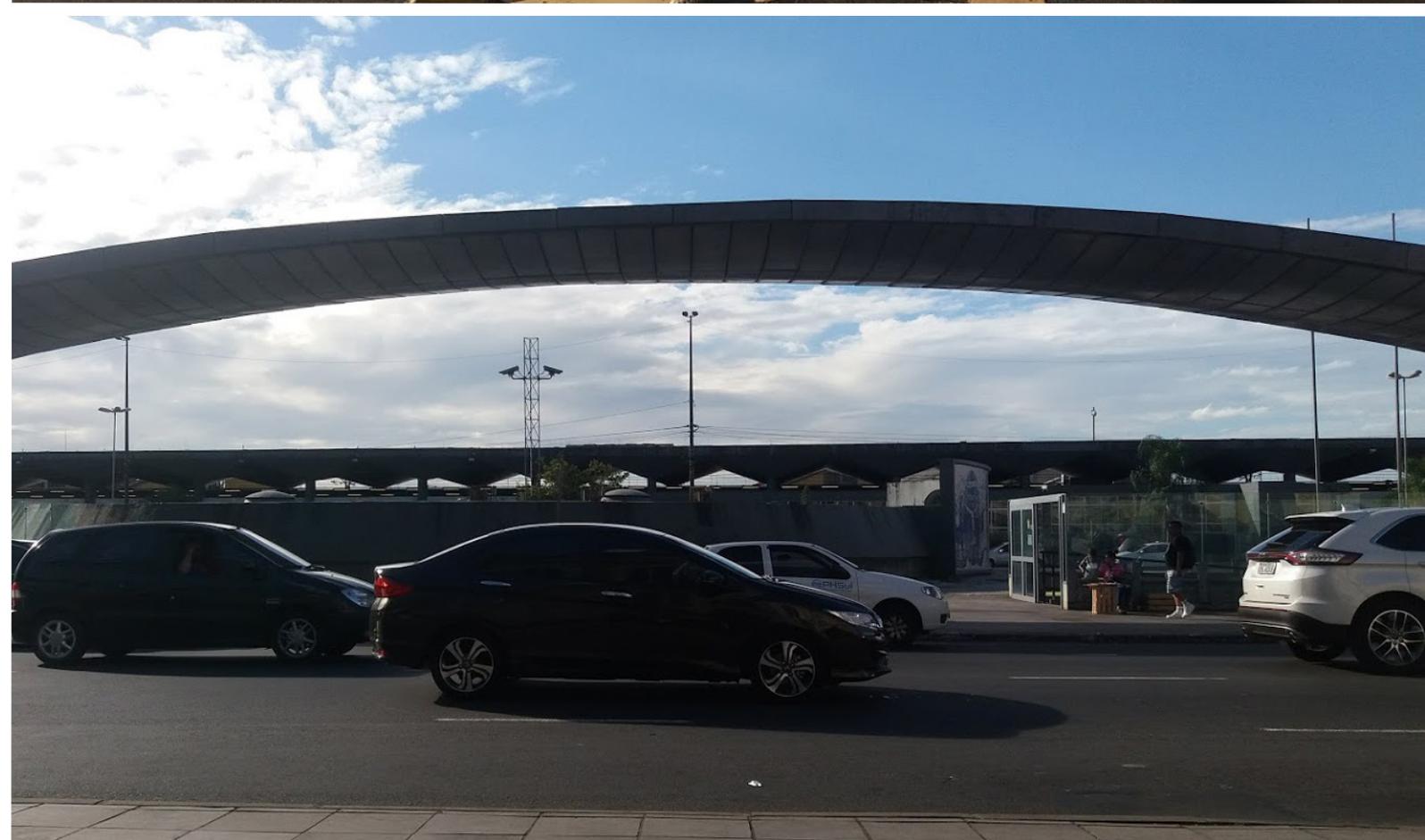
Avenida Mauá atualmente



As docas abandonadas atrás do muro



Vista do Muro da Avenida Padre Thomé



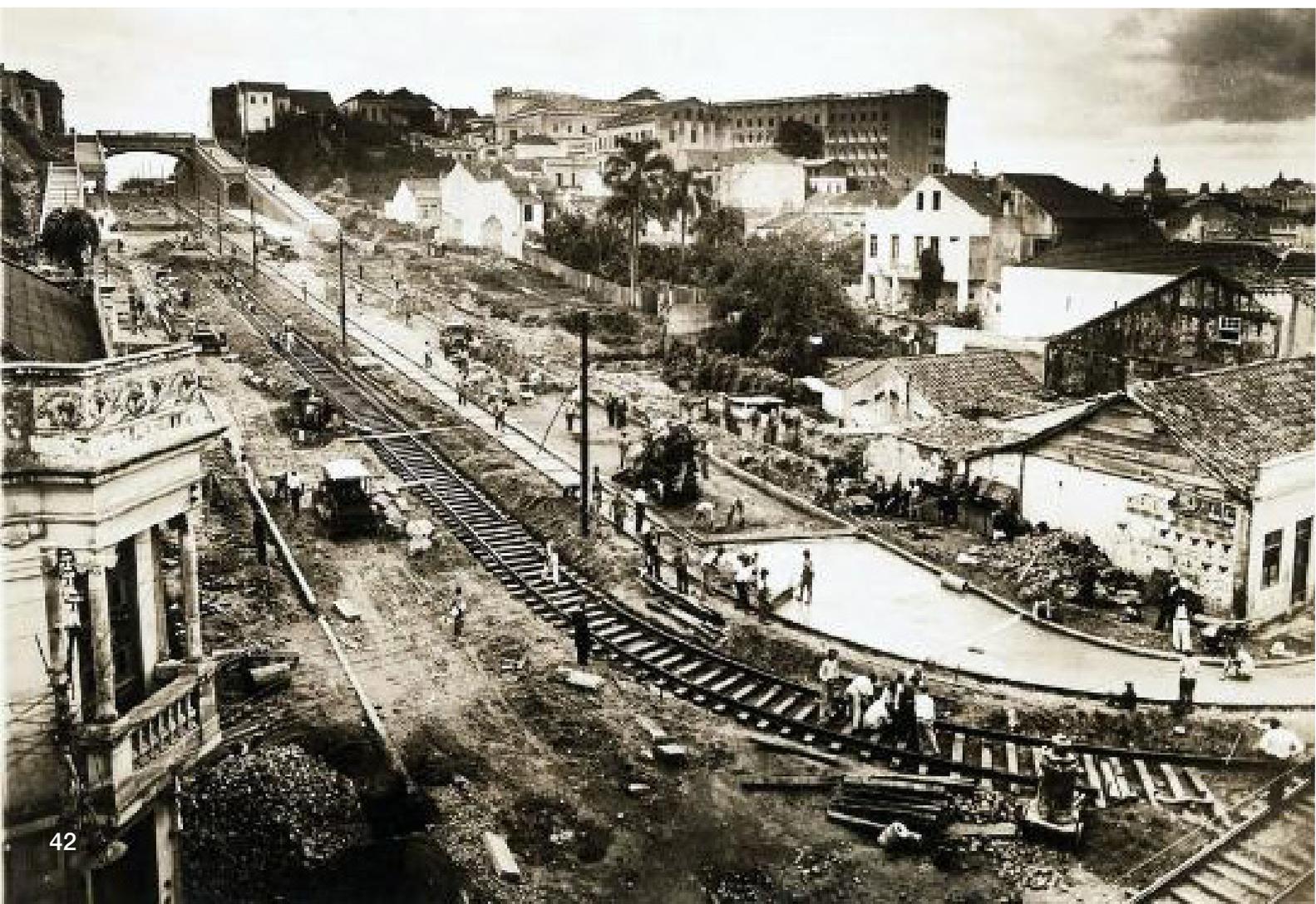
Os transportes bloqueando o acesso e a vista do Guaíba na Praça Revolução Farroupilha

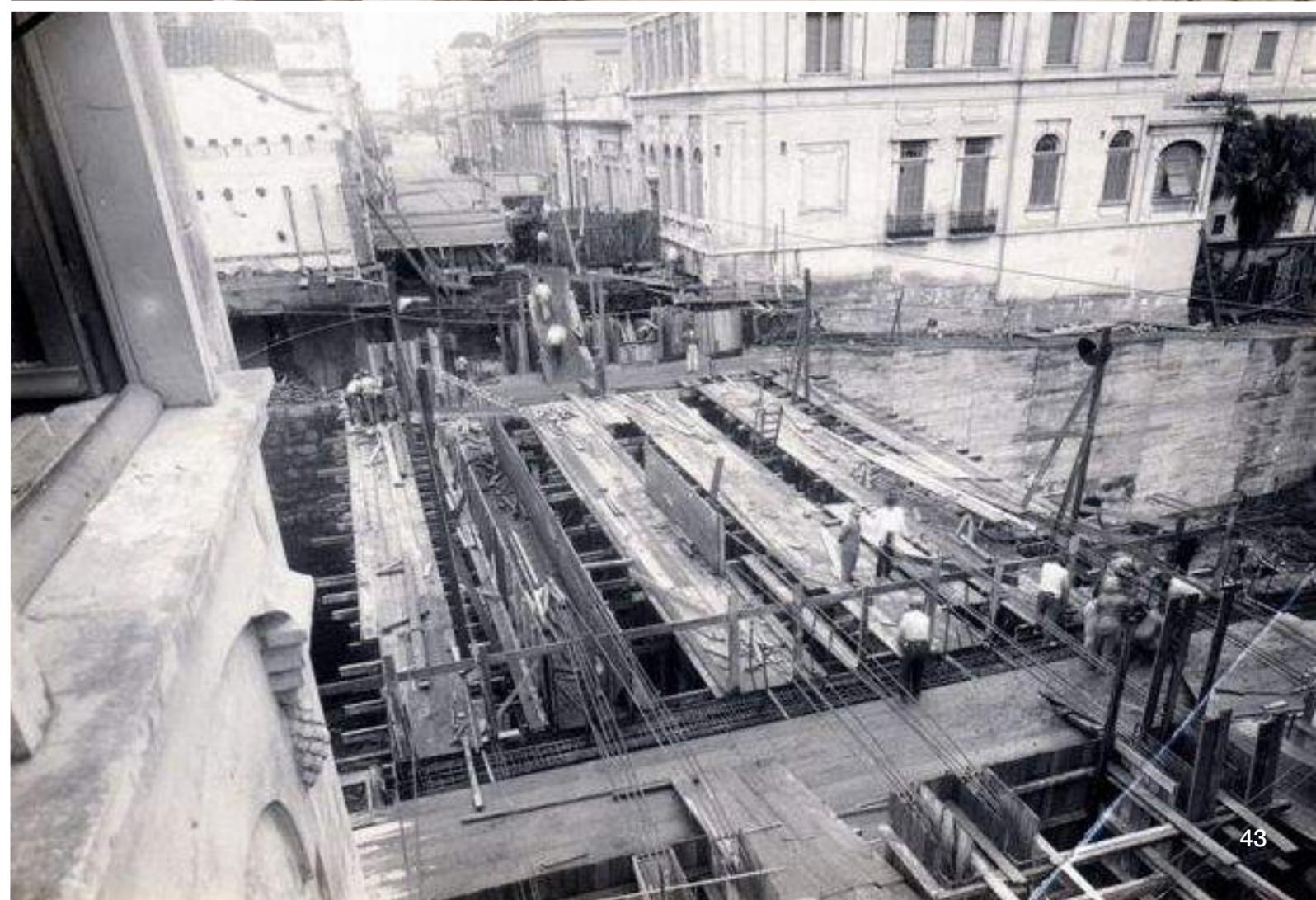
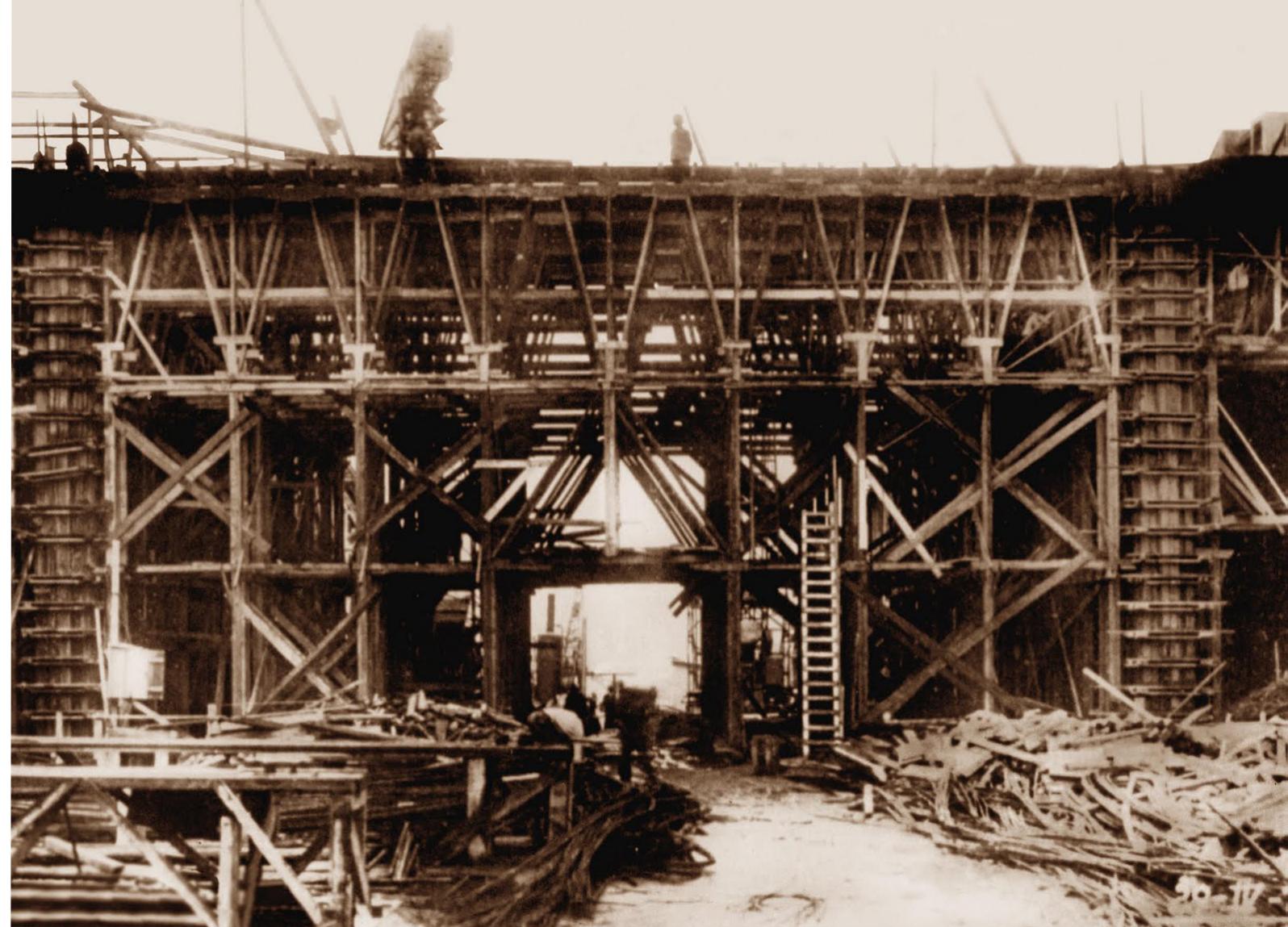
EVIDÊNCIA A2 - A CONSTRUÇÃO DO VIADUTO OTÁVIO ROCHA



1927 - 1932

Projetado pelos engenheiros Manoel Itaqui e Duilio Bernardi e previsto no Plano de Melhoramentos de 1914, o Viaduto Otávio Rocha é uma obra que ainda impressiona pela sua grandiosidade. Em pleno início de século, em uma cidade ainda provinciana com entorno de 200.000 habitantes, o prefeito Otávio Rocha, apoiado pelos cidadãos, decide cortar a crista central da cidade, para conectar a Zona Sul ao Porto de maneira mais eficiente e moderna. É um grande exemplo da sobreposição da técnica sobre a geografia dos morros da cidade.





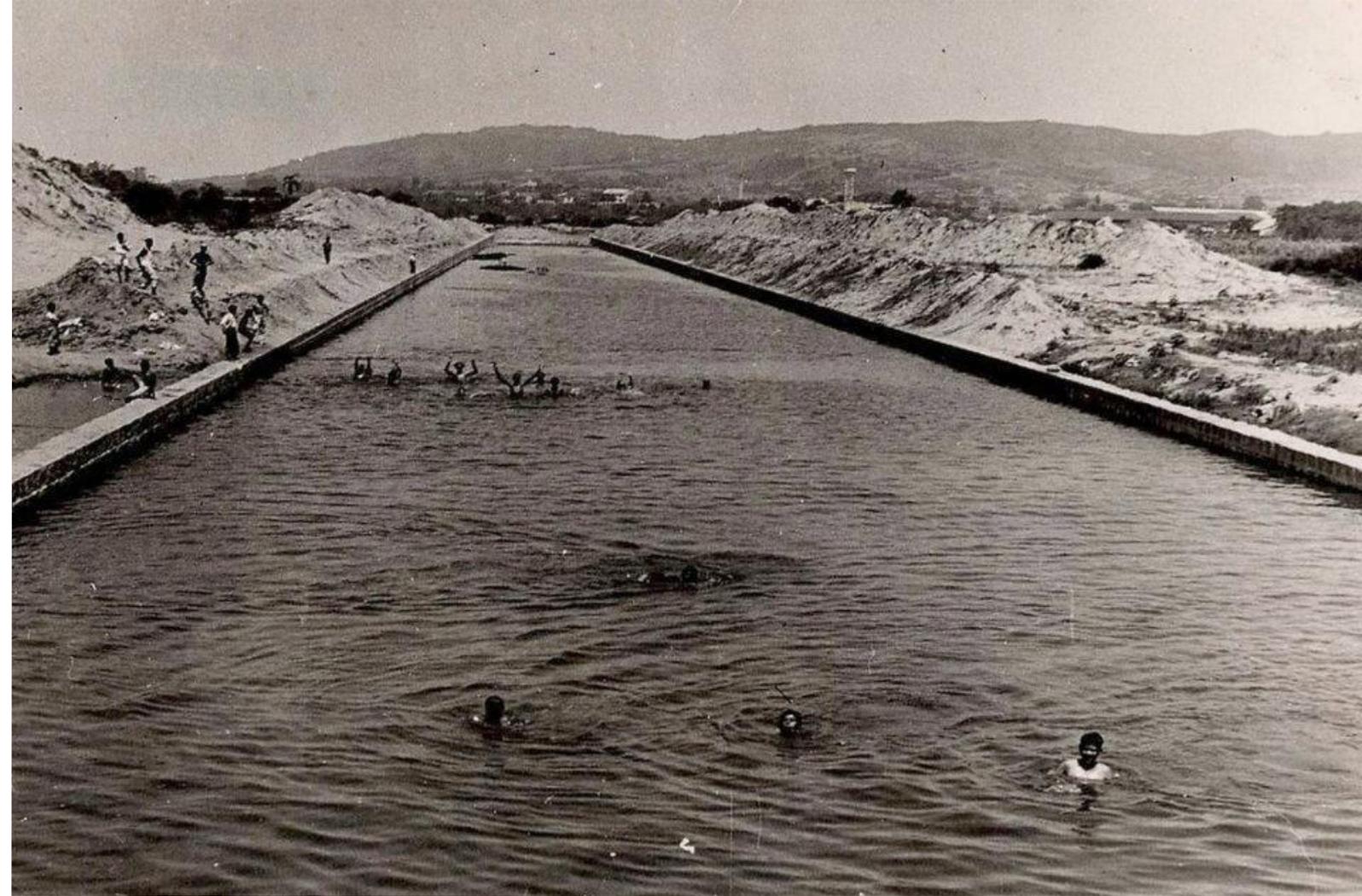
EVIDÊNCIA A3 - A CANALIZAÇÃO DO ARROIO DILÚVIO



1941 - 1970s

Canalizado após a trágica enchente de 1941, a história do Arroio Dilúvio, antigo Riacho, de pequeno porto onde se formou a cidade, passando por espaço de trocas, circulação e depósito de esgoto até a grande Avenida Ipiranga de hoje é outro grande exemplo de sobreposição da técnica em relação à geografia dos arroios de Porto Alegre. O estado atual de extrema poluição demonstra muito desse embate frontal com a natureza, vista de maneira estritamente utilitarista. Apesar disso, a obra de canalização acabou com os alagamentos nas baixadas próximas, valorizando economicamente a região e facilitando o acesso da Zona Sul ao Centro.





5.1.2 Os Conflitos Socio-Culturais

A segunda classe de conflitos que compõe a identidade da cidade de Porto Alegre são aqueles decorrentes do enfrentamento entre as culturas e ideologias de seus habitantes e a consolidação das instituições que deslegitimam esses enfrentamentos em prol dos mais poderosos. A relação dos porto-alegrenses com a mistura cultural e a diversidade social que convive diariamente na cidade é bastante problemática. Ela é caracterizada por uma naturalização da violência, pelas múltiplas desigualdades, pelo preconceito e pelo autoritarismo. Essa é a segunda dimensão que a arquitetura deve atuar como mediadora na cidade, a relação do ser humano com outro ser humano cultural e socialmente diverso dele.

Porto Alegre tem ao longo de sua história várias relações de violência e opressão entre as diferentes culturas que a compõe. Desde a expulsão e negação da cultura tupi-guarani, passando pela escravidão e opressão das culturas africanas, até os embates ideológicos entre as culturas européias que colonizaram a região. Além disso, as múltiplas guerras e ditaduras, deixaram traumas de violência institucional ainda não cicatrizados em nossa sociedade. Parte importante da identidade de Porto Alegre está em seu, seguidamente negado, passado e presente de violência social.

Os conflitos sociais da cidade ao longo da história se baseiam em três aspectos: opressão cultural, desigualdade social e violência institucional.

Opressão cultural, porque utilizamos nossa memória de forma a negar e destruir certas culturas que compõem nossa identidade em prol de outras. Isso se dá claramente em Porto Alegre na negação das culturas tupi-guarani e africana, as quais os imigrantes europeus exploraram, humilharam, violentaram e dizimaram em seu processo de colonização. Nossos livros de história começam com a chegada dos europeus, os quais tem nome, sobrenome, origem, perfil e língua. Afinal a história é uma invenção dos poderosos como vimos nas Reflexões. Nossas cidades foram construídas segundo as visões européias de estilo e forma, as línguas que aprendemos e usamos são europeias, os personagens que conhecemos como compositores de nosso passado são europeus, nos refletimos e nos entendemos a partir da cultura europeia com sua identidade e memória. Enquanto isso, ao índio, que deu nome ao nossa geografia (Guaíba ou Gauybe, Jacuí, Caí, Gravataí, capivara ou kapii'gwara, perereca ou pere'reka, tamanduá ou tá-monduá...) e que influenciou alguns de nossos costumes mais cotidianos (deitar na rede, tomar banho...), e ao negro, que criou ou elevou a outro patamar as manifestações culturais que mais nos definem (samba, futebol, carnaval, axé, culinária, funk, rap...) e que foi arrancado de sua terra, escravizado e forçado a construir uma nação que não lhe pertencia, restou o silenciamento, a negação ou a fetichização. Processos esses que minam o desenvolvimento cultural e estimulam, ainda hoje, o genocídio de seus povos.

Desigualdade social, porque a sociedade brasileira sempre foi dividida, desde a sua formação, entre aqueles que têm acesso aos meios de produção e, portanto, condições para acumular riquezas, estruturar a sociedade e definir seus rumos; e aqueles que não. É uma sociedade extremamente dividida entre ricos e pobres, entre alguns poucos com acesso e garantia dos direitos humanos e uma imensa maioria que não. Os anos, os sistemas políticos, os governos e as vidas passam, mas a

estrutura da sociedade se mantém. Nunca se conseguiu acabar com os reflexos da escravidão e da colonização no Brasil. Nunca se conseguiu democratizar a educação, a saúde, a moradia, a renda e a segurança a ponto de que a estrutura extremamente desigual mude. Nesse país, gênero, classe e cor definem o tamanho da dificuldade e resistência que terá de ser enfrentada para que se consiga participar da definição de seus rumos.

Violência institucional, pois para que se mantenha a desigualdade social e a opressão cultural, é preciso um aparato institucional que legitime essas condições. O Estado brasileiro e todas as partes que o compõe como a Polícia, o Exército, a Justiça e a Legislação, aliados às instituições privadas da elite, como a Imprensa e os grandes latifundiários, sempre foram autoritários e mantenedores das estruturas vigentes. Nunca se permitiu que os pobres (em sua maioria descendentes de negros e indígenas) tivessem qualquer forma de acessar os meios de produção ou de ter voz oficial nos rumos da sociedade. Nos poucos momentos históricos em que ameaçou-se mudar essas estruturas, as instituições criminalizaram e reprimiram violentamente as tentativas, como nesse início de século XXI e na contrarrevolução militar de 1964.

MAPA 4 - ESPAÇOS PÚBLICOS DO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE CUJOS NOMES FAZEM REFERÊNCIA A PERSONAGENS DA ELITE



No Centro Histórico, pode-se afirmar que existem diversas evidências espaciais desses conflitos, das quais destacarei quatro.

Primeiramente, *a nomeação dos espaços da cidade*, que constroem a sua história, substituindo os nomes naturais e democráticos, como Rua da Ponte, Rua da Igreja, Rua do Cotovelo, Rua do Riacho, Rua da Praia, etc. pelos nomes dos poderosos. Isso é um processo com 6 enquadramentos possíveis:

O primeiro deles é a *ausência quase total de referências a cultura tupi-guarani*. A única presença sutil, mas bastante significativa é a palavra Guaíba, que dá nome ao lago que cerca a cidade e a define. Um pequeno e último reflexo de um povo cuja cultura é negada, violentada e afastada do cotidiano da cidade, assim como o lago que mantém sua presença viva apenas nos mapas e nas pequenas histórias.

MAPA 5 - REFERÊNCIAS À CULTURA TUPI-GUARANI NO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE



A palavra Guaíba é a única referência ao povo tupi-guarani no Centro Histórico de Porto Alegre. A palavra vem do tupi e significa "pântano profundo", sendo originária da junção dos termos tupis gwa, "seio", í, "água" e be, "em".

O segundo enquadramento é *a negação da escravidão do negro africano e de seus espaços* como o Pelourinho, o Largo da Força e o Largo das Quitadeiras, através da mudança de seus nomes e silenciamento de seus personagens. A imensa maioria da cidade de Porto Alegre foi construída por mãos negras escravizadas ou duramente exploradas, mas a história não nos traz seus relatos e vivências.

Esse processo já foi percebido pelo Movimento Negro da cidade que criou, em resistência, o Museu do Percurso Negro com intervenções artísticas em espaços públicos significativos para a cultura e a história negra no Centro de Porto Alegre. Apesar disso, a relação ainda é bastante desigual quando comparamos com os próximos enquadramentos relacionados às elites e suas instituições. Outro fator negativo é que o Museu prevê outros marcos ainda não construídos e evidenciados espacialmente, tornando-o dependente de monitores para total compreensão.

MAPA 6 - REFERÊNCIAS À CULTURA AFRICANA E À ESCRAVIDÃO NO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE (MUSEU DO PERCURSO NEGRO)

As intervenções existentes atualmente são: o Tambor, na Praça Brigadeiro Sampaio, antigo Largo da Força; a Pegada Africana, na Praça da Alfândega, antigo Largo das Quitadeiras (mulheres comerciantes negras); o Bará do Mercado, na encruzilhada do Mercado Público, como marco religioso do movimento, das trocas e do comércio; e, por fim, o Pannel Afrobrasileiro, no muro do Chalé da Praça XV, em frente ao Largo Glênio Peres, local de circulação e trocas importante para a cultura negra junto às antigas docas. Além disso, são considerados como parte do percurso, apesar de ainda não possuírem intervenções artísticas, o Cais do Porto, onde se concentrava e interagía a população negra das diversas partes da cidade e do país; a Igreja das Dores, local do antigo Pelourinho da cidade; e a Esquina Democrática, chamada Esquina do Zaire, local de concentração, socialização e resistência negra em Porto Alegre desde os anos 70, após o fim do expediente no comércio do centro.



- Locais do Museu do Percurso Negro com Intervenção Artística
- Locais do Museu do Percurso Negro sem Intervenção Artística

O terceiro enquadramento é *o culto aos líderes militares e à guerra*, um caminho que nos levou a acostumarmo-nos com o autoritarismo, as ditaduras e os golpes. Heróis são simples demais para serem reais e grandes demais para serem democráticos. A complexidade de nossos problemas exige uma profundidade de raciocínio não contemplada pelos maniqueísmos típicos dessa instituição e dos períodos de guerra. Por isso, ao lermos os nomes das ruas da cidade não vemos nada refletido, são história morta, acabam em si mesmos, não permitindo ressignificações.

No bairro Centro Histórico, das 67 avenidas, ruas ou travessas, 18 são relacionadas a personagens, datas ou batalhas da Guerra do Paraguai, e outras 8 são políticos militares, ou seja, 39% das ruas do bairro tem relação com a instituição do Exército. Além disso, das 27 praças e largos oficiais do centro, 8 tem nomes de militares, 30% aproximadamente. Isto desconsiderando-se as estátuas e outros monumentos pontuais, como a do Conde de Porto Alegre em praça homônima e a do General Osório na praça da Alfândega.

MAPA 7 - REFERÊNCIAS AO EXÉRCITO E À GUERRA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE



O quarto enquadramento é *a significativa presença da Igreja Católica e seus personagens*, outra instituição bastante representada e forte ao longo da história da cidade, com seus códigos morais e conservadorismos. À ela e seus personagens, destinamos atualmente 2 praças (7,5%) e 5 ruas (7,5%).

Entretanto, nos primórdios da cidade, a Igreja tinha muito mais presença na nomenclatura dos espaços. Essa presença foi gradativamente sendo substituída pelas personalidades civis e militares. Assim, a Rua da Igreja tornou-se Avenida Duque de Caxias, a Praça da Matriz em Praça Marechal Deodoro da Fonseca, o Beco do Rosário em Avenida Otávio Rocha, a Rua da Graça em Rua dos Andradas (parte entre Rua General Câmara e a Rua Senhor dos Passos), a Rua Santa Catarina em Rua Doutor Flores, a Rua dos Pecados Mortais em Rua General Bento Martins, a Rua da Concórdia em Avenida José do Patrocínio, a Rua do Paraíso em Rua José Montaury, a Praça do Paraíso em Praça XV de Novembro, a Rua da Misericórdia em Rua Professor Annes Dias, etc.

MAPA 8 - REFERÊNCIAS À IGREJA CATÓLICA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE



O quinto enquadramento é complementar aos dois últimos. Praticamente todos os espaços do Centro Histórico que não são vinculados a Igreja Católica ou ao Exército carregam *o nome de personagens homens, brancos, pertencentes à elite e de descência europeia*. São mais 28 avenidas, ruas ou travessas (42%) e 9 praças ou largos (33%). São advogados, jornalistas, empresários, estadistas, médicos e engenheiros que definiram sozinhos e autoritariamente os rumos da cidade por quase um século.

Resumindo, o Centro Histórico de Porto Alegre tem 39% das ruas, nomeadas em relação ao Exército, 7,5% relacionadas à Igreja Católica e 42% relacionados à elite civil, totalizando 88,5%. Nas praças e largos, são 30% relacionados ao Exército, 7,5% à Igreja Católica e 33% à elite totalizando 70,5%. As exceções são: as datas e eventos públicos neutros da história, como Praça XV de Novembro e Avenida Independência; os lugares com nomes de países e grupos como Rua Uruguai e Largo dos Açorianos; e a Travessa dos Cataventos, ligada a arte de Mário Quintana.

MAPA 9 - REFERÊNCIAS À HOMENS CIVIS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE



O último enquadramento é *a existência de uma única referência feminina* na nomenclatura dos espaços do Centro Histórico de Porto Alegre. É tão especial e solitária que vale a pena contar um pouco de sua história.

A Praça Marquesa de Sevigné foi um vazio urbano triangular, sem nome oficial e com apenas uma fonte solitária até 1966. Nesse ano, muito em função da presença nas proximidades do Colégio Sévigné, fundado pela francesa Emmeline Courteil em 1900, em homenagem a destacada escritora francesa do século XVII, Marie de Rabutin-Chantal, Marquesa de Sevigné (1626-1696), a praça passa a ter sua atual nomenclatura. Coincidentemente ou não, atualmente é uma das praças mais utilizadas e diversificadas da cidade devido à presença da Lancheria MMs.

Com esses enquadramentos evidencia-se claramente o desequilíbrio na representação da sociedade nos espaços do Centro Histórico, construindo uma cidade que não reflete uma grande parte da sociedade que a compõe, a qual fica incapaz de identificar-se em seus espaços.

MAPA 10 - REFERÊNCIAS À MULHERES NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE



A segunda evidência de nossos conflitos sociais é *a enorme quantidade de pessoas em situação de rua* presentes no Centro Histórico. Segundo uma pesquisa feita pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e acompanhada pela Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc), 2.115 pessoas estavam em situação de rua em Porto Alegre no ano de 2016. O estudo mostrou que o número era 57% superior ao de cinco anos antes. Provavelmente o número aumentou ainda mais desde então, considerando a crise econômica e o sucateamento das estruturas de assistência social realizadas pelo atual governo. A fragilidade a que estas pessoas estão sujeitas é um reflexo de nossas desigualdades e de nosso fracasso na construção de uma sociedade democrática.

A terceira evidência é *a insegurança, a violência e o vandalismo presentes nas ruas da cidade*. Em levantamento realizado pela Zero Hora em setembro de 2017, ocorreram, no bairro Centro Histórico, 60 homicídios desde 2011. Além disso, múltiplos assaltos e furtos são realizados diariamente a cidadãos e comerciantes, fatos que deixaram de ser registrados devido à sua naturalização enquanto parte do cotidiano da cidade. Uma violência que também é institucional por meio de órgãos como a Polícia Militar e os fiscalizadores do comércio. Especialmente, o vandalismo demonstra essa não identificação de uma parte da cidade com o espaço público. Todos reflexos cruéis de nossos conflitos sociais.

A quarta evidência é *a sobreposição de ideias contraditórias de arquitetura e urbanismo*, ou melhor, o fato de várias ideias de cidade conviverem juntas, mesmo quando a existência de uma anula os maiores potenciais da outra. Isso constrói um patrimônio disperso e isolado, que perde força estética na construção da identidade da cidade. Não existe coerência entre as edificações, deixando suas belezas escondidas em meio a um caos de linguagens.

Em um curto passeio pelo centro histórico é possível visualizar projetos interessantíssimos individualmente de arquitetura neoclássica, eclética, art nouveau, art déco, moderna, pós-moderna e até contemporânea, entretanto a sua convivência lado a lado com suas múltiplas alturas e preceitos compõe um cenário incompreensível do ponto de vista da nossa percepção e muitas vezes tachado (talvez com uma certa razão) de feio. A multiplicidade estética da cidade é a maior evidência de nossos conflitos culturais e nossa condição provinciana de adaptar as narrativas construídas fora de nossa realidade. Essas ideias alheias nunca se consolidam de maneira verdadeira, uma vez que são simples adaptações e, conseqüentemente, negam várias nuances de nossa identidade. Ao notarmos o desajuste de uma ideia, buscamos em seguida uma nova, sempre construídas de fora para dentro. São as “ideias fora do lugar” evidenciadas por Ermínia Maricato.

Essas narrativas de cidade do exterior, importadas por uma elite e suas instituições, alheias e autoritárias, que negam a nossa diversidade, são o espelho falso sob o qual a cidade se construiu. A realidade de Porto Alegre é outra, muito mais desigual e violenta. A nossa diversidade é o nosso maior potencial, nela surgem nossas maiores riquezas culturais, da mistura de povos de múltiplas cores e da complementação das percepções dos diferentes gêneros. Os lugares de memória devem ser capazes de evidenciar e cultivar a diversidade como nossa característica mais importante. Cria-se assim uma narrativa alternativa, construída de dentro de nossa realidade para fora e não o contrário. O conflito social e cultural não precisa ser violento e exploratório, basta construir uma sociedade capaz de entender sua complexidade e discuti-la com a profundidade devida. A construção de espaços públicos democráticos é um dos passos para atingir essa meta.

EVIDÊNCIA B1 - A NOMENCLATURA DOS ESPAÇOS DE PORTO ALEGRE



Praça Brigadeiro Sampaio, com estátua do mesmo. O Centro Histórico tem a maioria de seus espaços nomeados em homenagem a homens brancos e da elite civil e militar.



Tambor, primeiro marco construído do Museu do Percurso Negro, na Praça Brigadeiro Sampaio, antigo Largo da Forca.



Praça Marquesa de Sévigné, única referência a uma mulher na nomenclatura dos espaços do Centro Histórico de Porto Alegre.

EVIDÊNCIA B2 - AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA



Pessoas em situação de rua com suas casas provisórias embaixo do Viaduto Otávio Rocha.



Pessoa em situação de rua dormindo com seus pertences e seu companheiro cão no Largo Glênio Peres, junto ao Mercado Público.

EVIDÊNCIA B3 - A INSEGURANÇA E A VIOLÊNCIA URBANA

há 10 dias ● **NO ESCURO**

Após furto de fiação elétrica, lojas do Viaduto da Borges ficam sem luz em Porto Alegre

— Já não basta a insegurança, agora ficamos no escuro.

09/04/2018 - 9h37min

porto alegre viaduto da borges centro histórico



há um mês ● **FISCALIZAÇÃO**

Prefeitura desmonta bancas de vendedores e recolhe 150kg de frutas no Centro

BIBIANA DIHL - 16/03/2018 - 9h28min

centro histórico prefeitura de porto alegre



há 3 meses ● **CENTRO HISTÓRICO**

Vereadores pedirão unidade da Guarda Municipal no Viaduto Otávio Rocha, em Porto Alegre

Após assumir a presidência da Câmara Municipal de Porto Alegre na última quarta-feira (3), o vereador Valter Nagelstein colocou em prática uma de suas ideias para a gestão deste ano. Na manhã desta se...

BÁRBARA MÜLLER - 05/01/2018 - 15h51min

câmara municipal prefeitura de porto alegre centro histórico



há 4 meses ● **DEPREDAÇÃO**

Estátuas de Quintana e Drummond são vandalizadas no centro de Porto Alegre

As estátuas em homenagens aos poetas Mario Quintana e Carlos Drummond de Andrade foram vandalizadas na Praça da Alfândega, no centro de Porto Alegre. Uma tintura alaranjada foi colocada nos rostos das...

EDUARDO PAGANELLA - 11/12/2017 - 20h13min

centro histórico praça da alfândega vandalismo



há 11 meses ● **SEGURANÇA JÁ**

Edifício comercial em Porto Alegre é arrombado três vezes em 12 dias

Em 12 dias, o Edifício Buchaim, localizado na Rua General Vitorino, no Centro Histórico de Porto Alegre, foi arrombado três vezes, todas elas entre os dias 3 e 15 de maio. As ações dos bandidos, que a...

MARCELO KERVAULT - 16/05/2017 - 16h54min

arrombamento general vitorino centro histórico +2

há 11 meses ● **PEGA-LADRÃO**

Cartazes de moradores "prontos para atirar em bandidos" chamam atenção no Centro Histórico

Duas dezenas de cartazes, todos com a mesma mensagem, surpreendem quem passa pela Avenida André da Rocha, no Centro Histórico: "Rua com moradores armados. Prontos para atirar em bandidos".

PAULO GERMANO - 10/05/2017 - 6h0min

cartazes porto alegre paulo germano +5

há um ano ● **MERCADORIAS APREENDIDAS**

Prefeitura recolhe uma tonelada de frutas e verduras no centro da Capital

Uma equipe de 20 fiscais da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SMDE) da prefeitura de Porto Alegre, com o apoio da Brigada Militar e da Guarda Municipal, percorreu as avenidas Salgado Filho, Bor...

ZERO HORA - 05/04/2017 - 15h17min

porto alegre mercadorias produtos +5



há um ano ● **CENTRO HISTÓRICO**

Traficante é preso vendendo cápsulas de cocaína em galeria do centro de Porto Alegre

Um traficante foi preso em flagrante, na manhã desta quinta-feira, por agentes da 4ª Delegacia do Departamento de Investigações do Narcotráfico (Denarc) por vender mais de cem cápsulas de cocaína dent...

RÁDIO GAÚCHA - 09/03/2017 - 9h23min

porto alegre cocaína centro histórico

há um ano ● **PORTO ALEGRE**

Rua do centro de Porto Alegre tem sete carros abandonados em 600 metros

BÁRBARA MÜLLER - 22/08/2016 - 14h5min

pelos ruas carros abandonados centro histórico +1



há um ano ● **INSEGURANÇA**

Sete criminosos assaltam lotérica no Centro de Porto Alegre

Criminosos armados roubaram uma lotérica na noite de quarta-feira (11) no centro de Porto Alegre. Conforme a Brigada Militar, cerca de sete criminosos participaram do crime, que ocorreu na Travessa En...

VITOR ROSA - 11/08/2016 - 8h25min

assalto lotérica criminosos +2

há 2 anos ● **CRISE NA SEGURANÇA**

Professor é uma das vítimas de ataque a tiros no centro da Capital

A partida entre Inter e Passo Fundo ainda estava zero a zero quando cinco homens entraram no bar da esquina da Rua dos Andradas com a General Portinho, no Centro Histórico de Porto Alegre. Eram 19h50m...

MATEUS FROZZA - 12/02/2016 - 17h49min

polícia porto alegre centro histórico +7



há 2 anos ● **COMBATE AO TRÁFICO**

Denarc apreende 250 pedras de crack na área central de Porto Alegre

Duas mulheres, de 34 e 52 anos, e um homem, de 25 anos, foram presos durante uma ação do Denarc na área central de Porto Alegre na madrugada desta terça. Um ponto de tráfico acabou desarticulado na es...

25/08/2015 - 8h53min

crack centro histórico denarc +2



há 2 anos ● **AVENIDA BORGES DE MEDEIROS**

Vídeo: vítima divulga imagens do próprio assalto em Porto Alegre

Às 12h38min de terça-feira, um adolescente de 16 anos foi atacado por três assaltantes na Avenida Borges de Medeiros. Cena recorrente no Centro Histórico da Capital, desta vez, a própria vítima buscou...

VANESSA KANNENBERG / URUGUAIANA - 29/07/2015 - 20h10min

centro histórico centro assaltante +5

há 3 anos ● **CENTRO DE PORTO ALEGRE**

Justiça decreta internação provisória de adolescentes suspeitas de assassinato

A Justiça decretou a internação provisória das irmãs de 14 e 16 anos suspeitas de envolvimento no assassinato de uma adolescente no Centro de Porto Alegre. O crime ocorreu na madrugada da última segun...

31/03/2015 - 19h25min

centro histórico adolescentes adolescente +3

há 3 anos ● **VIOLÊNCIA EM PORTO ALEGRE**

Jovem é esfaqueado no Centro de Porto Alegre

Uma suposta briga terminou com um jovem de 23 anos esfaqueado no pescoço na esquina entre a Avenida Júlio de Castilhos e a Rua Chaves Barcellos, no Centro de Porto Alegre, por volta das 10h30min desta...

30/03/2015 - 11h40min

centro histórico tentativa de homicídio adolescentes +6

há 3 anos ● **VIOLÊNCIA EM PORTO ALEGRE**

Briga por namorado motivou morte de adolescente no Centro de Porto Alegre

O Deca solicitará a internação na Fase da adolescente de 14 anos apreendida logo após o assassinato de Cristina Ferreira dos Santos, 16 anos, no Largo Glênio Peres, Centro de Porto Alegre, no final da...

30/03/2015 - 9h5min

centro histórico adolescentes adolescente +4

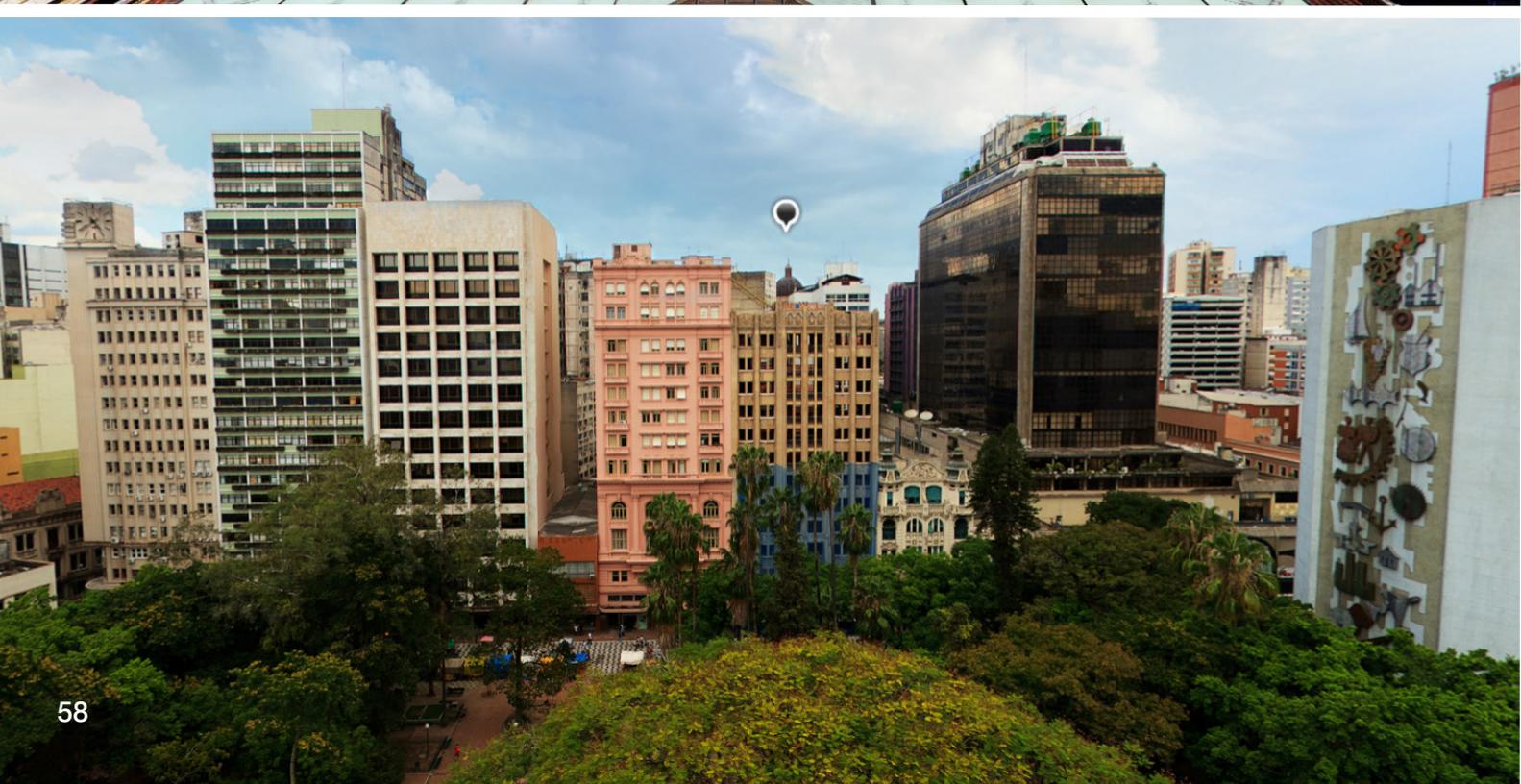


EVIDÊNCIA B4 - O CONVÍVIO DAS MÚLTIPLAS IDEIAS DE CIDADE



Imagens aéreas que demonstram a multiplicidade de ideias de cidade e arquitetura que convivem nos espaços do Centro Histórico de Porto Alegre. Exemplares ecléticos ao lado de modernistas, grandes avenidas junto à praças de bairro, muitas fachadas cegas, múltiplas alturas, prédios abandonados, torres de vidro no Estilo Internacional junto à exemplares Art Decó, etc.

Fonte: Aurora Imagens





5.1.3 Os Conflitos Econômicos

A terceira (e última) classe de conflitos que compõem a identidade da cidade de Porto Alegre são aqueles decorrentes do enfrentamento entre os valores objetivos, mensuráveis e utilitaristas dos interesses econômicos dos grupos dominantes e os valores subjetivos, imensuráveis e afetivos do restante da sociedade. Essa é a terceira dimensão que a arquitetura deve atuar como mediadora na cidade na busca pela consolidação da democracia e da justiça social.

Nos países latinoamericanos e especificamente em Porto Alegre, pela falta de profundidade e clareza nos debates públicos, as decisões decorrentes desses conflitos são definidas por uma série de acasos e geralmente tem-se a sensação que elas podem pender para um lado ou outro conforme as conjunturas do momento. Como afirmou Luís Sérgio Metz em seu livro sobre a Usina do Gasômetro, aqui em Porto Alegre “o terreno das certezas absolutas” é bastante “milimétrico”. Essa é uma característica presente em toda a história da cidade desde a Proclamação da República, quando as Câmaras Municipais, onde vários representantes eleitos da elite debatiam os rumos da cidade, foram substituídas pela figura dos intendentess e, posteriormente, dos prefeitos seguidamente indicados pelos órgãos superiores autoritários que lhes davam plenos poderes de ação. A ideologia positivista e desenvolvimentista negava a validade do debate público em prol do autoritarismo das visões técnicas e científicas ‘neutras’. Assim foram tomadas diversas decisões importantes nos rumos e na imagem da cidade atual.

Os conflitos econômicos da cidade ao longo da história se baseiam em três aspectos: especulação imobiliária, desenvolvimento dos transportes e gestão do patrimônio público.

Especulação imobiliária, porque a terra urbana, assim como a rural, sempre foi propriedade de poucos no Brasil, característica que se sobrepõe a direitos humanos universais, presentes em nossa constituição, como o direito a moradia, o direito ao trabalho e o direito ao lazer. A enorme quantidade de vazios urbanos e espaços subutilizados na espera de uma valorização econômica, quando relacionada com o grande número de pessoas em situação de rua e submoradia e com a falta de espaços públicos de qualidade, torna a especulação imobiliária um dos grandes impedimentos ao desenvolvimento da democracia e da justiça social.

Desenvolvimento dos transportes, porque o deslubrimento da velocidade, associado à ideia de progresso e conectividade, construiu obras bastantes polêmicas na cidade, que também destruíram grande parte de nossa memória. Destruímos espaços de trocas para construir espaços de passagem, para chegar a espaços de troca cada vez mais isolados um do outro. Assim, a cidade passou da velocidade de nossos passos para a das carroças, dos bondes, dos ônibus, dos trens e principalmente dos carros particulares. Por eles, aterramos o Guaíba, cortamos morros, erguemos viadutos, ampliamos ruas e avenidas, destruímos praças e prédios históricos, retiramos pessoas para construir estacionamentos, etc. A evolução dos transportes e seu processo de individualização é um dos maiores conflitos econômicos de nossa cidade.

Gestão do patrimônio público, porque as discussões sobre a memória e a identidade vinculada ao patrimônio são um freio às possibilidades de lucro dos grupos dominantes. Logo, esse patrimônio público é constantemente atacado de diversas maneiras em nossas cidades visando sua desvalorização e ocasionando seguidamente a sua destruição.

No Centro Histórico, pode-se afirmar que existem diversas evidências espaciais desses conflitos, das quais destacarei três:

Primeiramente, a enorme quantidade de vazios urbanos e espaços subutilizados em um contexto de déficit habitacional. De acordo com o Departamento Municipal de Habitação (em pesquisa de 2009), o déficit habitacional de Porto Alegre era estimado em 53 mil unidades. Estimativas mais recentes, realizadas pelo Centro de Desenvolvimento Econômico Social em 2016, indicam que este número chega a 75 mil unidades habitacionais. Por outro lado, segundo o último censo realizado pelo IBGE, há cerca de 40 mil imóveis em estado de abandono na cidade. No Centro Histórico, a arquiteta Adriana Sabadi, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, identificou 49 edificações abandonadas no início de 2018. Além disso, há muitas outras subutilizadas ou usadas como estacionamento de veículos particulares. É muito espaço vazio para um contexto como o de Porto Alegre.

MAPA 11 - ESPAÇOS VAZIOS, DESOCUPADOS OU SUBUTILIZADOS NO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE



A segunda evidência é a *construção de grandes obras de circulação viária*, principalmente a Avenida Mauá, na borda da cidade, as Avenidas Loureiro da Silva e Conceição, que compõe a primeira perimetral, e as Avenidas Borges de Medeiros, Salgado Filho, Júlio de Castilhos e Siqueira Campos, que conectam o núcleo comercial do Centro Histórico às outras regiões da cidade.

Essas grandes avenidas, ao mesmo tempo que conectam espaços longínquos, quebram as conectividades próximas, sendo barreiras de difícil passagem. Além disso, são obras que desvalorizaram e destruíram o patrimônio cultural e geográfico da cidade com seus aterros, explosões e destruições. Por exemplo, na construção do Complexo da Conceição foi destruída a antiga Estação Ferroviária de Porto Alegre e desvalorizou-se edifícios de inegável valor cultural como a Igreja da Conceição, única representante colonial ainda existente em Porto Alegre, e o Edifício Ely, obra de Theodor Wiedersphan, hoje bastante isolada da cidade.

MAPA 12 - GRANDES OBRAS VIÁRIAS NO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE



A terceira evidência é a *resistência cultural* presente em espaços como a Usina do Gasômetro e o Mercado Público, fortemente ameaçados de demolição em dado momento histórico e hoje parte indissociável da identidade da cidade. Locais de memória e cultura, suas histórias mostram o tamanho das ameaças ao patrimônio público causado pelos interesses econômicos de grupos dominantes. Estes assumem o poder autoritariamente, minando os processos democráticos para poderem exercer seus desmandos urbanísticos e lucrar bastante com isso.

Entender o que compõe a nossa identidade requer uma reflexão profunda sobre nossa memória patrimonial. Construir uma cidade sustentável e eficiente envolve diminuir o espaço do veículo particular e utilizar seus vazios urbanos. Os conflitos econômicos da cidade são parte de nosso tempo e suas soluções não são simples, pois devem ser enraizadas em processos democráticos complexos e lentos, todavia não há outra solução se o objetivo é evitar o colapso da cidade e de seus cidadãos.

MAPA 13 - ESPAÇOS DE CULTURA E RESISTÊNCIA NO CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE



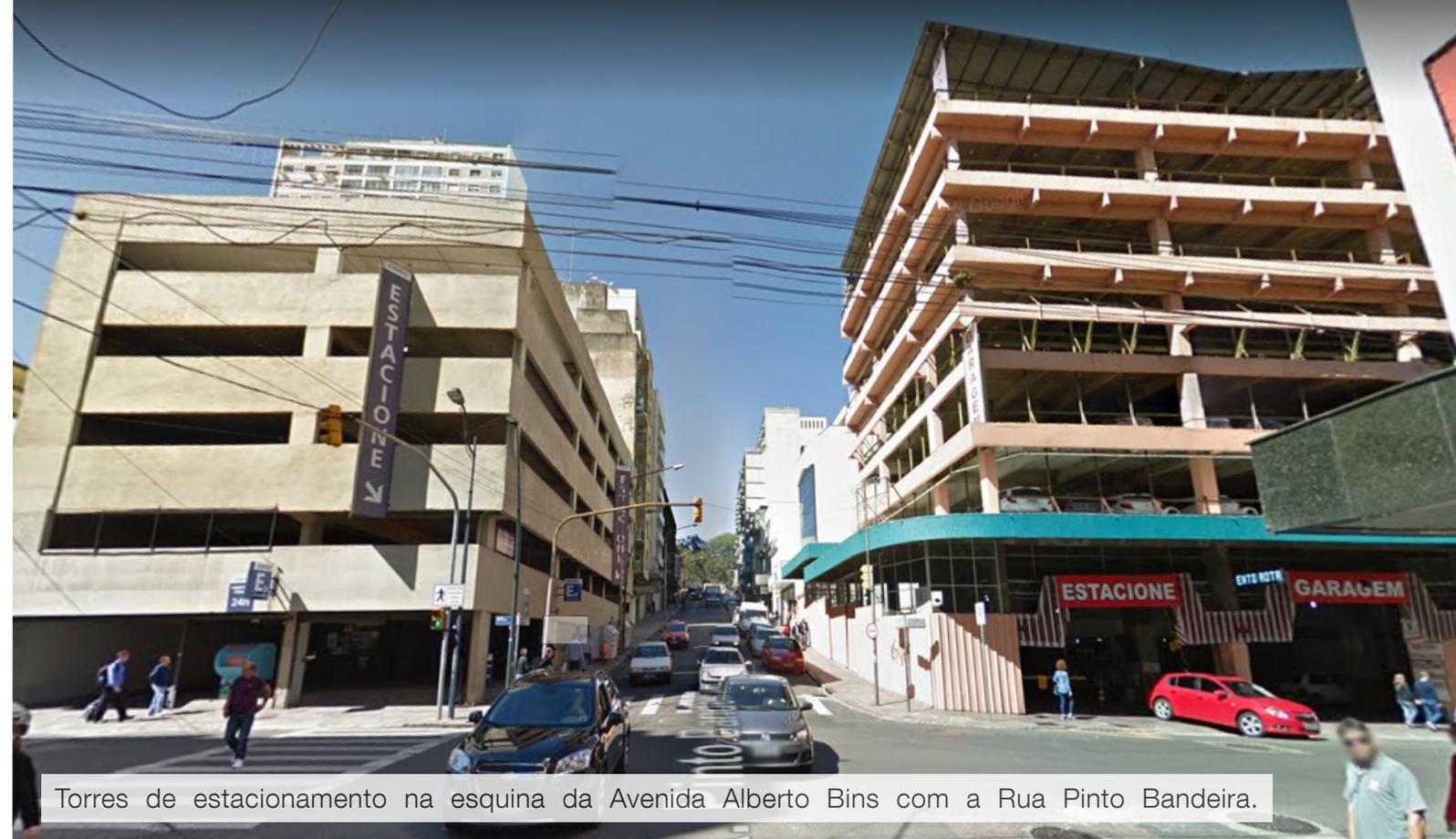
EVIDÊNCIA C1 - OS VAZIOS URBANOS E ESTACIONAMENTOS



Prédio abandonado a partir do terceiro pavimento, junto à Praça Revolução Farroupilha.



Prédio da antiga Confeitaria Rocco, patrimônio tombado e abandonado há anos.



Torres de estacionamento na esquina da Avenida Alberto Bins com a Rua Pinto Bandeira.



Pavilhões de estacionamento na Rua Comendador Manoel Pereira.



Terreno de estacionamento na esquina da Avenida Mauá com a Avenida Padre Thomé, local de intervenção.

EVIDÊNCIA C2 - A CONSTRUÇÃO DO COMPLEXO VIÁRIO DA CONCEIÇÃO



Vista aérea da Rua Conceição, com a Igreja da Conceição, a Praça Dom Sebastião e a antiga Santa Casa, antes da construção do Complexo Viário nos anos 60.



Construção do Túnel da Conceição junto à Igreja de mesmo nome.



Construção do Viaduto da Conceição junto ao Edifício Ely, patrimônio tombado oprimido pela obra.



Recorte de jornal mostrando o momento da construção do viaduto ainda com a antiga Estação Ferroviária à vista e o Edifício Ely ao lado, em 1970, e após a conclusão da obra com a demolição da estação, em 1972.

EVIDÊNCIA C3 - A RESISTÊNCIA CULTURAL



Usina do Gasômetro em pleno funcionamento ao lado da antiga Casa de Correção.



Usina do Gasômetro abandonada e fortemente ameaçada de demolição.



Usina do Gasômetro como Centro Cultural e símbolo da cidade de Porto Alegre em anos recentes



Mercado Público em pleno funcionamento ao lado da antiga Praça Parobé.



Mercado Público em um dos seus múltiplos incêndios que provocaram o debate sobre sua demolição



Mercado Público como espaço de trocas e símbolo da cidade de Porto Alegre em anos recentes

5.2 Sobre a construção de um Caminho Público da Memória.

Até aqui, refletiu-se sobre o fenômeno da construção da memória e da identidade e sua relação com a arquitetura no campo teórico e conceitual; aplicou-se essas reflexões no contexto latinoamericano onde elas se caracterizam por conflitos; e analisou-se estes no Centro Histórico de Porto Alegre, buscando suas evidências espaciais.

Nessa parte, propõem-se a partir dessas evidências a construção de um Caminho Público da Memória, que parte do centro de poder do estado, na Praça Marechal Deodoro da Fonseca, e circunda a península primitiva de Porto Alegre. Esse caminho seria composto de 10 lugares de memória, todos localizados no Centro Histórico, que refletem a imagem e a identidade dessa cidade com todos os seus conflitos em um percurso caminhável. Desses lugares, será detalhado arquitetonicamente e paisagisticamente, devido aos prazos, apenas um, a Avenida Padre Thomé. O motivo dessa escolha será detalhado posteriormente.

Os lugares escolhidos para compor o Caminho Público da Memória de Porto Alegre são:

1. A *Praça Marechal Deodoro da Fonseca*, popularmente conhecida como Praça da Matriz, local onde sempre se concentrou o poder cívico da cidade, através de uma série de palácios. Ela também sempre conteve o poder eclesiástico, desde os tempos da antiga Igreja da Matriz até hoje com a Catedral e a Cúria Metropolitana. Além disso, deve-se citar também a importante presença do Theatro São Pedro;

2. O *Viaduto Otávio Rocha*, na esquina das Avenidas Duque de Caxias e Borges de Medeiros, símbolo da modernização da cidade através da abertura de ruas ignorando a geografia de morros da cidade;

3. A *Praça dos Açorianos*, local onde a cidade começou, e que contém a Ponte da Pedra que passava sobre o Arroio Dilúvio antes da canalização;

4. A *Pedra da Cadeira*, junto à Usina do Gasômetro, antiga Praia do Arsenal, local de aterro importante na cidade e ponta da península.

5. A *Praça Brigadeiro Sampaio*, antigo Largo da Forca, uma das primeiras praças construídas da cidade. Também conhecida como Praça do Tambor pelo Movimento Negro da cidade;

6. A *Avenida Padre Thomé*, área militar, local do antigo Pelourinho da cidade, em frente a Igreja de Nossa Senhora das Dores, e local escolhido para a intervenção paisagística e arquitetônica detalhada;

7. A *Avenida Sepúlveda* que conecta a Praça da Alfândega à entrada do Cais Mauá, local da antiga doca da alfândega e ponto de entrada e saída de bens da cidade em sua fase de desenvolvimento;

8. A *Praça Revolução Farroupilha*, junto a entrada do Estação do Mercado Público da Trensurb, local das primeiras docas de Porto Alegre, e lugar que concentra em sua história todos os meios de transporte já utilizados nessa cidade;

9. O *POP Center*, popularmente conhecido como Camelódromo, local da antiga Praça Rui Barbosa, e lugar importante de trocas da cidade;

10. E, por fim, a esquina da Rua Voluntários da Pátria, antigo Caminho Novo, com o *Complexo Viário da Conceição*, local de diversos conflitos urbanos da cidade.

Esses locais foram escolhidos a partir da percepção de que são os espaços públicos que concentram grande parte dos conflitos evidenciados até aqui. Com intervenções bem feitas nesses espaços, se conseguiria demonstrar a partir da arquitetura, do paisagismo e do urbanismo, a complexidade de nossa realidade. Esses espaços tem o potencial de refletir a nossa diversidade e de propiciar o debate e a democracia por conterem nossa memória e nossa identidade, entretanto atualmente todos eles estão: ou completamente vazios, como a Ponta da Cadeia; ou subutilizados por serem projetos ruins, como a Praça Revolução Farroupilha; ou subutilizados por outros interesses, como a Avenida Padre Thomé, ou subutilizados por não terem atrativos como a Avenida Sepúlveda e a Praça dos Açorianos; ou abandonados pelo poder público, como a Praça Brigadeiro Sampaio, o Viaduto Otávio Rocha e o Complexo Viário da Conceição; ou ainda são desconectados da cidade simplesmente por serem péssimos projetos, como o POP Center. O Percurso ainda passaria por locais históricos como as praças XV de Novembro, da Alfândega e Marechal Deodoro, pelo Cais Mauá, pela Usina do Gasômetro e pela Casa de Cultura Mário Quintana.

MAPA 14 - CAMINHO PÚBLICO DA MEMÓRIA DE PORTO ALEGRE



5.3 Sobre a Avenida Padre Thomé, local de desenvolvimento da proposta arquitetônica e paisagística.

A escolha da Avenida Padre Thomé para ser o local de intervenção arquitetônica e paisagística desse trabalho ocorre pelo motivo de que ela contém quase todos os conflitos evidenciados como parte da identidade da cidade de Porto Alegre. Seus traços tem uma memória oculta, que ao ser evidenciada trará um exemplo bastante abrangente da identidade coletiva dos porto-alegrenses e possibilitará assim que os outros lugares da memória do Caminho Público sejam discutidos e pensados um a um.

Evidências dos conflitos na Avenida Padre Thomé:

1. Está construída em *área de aterro* sobre o Guaíba, um dos conflitos geográficos evidenciados.

2. Está *à beira de um morro*, outro conflito geográfico evidenciado. Entretanto, ao contrário de tantos outros, este não foi ignorado completamente, mas aproveitado para a criação de uma grande arquibancada pública, um lugar bastante admirado até hoje e um exemplo das possibilidades que a topografia da cidade nos sugere.

3. Não se pode ver o Guaíba ou acessá-lo devido à existência do *Muro da Mauá* em sua ponta, símbolo de nossa separação do Guaíba. Além disso, há junto à Avenida Mauá uma das *Casa de Bombas*, que compõe o sistema de proteção contra cheias da cidade. O Guaíba é visto como um inimigo que deve ser afastado.

4. *Não possui referências indígenas, femininas ou negras*, apesar de ali circularem muitos. Uma evidência da opressão cultural de nossos espaços públicos.

5. Quando a Rua dos Andradas ainda se chamava Rua da Praia e ali localizava-se a Praia do Arsenal, existiu, em sua área, o único *Pelourinho* da cidade que se tem notícia, entre 1810 e 1833. Motivo pelo qual é um dos locais que compõe o Museu do Percurso Negro, apesar de ainda não ter nenhuma intervenção artística.

6. Tem seu *nome em homenagem a um padre* que a imensa maioria da cidade não sabe quem foi (professor e pároco da Catedral no século XIX), o que representa a onipresente presença da Igreja Católica em nossa cultura.

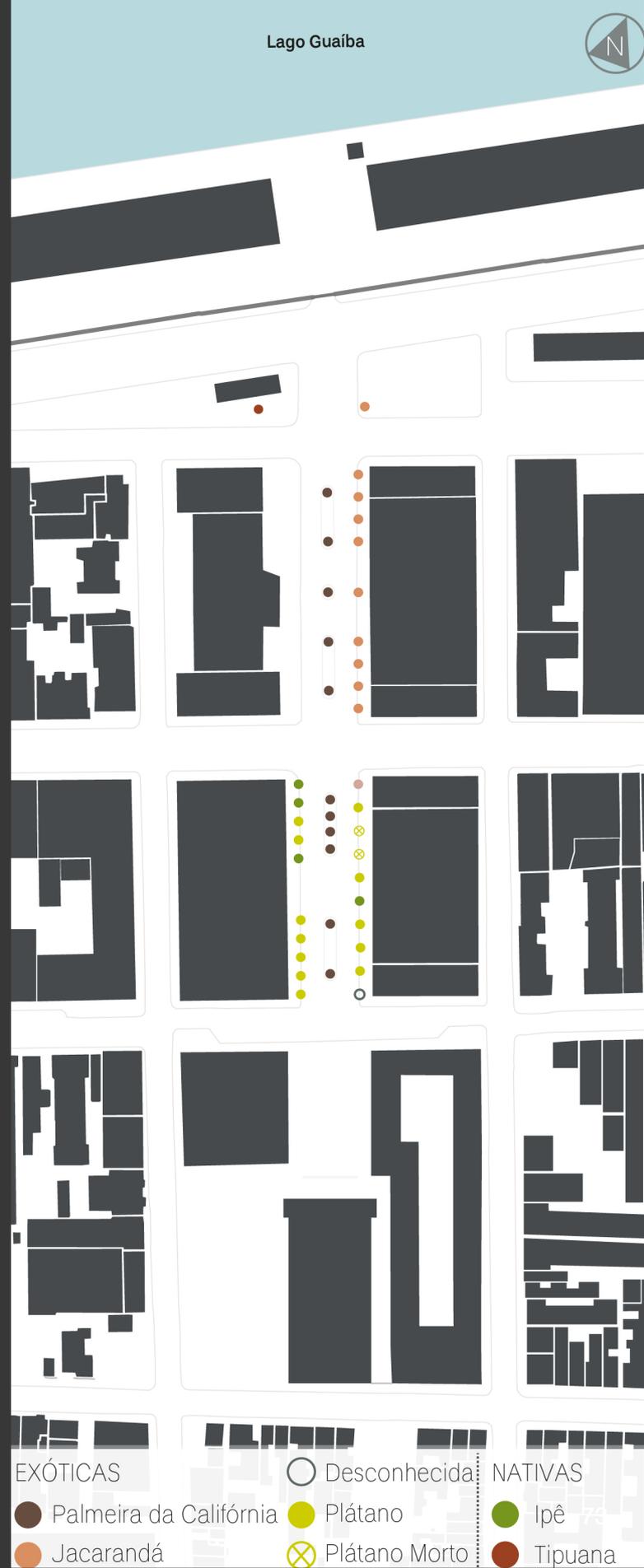
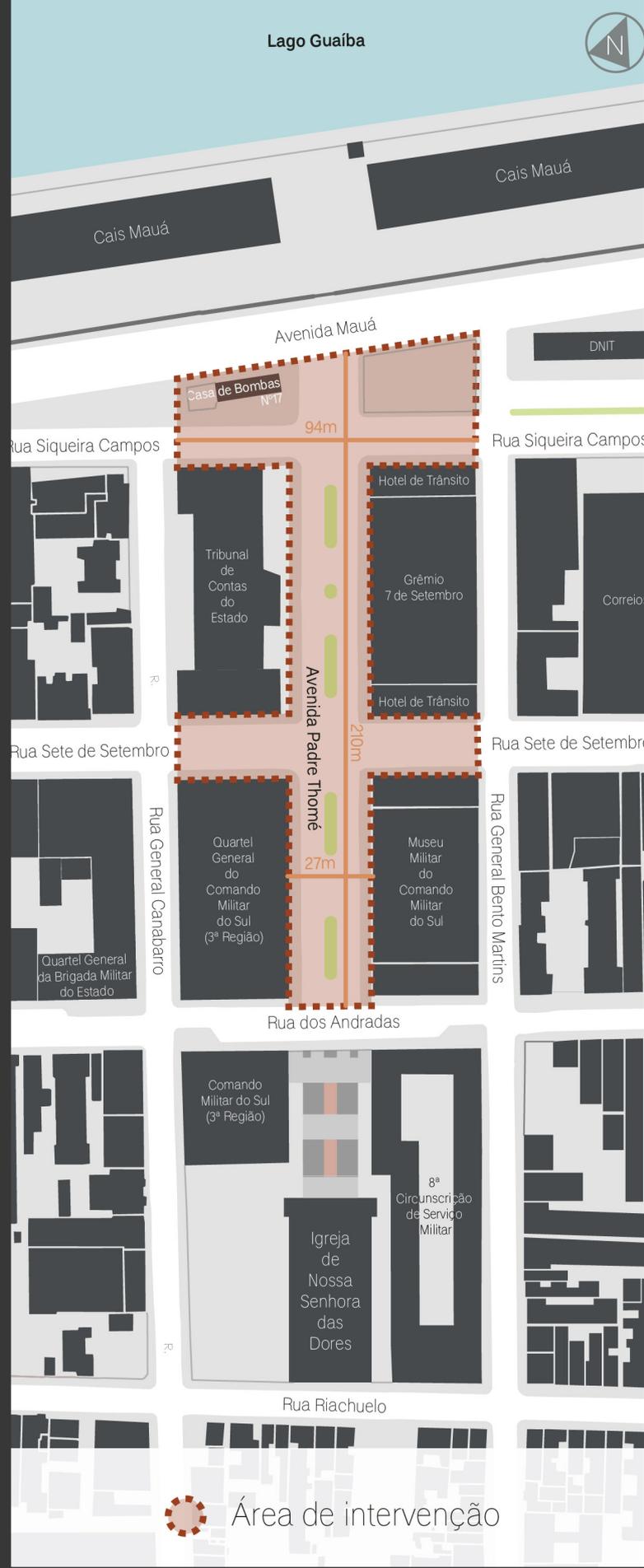
7. Está em uma *área militar*, instituição predominante em nossa história e em nossa formação cultural, apesar de seus métodos autoritários.

8. As *edificações estão todas inventariadas ou tombadas*, incluindo a importantíssima *Igreja das Dores*, primeiro bem tombado nacionalmente da cidade. Todavia o paisagismo do espaço público não permite que se observe toda essa beleza e importância reconhecida. O público e o privado competem ao invés de se complementarem.

9. Foi praia, depois praça e, por fim, avenida. É um exemplo de nosso processo de desenvolvimento. *Os carros predominam na área* e parecem ser o elemento mais importante daquele espaço. Em sua esquina com a Avenida Mauá, encontra-se um terreno baldio, que é utilizado como estacionamento, apesar de seu grande potencial. Enquanto isso a ciclovia da Sete de Setembro é interrompida bruscamente sem motivo.

MAPA 15 LOCALIZAÇÃO

MAPA 16 MORFOLOGIA E ARBORIZAÇÃO



- | | | |
|--------------------------|-----------------|-----------|
| EXÓTICAS | ○ Desconhecida | NATIVAS |
| ● Palmeira da Califórnia | ● Plátano | ● Ipê |
| ● Jacarandá | ⊗ Plátano Morto | ● Tipuana |

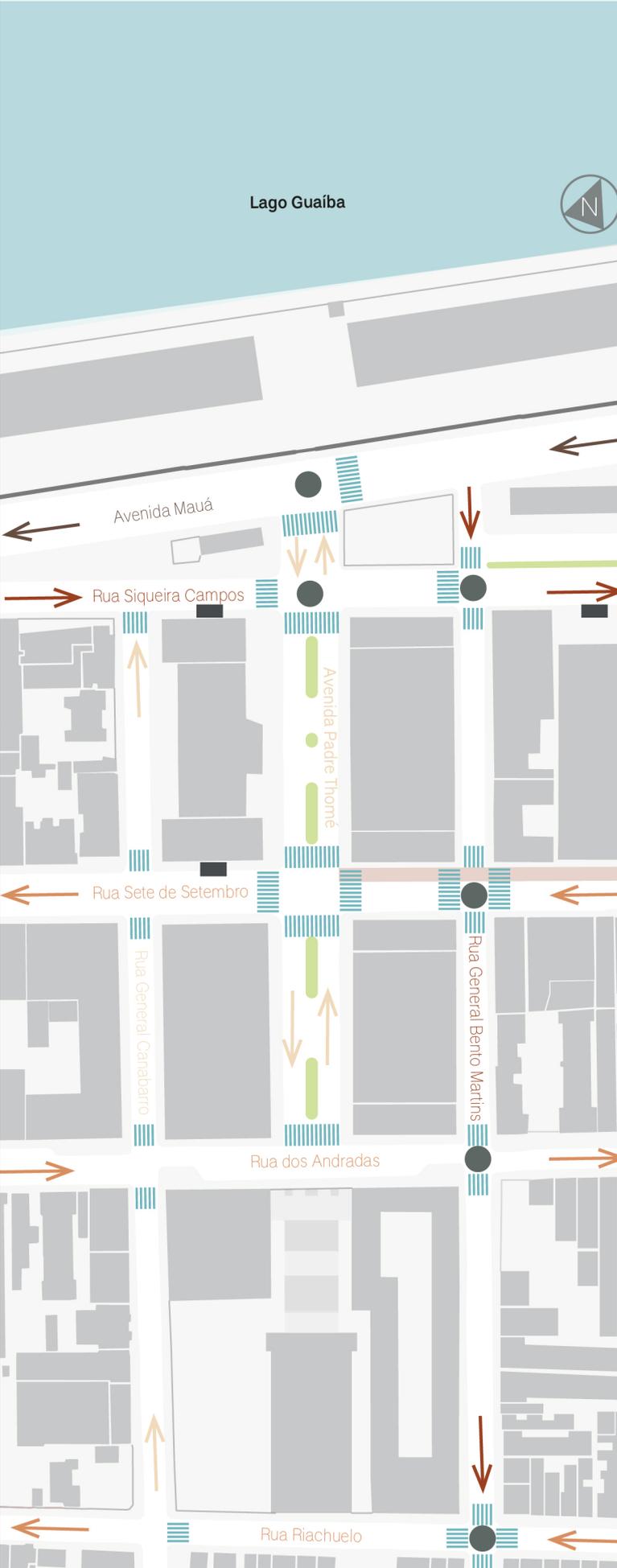
MAPA 17 TOPOGRAFIA



MAPA 18 USOS



MAPA 19 ACESSOS



- ➔ Via de Tráfego Altíssimo
- ➔ Via de Tráfego Alto
- ➔ Via de Tráfego Médio
- ➔ Via de Tráfego Baixo
- ▤ Faixas de Segurança Ciclovía
- Esquinas com Sinalização
- Paradas de Ônibus

MAPA 20 ALTURA DAS EDIFICAÇÕES



- 1-2 pavimentos
- 3-4 pavimentos
- 5-6 pavimentos
- Acima de 7 pavimentos

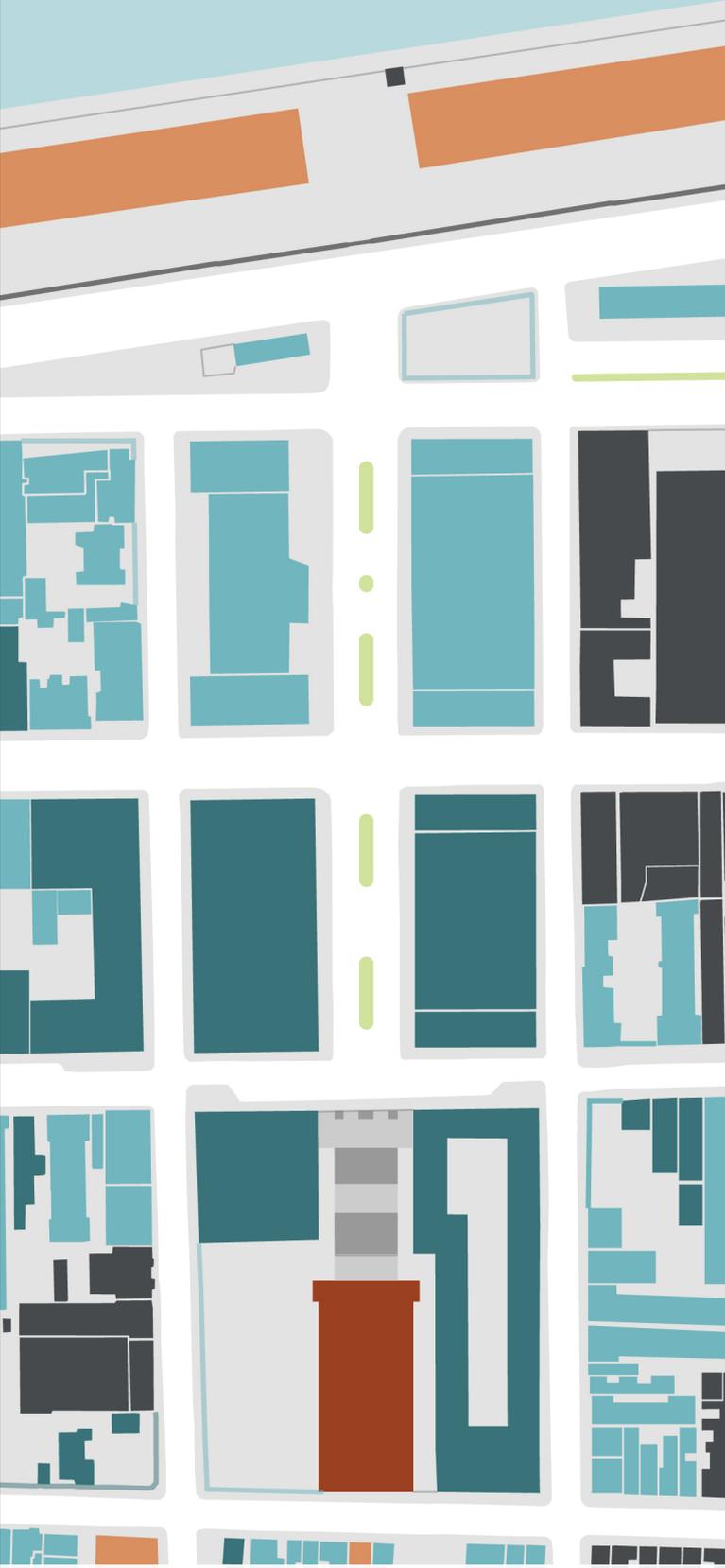
MAPA 21 PATRIMÔNIO

Lago Guaíba



MAPA 22 PLANEJAMENTO

Lago Guaíba



- Tombado pelo IPHAN
- Inventariado Estruturação
- Inventariado Compatibilização
- Tombado pela SMC

- AIC Dores - UEU 1026 - 5
- AIC CCMQ - UEU 1026 - 25
- AIC Dores - UEU 1026 - 31
- UEU 1026 - 3

MACROZONA 1
 UNIDADE DE ESTRUTURAÇÃO URBANA 26
 SUBUNIDADE DE ESTRUTURAÇÃO URBANA 5

ÁREA ISENTA DE RECUOS**DENSIDADE 15**

- ZONA PREDOMINANTEMENTE RESIDENCIAL, MISTAS 1 A 11, PREDOMINANTEMENTE PRODUTIVA
- SOLO PRIVADO - 385 HAB./HA
- SOLO PRIVADO - 110 ECON./HA
- SOLO CRIADO - 70 HAB./HA
- SOLO CRIADO - 20 ECON./HA
- TOTAL - 455 HAB./HA
- TOTAL - 130 ECON./HA

ATIVIDADE 15,5

- AIC MISTA 2
- PROIBIDO COMÉRCIO ATACADISTA E SERVIÇOS COM INTERFERÊNCIA AMBIENTAL NÍVEL 3
- COMÉRCIO ATACADISTA COM INTERFERÊNCIA AMBIENTAL NÍVEL 2 SÓ ATÉ 1500m²
- SERVIÇOS COM INTERFERÊNCIA AMBIENTAL NÍVEL 2 E INDÚSTRIAS SÓ ATÉ 500m²
- RESTO SEM RESTRIÇÕES

ÍNDICE DE APROVEITAMENTO 15

- IA = 1,9
- COM POSSIBILIDADE DE SOLO CRIADO
- COM POSSIBILIDADE DE TRANSFERÊNCIA DE POTENCIAL CONSTRUTIVO
- IA MÁXIMO = 3,0
- QUOTA IDEAL - 75m²

VOLUMETRIA 8

- ALTURA MÁXIMA - 18m
- ALTURA MÁXIMA NA DIVISA - 18m
- ALTURA NA BASE - 9m
- TAXA DE OCUPAÇÃO CORPO - 75%
- TAXA DE OCUPAÇÃO BASE - 90%

MACROZONA 1
 UNIDADE DE ESTRUTURAÇÃO URBANA 26
 SUBUNIDADE DE ESTRUTURAÇÃO URBANA 31

ÁREA ISENTA DE RECUOS**DENSIDADE 15****ATIVIDADE 15,1**

- AIC ÁREA PREDOMINANTEMENTE RESIDENCIAL
- SÓ PODE RESIDÊNCIAS, COMÉRCIOS VAREJISTAS, SERVIÇOS OU INDÚSTRIAS QUE SEJAM INÓCUOS OU COM INTERFERÊNCIA AMBIENTAL 1
- OS COMÉRCIOS VAREJISTAS, SERVIÇOS E INDÚSTRIAS PERMITIDOS PODEM TER NO MÁXIMO 200m²
- SÃO PROIBIDAS FUNERÁRIAS

ÍNDICE DE APROVEITAMENTO 15**VOLUMETRIA 8**

MACROZONA 1
 UNIDADE DE ESTRUTURAÇÃO URBANA 26
 SUBUNIDADE DE ESTRUTURAÇÃO URBANA 25

ÁREA ISENTA DE RECUOS**DENSIDADE 15****ATIVIDADE 15,5****ÍNDICE DE APROVEITAMENTO 19**

- IA = 2,4
- COM POSSIBILIDADE DE SOLO CRIADO
- COM POSSIBILIDADE DE TRANSFERÊNCIA DE POTENCIAL CONSTRUTIVO
- IA MÁXIMO = 3,0
- QUOTA IDEAL - 75m²

VOLUMETRIA 15

- ALTURA MÁXIMA - 33m
- ALTURA MÁXIMA NA DIVISA - 18m
- ALTURA NA BASE - 9m
- TAXA DE OCUPAÇÃO CORPO - 75%
- TAXA DE OCUPAÇÃO BASE - 90%

MACROZONA 1
 UNIDADE DE ESTRUTURAÇÃO URBANA 26
 SUBUNIDADE DE ESTRUTURAÇÃO URBANA 3

ÁREA ISENTA DE RECUOS**DENSIDADE 19**

- ZONA PREDOMINANTEMENTE RESIDENCIAL, MISTAS, CENTRO HISTÓRICO, CORREDOR DE URBANIDADE E DE CENTRALIDADE
- SOLO PRIVADO - 525 HAB./HA
- SOLO PRIVADO - 150 ECON./HA
- NÃO HÁ SOLO CRIADO

ATIVIDADE 1

- ÁREA PREDOMINANTEMENTE RESIDENCIAL CENTRO HISTÓRICO
- SÓ PODE RESIDÊNCIAS, COMÉRCIOS VAREJISTAS, SERVIÇOS OU INDÚSTRIAS QUE SEJAM INÓCUOS OU COM INTERFERÊNCIA AMBIENTAL 1
- OS COMÉRCIOS VAREJISTAS, SERVIÇOS E INDÚSTRIAS PERMITIDOS PODEM TER NO MÁXIMO 200m²
- SÃO PROIBIDAS FUNERÁRIAS

ÍNDICE DE APROVEITAMENTO 19**VOLUMETRIA 19**

- ALTURA MÁXIMA PARA CONSTRUÇÃO NO ALINHAMENTO É DE UM PAVIMENTO PARA CADA 2m DE LARGURA DO LOGRADOURO NO QUAL FAZ FRENTE, ATÉ O MÁXIMO DE DEZ PAVIMENTOS. PARA ALTURAS SUPERIORES ÀS PERMITIDAS NO ALINHAMENTO, DEVERÃO SER MANTIDOS RECUOS DE FRENTE, A PARTIR DO ÚLTIMO PAVIMENTOS NÃO RECUADO O EQUIVALENTE A 2m POR PAVIMENTO ADICIONADO.
- ALTURA NA BASE - 9m
- TAXA DE OCUPAÇÃO CORPO - 75%
- TAXA DE OCUPAÇÃO BASE - 90%

LEVANTAMENTO HISTÓRICO



1894 - Igreja das Dores antes do revestimento da fachada e dos aterros.



1903 - Igreja das Dores prestes a ser finalizada após 96 anos de construção.

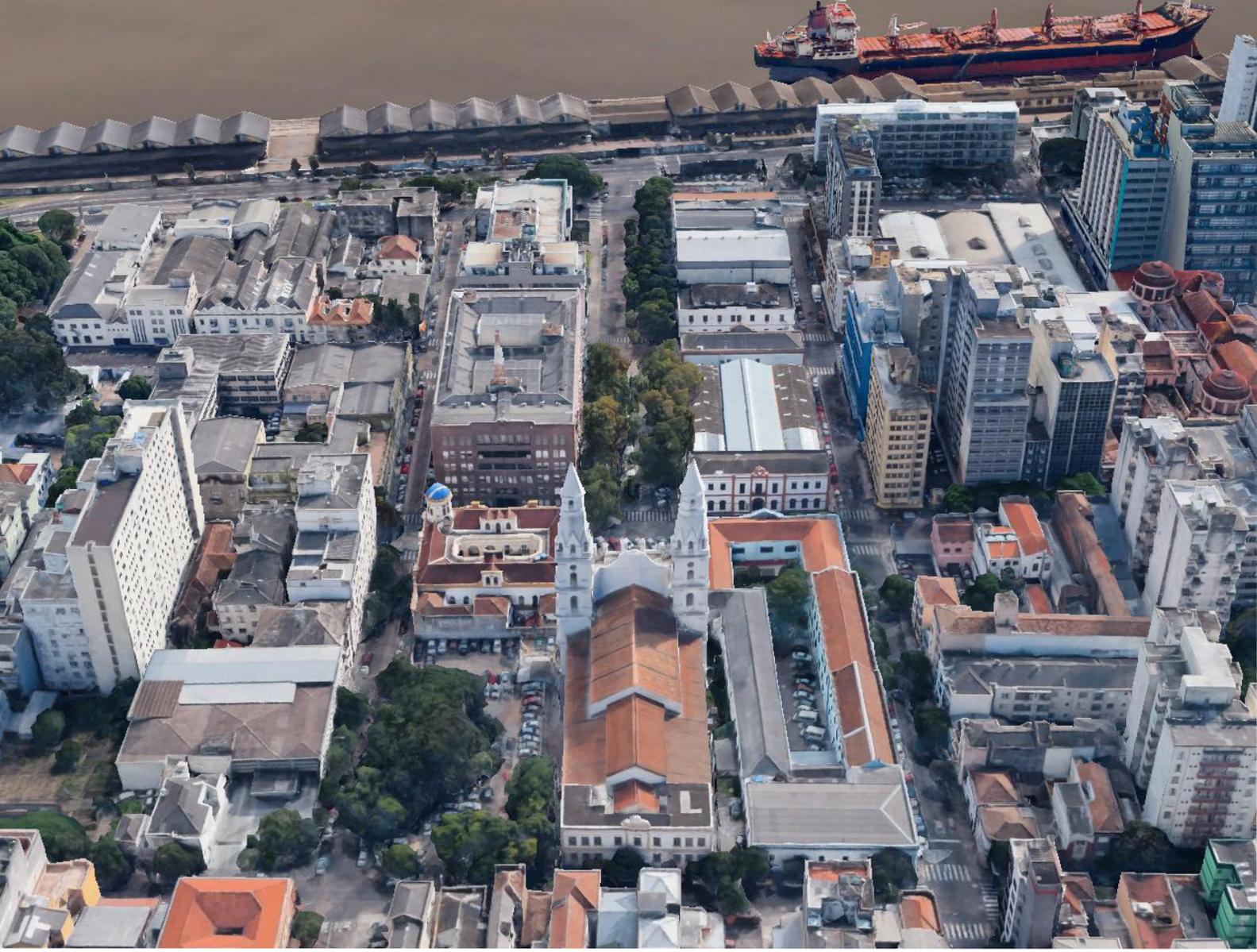


1930s - Igreja das Dores e Avenida Padre Thomé sem o eixo central arborizado.



1950s - Igreja das Dores, Avenida Padre Thomé e Cais Mauá em funcionamento sem o muro e a avenida.

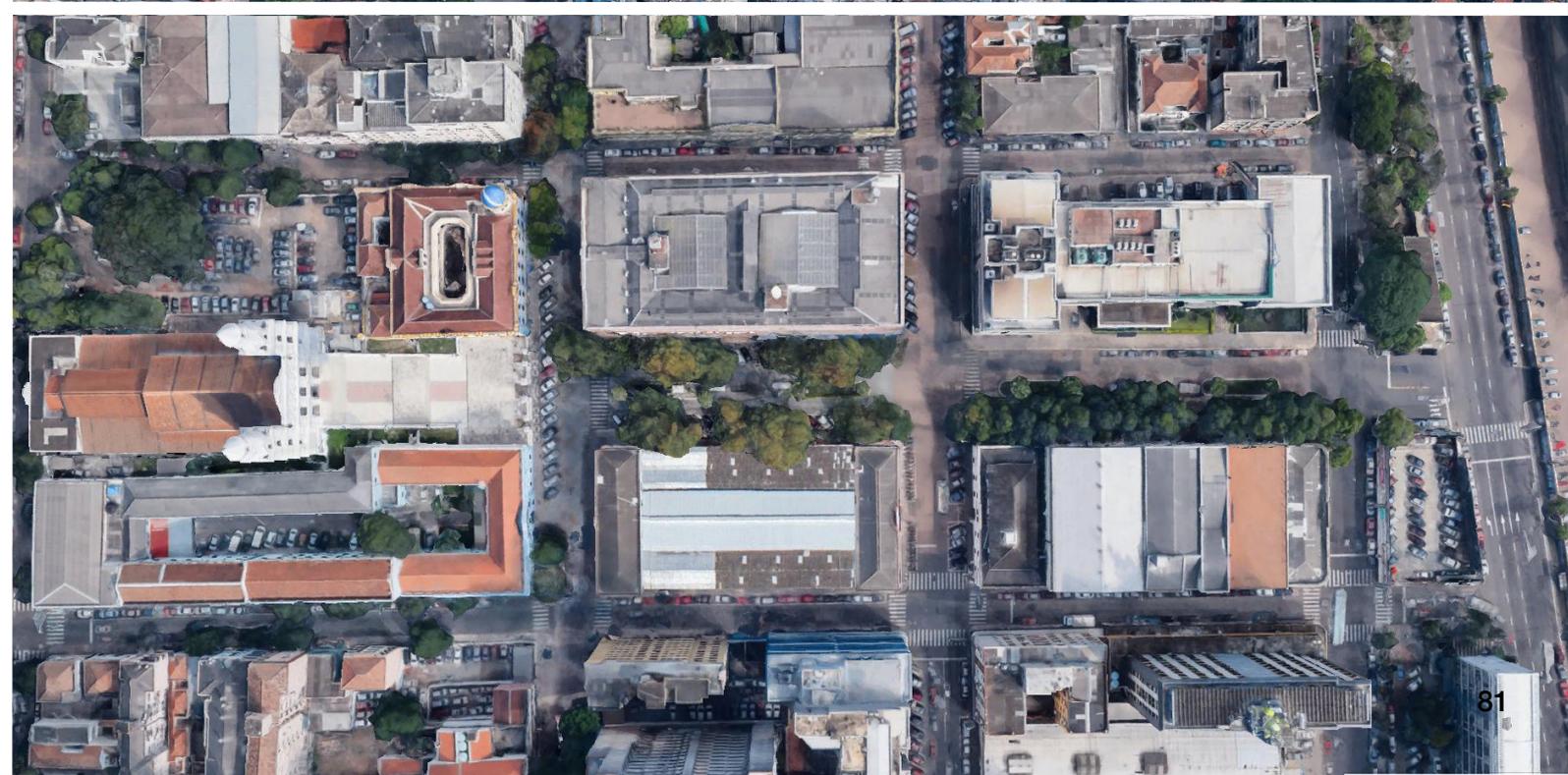
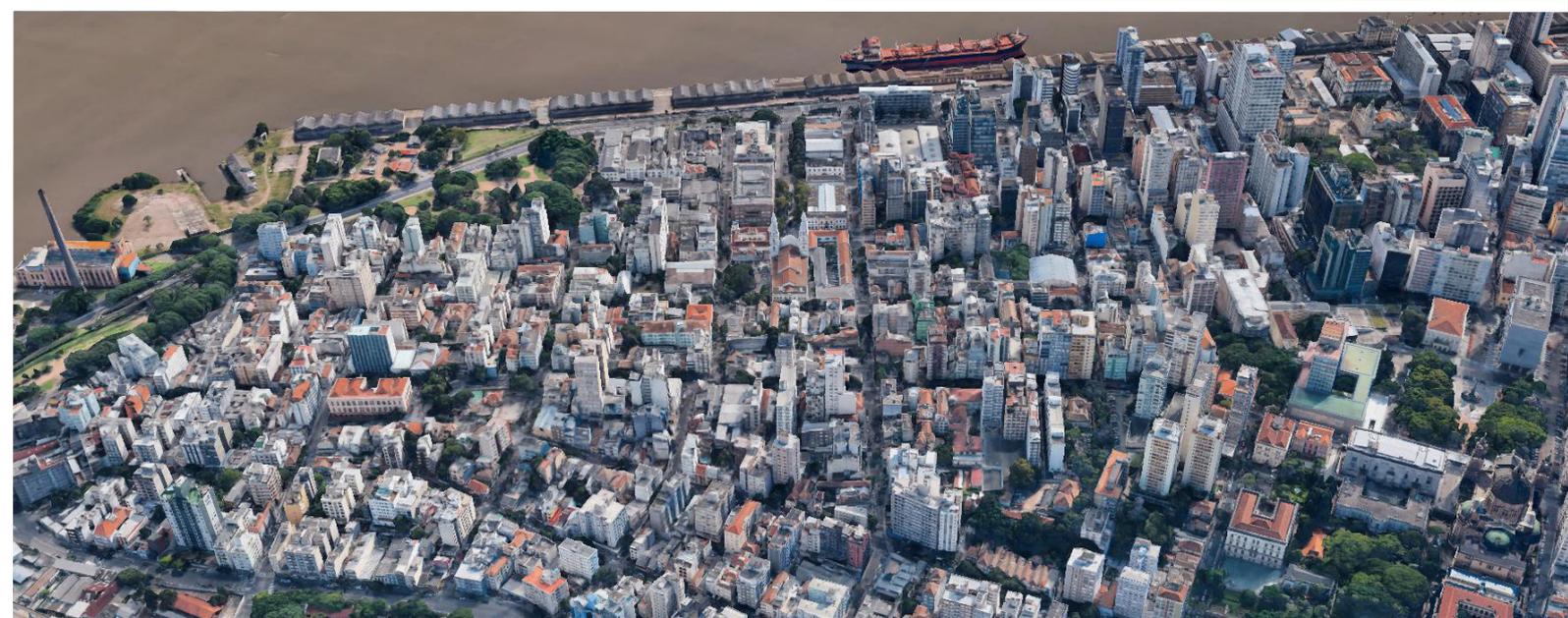
LEVANTAMENTO A PARTIR DO GOOGLE EARTH



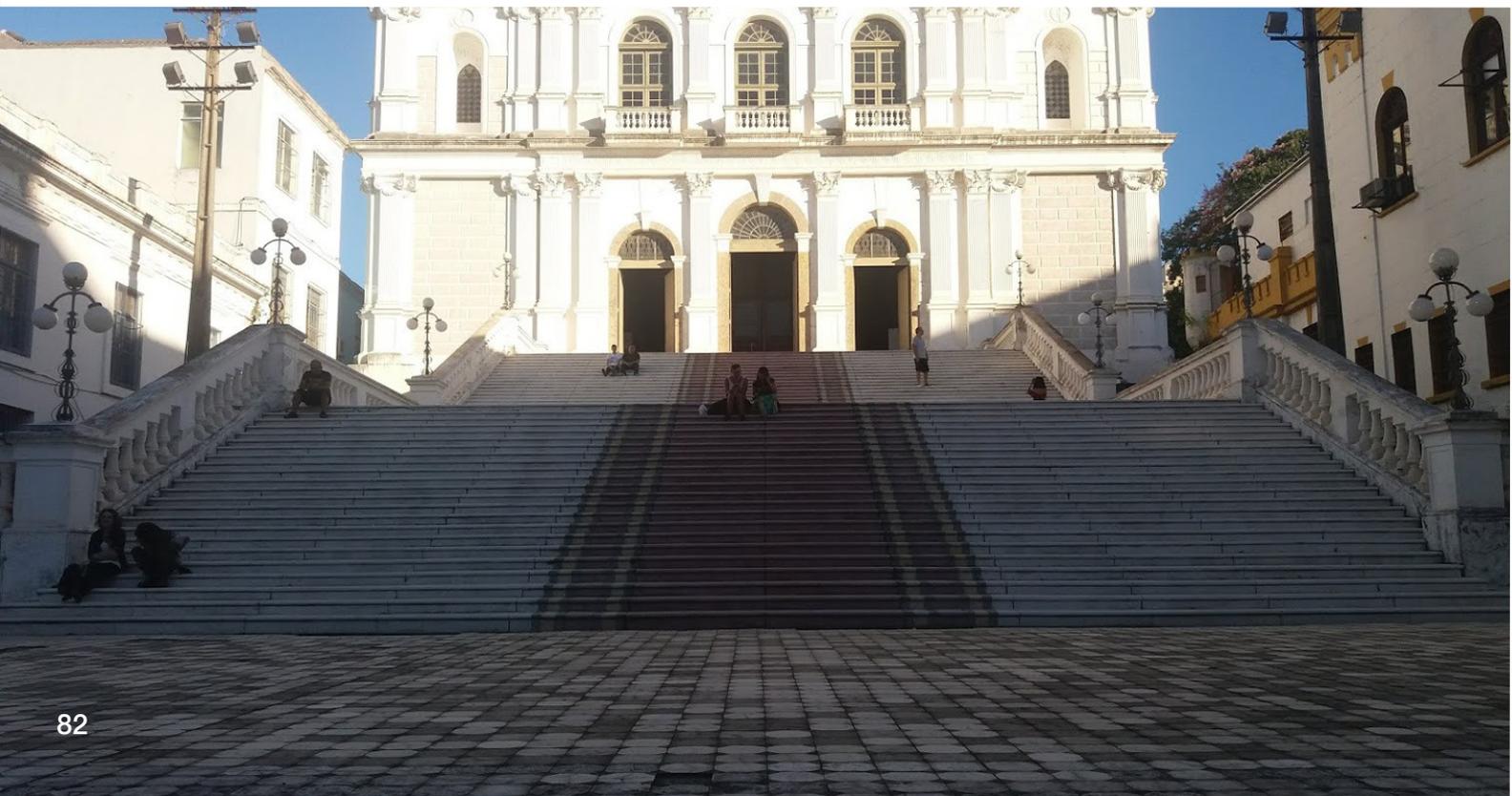
Mapa sem título
Adicione uma descrição para seu mapa.

Legenda



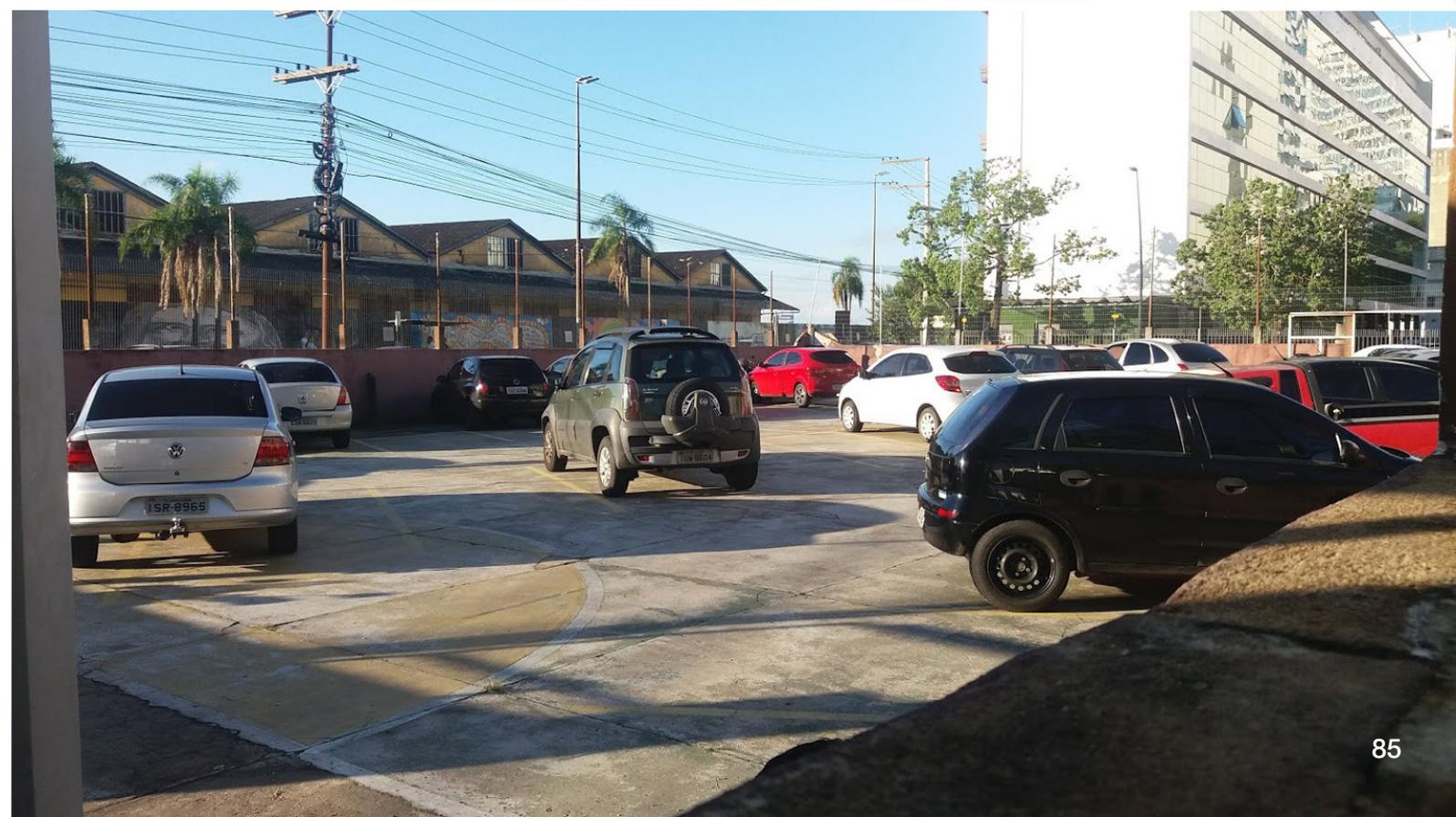


LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO









6.

Di

re

tri

zes

6.1 Sobre as diretrizes espaciais para a construção de um lugar de memória na Avenida Padre Thomé

Para chegar-se finalmente na tradução espacial de todas as reflexões e análises apresentadas até aqui, é necessário estabelecer uma série de diretrizes que irão compor o programa do Lugar de Memória da Avenida Padre Thomé. As diretrizes são criadas a partir dos conflitos evidenciados anteriormente como componentes da memória oculta que define a identidade da cidade de Porto Alegre e mantêm a mesma classificação daqueles.

6.1.1 As Diretrizes Espaciais relacionadas aos Conflitos Geográficos

A área da Avenida Padre Thomé foi a escolhida para ser detalhada, pois ela contém três evidências de nossos conflitos geográficos: está em área de aterro, está à beira de um morro e possui em uma de suas extremidades o Muro da Mauá e a Casa de Bombas Nº17, que são parte importante do Sistema de Proteção contra as cheias do Guaíba. Outros aspectos importantes são: que mesmo estando tão próxima, o Guaíba não é visto de nenhuma parte do espaço público da região; que mesmo sendo bastante arborizada, a maioria de sua vegetação é exótica e impede a completa apreciação do conjunto de edificações listados ou tombados que estão na região; e que a Escadaria da Igreja das Dores que está na extremidade oposta ao muro, é uma das melhores relações da arquitetura com o relevo na região central da cidade, criando uma arquibancada natural bastante interessante e relativamente utilizada, apesar da pobreza de sua vista.

Considerando-se tudo isso, as diretrizes espaciais relacionadas aos conflitos geográficos da área são:

- I. Evidenciar os aterros a partir da reinserção da água;*
- II. Reinsere a natureza nativa substituindo as árvores exóticas e repensando a relação do paisagismo com o patrimônio arquitetônico;*
- III. Potencializar o uso da Escadaria das Dores, a partir de seu uso como arquibancada pública e mirante do conjunto da intervenção;*
- IV. Criar um ponto de observação do Guaíba no espaço público;*
- V. Explicar o Sistema de Proteção contra cheias do Guaíba e a existência do Muro e da Casa de Bombas a partir de um pequeno memorial junto a este último.*

6.1.2 As Diretrizes Espaciais relacionadas aos Conflitos Sócio-Culturais.

Outra razão para a escolha da Avenida Padre Thomé como local da intervenção são o fato de que ela contém, seja pela presença, seja pela ausência, diversas evidências de nossos conflitos sócio-culturais: tem o nome de um padre, em uma área militar e não faz nenhuma referência as culturas tupi-guarani e negra, que fazem parte de sua construção e seu cotidiano, muito menos faz referência a mulheres. Além disso, é o lugar do antigo Pelourinho da cidade e compõe o Museu do Percurso Negro, apesar de ainda não possuir uma intervenção artística projetada. Outro aspecto importante é que a avenida possui só quatro edificações, mas nenhuma delas tem a mesma altura ou estilo que outra, são todas diferentes e desconexas, evidência de nossos conflitos culturais.

Considerando-se todos esses aspectos, as diretrizes espaciais relacionadas aos conflitos sócio-culturais da área são:

VI. Deixar espaço para que as minorias culturais se apropriem do lugar em seus próprios termos e atividades, ou seja, criar espaços que possibilitem o encontro desses grupos e suas manifestações;

VII. Estabelecer um lugar para a intervenção artística que comporá o Museu do Percurso Negro e fará referência ao antigo Pelourinho da cidade;

VIII. Projetar um paisagismo que valorize o patrimônio arquitetônico da área, principalmente a Igreja de Nossa Senhora das Dores, primeiro bem tombado pelo IPHAN em Porto Alegre.

6.1.3 As Diretrizes Espaciais relacionadas aos Conflitos Econômicos

Uma última razão para a escolha da Avenida Padre Thomé como local de intervenção é a enorme presença de carros e espaços de estacionamento, o que evidencia um de nossos principais conflitos econômicos. Além disso, ela possui Avenida Mauá em uma de sua extremidades, uma das maiores responsáveis pela separação do centro da cidade do Guaíba devido ao seu fluxo intenso.

Levando-se isso em consideração, as diretrizes espaciais relacionadas aos conflitos econômicos da área são:

IX. Fechar a Avenida Padre Thomé para carros, assim como a Rua 7 de setembro, que a cruza perpendicularmente por duas quadras, tornando a avenida novamente uma praça e substituindo os carros por pessoas;

X. Construir no terreno baldio usado como estacionamento pelos militares entre a Rua Siqueira Campos e a Avenida Mauá, a sede de uma fundação pública comunitária que seria responsável pela gestão e manutenção do espaço, assim como pela divulgação desse lugar de memória e organização de atividades que beneficiem a vida pública da cidade e o desenvolvimento da democracia e da cidadania.

6.2 Sobre as diretrizes administrativas para a construção de um lugar de memória na Avenida Padre Thomé

Além dessas diretrizes espaciais é necessário estabelecer algumas diretrizes administrativas para o pleno funcionamento desse lugar de memória como espaço público, ou seja, como espaço que reflita a multiplicidade e a diversidade das identidades e memórias que compõem a cidade de Porto Alegre. Isso é essencial para que o espaço realmente seja democrático e estimule a cidadania de sua comunidade.

Considerando-se todos esses aspectos, as diretrizes administrativas para o pleno funcionamento da área são:

XI. Criar uma fundação pública comunitária, cujos representantes são eleitos por voto direto das pessoas que comprovadamente moram ou trabalham no bairro. Essa fundação seria uma autarquia responsável pela gestão, manutenção, divulgação e organização de atividades no Caminho Público da Memória. Além disso, ela teria a função de legitimar o poder comunitário perante os interesses econômicos e as instituições autoritárias que possam vir a atrapalhar o desenvolvimento dos lugares de memória como espaços públicos abrangentes e democráticos;

XII. Diminuir as referências aos personagens homens brancos da elite militar ou religiosa, a partir da busca de nomes mais naturais para os lugares da intervenção, os quais abranjam a diversidade que compõe a nossa sociedade. Por nomes naturais, me refiro àqueles que traduzem exatamente o que o espaço é como os nomes antigos das ruas da cidade de Porto Alegre: Rua da Ladeira, Rua do Riacho, Rua do Arvoredo, etc.

6.3 Sobre o programa e as áreas estimadas para a construção de um lugar de memória na Avenida Padre Thomé

O programa para o Lugar de Memória da Avenida Padre Thomé está composto de uma instituição, dois museus abertos e uma praça dividida em dois eixos.

A instituição é a Fundação Comunitária Caminho da Memória, localizada no terreno baldio entre a Rua Siqueira Campos e a Avenida Mauá. O primeiro museu é o Museu da Borda Cidade, coordenado por essa fundação, que é composto por intervenções no eixo central da Avenida Padre Thomé e no terreno da Casa de Bombas N°17. O segundo museu é o Museu do Percurso Negro, o qual prevê uma intervenção artística no lugar do antigo Pelourinho da cidade, em frente à Escadaria da Igreja de Nossa Senhora das Dores. Por fim, a praça em si será dividida conceitualmente em dois eixos: Eixo Histórico, na Avenida Padre Thomé, o qual valorizará a conexão entre o Muro da Mauá e a Igreja das Dores; e o Eixo Verde, na Rua de 7 de Setembro, o qual criará espaços de convívio familiar e debate em meio a vegetação nativa.

Área Total.....7000m²

FUNDAÇÃO COMUNITÁRIA CAMINHO DA MEMÓRIA

Escritórios da Fundação Comunitária.....300m²

Centro de Eventos da Fundação Comunitária.....400m²

Apoios e Circulação Fundação Comunitária.....100m²

Bar/Restaurante da Fundação Comunitária.....300m²

MUSEU DA BORDA DA CIDADE

Espaço Memorial da Enchentes.....400m²

Espaço Memorial dos Aterros.....1350m²

Apoios e Circulação do Memorial da Borda da Cidade.....50m²

Café/Loja do Memorial da Borda da Cidade.....150m²

Terraço Público da Fundação Comunitária.....700m²

MUSEU DO PERCURSO NEGRO

Espaço Memorial do Pelourinho.....150m²

EIXO HISTÓRICO

Espaço para feiras.....1600m²

Acessos as edificações e vegetação.....1400m²

EIXO VERDE

Parcela Leste.....660m²

Parcela Oeste.....740m²

7.
Pro
po
si
ções

CARREGANDO

...



8.

Bi

blio

gra

fia

Nora, Pierra. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

Aravena, Alejandro. Alejandro Aravena on Moving Architecture: From the Specificity of the Problem to the Ambiguity of the Question. [Jul.2017] Entrevistadores: Yves Besançon, Francisca Pulido e Tomás Swett. Santiago: Archdaily, 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com/873528/alejandro-aravena-on-moving-architecture-from-the-specificity-of-the-problem-to-the-ambiguity-of-the-question>> Acesso em 6 de abril de 2018.

Harvey, David. In: LOW, SETHA; SMITH, NEIL (Orgs.). The Politics of Public Space: The Political Economy of Public Space. Nova York: Taylor & Francis Group, 2006. Disponível em <<http://davidharvey.org/articles/>> Acesso em 6 de abril de 2018.

Lerchner, Norbert e Güell, Pedro. Construcción social de las memorias en la transición chilena. In: Memorias coletivas de la represión en el Cono Sur. 1998. Montevidéo. Disponível em <http://www.archivochile.com/Ceme/recup_memoria/cemememo0024.pdf> Acesso em 6 de abril de 2018.

Ingels, Bjarke. Bjarke Ingels on the expanded role of the architect. In: Design Indaba Conference. 2012. Durban. Disponível em <<http://www.designindaba.com/videos/conference-talks/bjarke-ingels-expanded-role-architect>> Acesso em 6 de abril de 2018.

Pallasmaa, Juhani. The essence of architecture with Juhani Pallasmaa. [Mar.2014] San Diego: NewSchool of Architecture & Design, 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-Yx1MmwdiMw>> Acesso em 6 de abril de 2018.

Gillis, John R. Memoria e identidade: La historia de una relación. Tradução Natalie Abad de Ruhr. In: Commemorations: The Politics of National Identity. Princeton University Press. pp 3-24. 1994. Disponível em <http://www.memoriapopular.cl/wp/wp-content/uploads/2015/07/Memoria_e_identidad.pdf> Acesso em 6 de abril de 2018.

Montenegro, Fernanda. Sangue Latino. [Fev.2017] Entrevistador: Eric Nepomuceno. São Paulo: GNT, 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z_d5dbCEGE0&t=7s> Acesso em 6 de abril de 2018.

Pessoa, Fernando. In: Pessoa por Conhecer - Textos para um Novo Mapa . Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990. p. 14. Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/2676>> Acesso em 6 de abril de 2018.

Halbwachs, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

Pollak, Michael. Memoria e Identidade Social. In Memoria, olvido, silencio. La producción social de identidades frente a situaciones limites. 2006

Zumthor, Peter. Pensar a arquitetura. São Paulo: GG, 2009.

Nietzsche, Friedrich. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

Debord, Guy. A sociedade do espetáculo. São Paulo. Contraponto: 1992

Costa, Iná Camargo. Para compreender a sociedade do espetáculo. [Ago 2017]. São Paulo: Outra Palavras. 2017. Disponível em <<https://outraspalavras.net/posts/para-compreender-a-sociedade-do-espetaculo/>> Acesso em 6 de abril de 2018.

Nabuco, Joaquim. Minha formação. 1900. Disponível em < <http://www.academia.org.br/academicos/joaquim-nabuco/textos-escolhidos>> Acesso em 6 de abril de 2018.

Franco, Sérgio da Costa. Guia Histórico de Porto Alegre. Porto Alegre: EdiUFRGS, 2006.

Macedo, Francisco Riopardense de. Porto Alegre: Origem e Crescimento. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1999.

Spalding, Walter. Pequena História de Porto Alegre. Porto Alegre: Sulina, 1967.

Porto Alegre: população em situação de rua aumenta em mais de 50% em cinco anos. Jornal Sul 21, Porto Alegre, 15 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2016/12/porto-alegre-populacao-em-situacao-de-rua-aumenta-em-mais-de-50-em-cinco-anos/>>. Acesso em: 6 de abril de 2018.

Raio-X da violência. Jornal Zero Hora online, Porto Alegre, 2 mai. 2018. Disponível em: <<http://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/raio-x-da-violencia/>> Acesso em: 6 de abril de 2018

Porto Alegre Antigo - o maior presente. Dos Antepassados ao Século XXI - A maior história de Porto Alegre em cronológica. Coordenado por João Paulo Macedo. Porto Alegre, 2009-2017. Disponível em: <<http://lealevalerosa.blogspot.com.br/>> Acesso em: 6 de abril de 2018

Prefeitura de Porto Alegre. Projeto Viva o Centro. Porto Alegre, 2012-2015. Disponível em <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php>> Acesso em 6 de abril de 2018

DMAE, Portal do Departamento Municipal de Água e Esgoto. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/dmae/>> Acesso em 6 de abril de 2018

DEP, Portal do Departamento Municipal de Esgotos Pluviais. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/dep/>> Acesso em 6 de abril de 2018

Menegat R., Porto M. L., Carrao C. C. (Org.), Atlas Ambiental de Porto Alegre, 3ª ed. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2006.

Porto Alegre, Prefeitura Municipal. Secretaria do Planejamento Municipal. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental. Lei Complementar n. 434. Porto Alegre: PMPA/SPM, 1999.

SOUZA, Célia Ferraz de; MULLER, Dóris Maria. Porto Alegre e sua evolução urbana. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

NYGAARD, Paul Dieter. Planos Diretores de Cidades: discutindo sua base doutrinária. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

MARICATO, Erminia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otilia Beatriz Fiori, VAINER, Carlos, MARICATO, Erminia (orgs.) A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 121-192.

FIALHO, Daniela Marzola. Cidades visíveis: para uma História da Cartografia como documento de identidade urbana. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, UFRGS, 2010.

PORTO ALEGRE - Uma História Fotográfica. Coordenado por Ronaldo Marcos Bastos. Porto Alegre, 2014-2018. Disponível em <<http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/>> Acesso em 6 de abril de 2018

PORTO ALEGRE. Secretaria de Planejamento Municipal. Síntese do Plano Estratégico – Reabilitação da Área Central de Porto Alegre. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/usu_doc/relatorio_vivocentro.pdf>. Acesso em: 6 de abril de 2018

FOTOS ANTIGAS RS – Álbum Porto Alegre. Coordenado por André Prati. Porto Alegre, 2018. Disponível em <<http://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre>> Acesso em: 6 de abril de 2018.

9.
Lis
ta
ge
ns

9.1 Lista de mapas

Todos os mapas são de autoria de Rafael Berny baseados nas informações do Relatório Viva o Centro e do Atlas Ambiental de Porto Alegre.

Mapa 1 - Hidrografia de Porto Alegre	30
Mapa 2 - Topografia de Porto Alegre.....	31
Mapa 3 - Aterros na região central de Porto Alegre.....	33
Mapa 4 - Espaços Públicos do Centro Histórico de Porto Alegre cujos nomes fazem referência a personagens da elite.....	47
Mapa 5 - Referências à cultura tupi-guarani no Centro Histórico de Porto Alegre.....	48
Mapa 6 - Referências à cultura africana e à escravidão no Centro Histórico de Porto Alegre (Museu do Percurso Negro).....	49
Mapa 7 - Referências ao Exército e à guerra nos espaços públicos do Centro Histórico de Porto Alegre.....	50
Mapa 8 - Referências à Igreja Católica nos espaços públicos do Centro Histórico de Porto Alegre.....	51
Mapa 9 - Referências à homens civis nos espaços públicos do Centro Histórico de Porto Alegre.....	52
Mapa 10 - Referências à mulheres nos espaços públicos do Centro Histórico de Porto Alegre.....	53
Mapa 11 - Espaços vazios, desocupados ou subutilizados no Centro Histórico de Porto Alegre.....	61
Mapa 12 - Grandes obras viárias no Centro Histórico de Porto Alegre... 62	
Mapa 13 - Espaços de cultura e resistência no Centro Histórico de Porto Alegre.....	63
Mapa 14 - Caminho Público da Memória de Porto Alegre.....	71
Mapa 15 - Localização da Área de Intervenção na Avenida Padre Thomé... 73	
Mapa 16 - Morfologia e Vegetação da Área de Intervenção na Avenida Padre Thomé.....	73
Mapa 17 - Topografia da Área de Intervenção na Avenida Padre Thomé... 74	
Mapa 18 - Usos das edificações na Área de Intervenção na Avenida Padre Thomé.....	74
Mapa 19 - Acessos e Tráfego da Área de Intervenção na Avenida Padre Thomé.....	75
Mapa 20 - Altura das edificações da Área de Intervenção na Avenida Padre Thomé.....	75
Mapa 21 - Patrimônio tombado ou listado na Área de Intervenção na Avenida Padre Thomé.....	76
Mapa 22 - Zoneamento do Plano Diretor na Área de Intervenção na Avenida Padre Thomé.....	76

9.2 Lista de figuras

Figura 1 - Ilustração metáfora dos espelhos 1 - O Eu e o Outro (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	15
Figura 2 - Ilustração metáfora dos espelhos 2 - A Identidade (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	15
Figura 3 - Ilustração metáfora dos espelhos 3 - A Percepção da Identidade (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	15
Figura 4 - Ilustração metáfora dos espelhos 4 - A Memória (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	15
Figura 5 - Ilustração metáfora dos espelhos 5 - A Identidade à partir da Memória de Acontecimentos (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	17
Figura 6 - Ilustração metáfora dos espelhos 6 - A Identidade à partir da Memória de Personagens (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	17

Figura 7 - Ilustração metáfora dos espelhos 7 - A Identidade à partir da Memória de Lugares (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	17
Figura 8 - Ilustração metáfora dos espelhos 8 - A História (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	17
Figura 9 - Ilustração metáfora dos espelhos 9 - A Identidade na Pré-modernidade (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	18
Figura 10 - Ilustração metáfora dos espelhos 10 - A Identidade na Modernidade (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	19
Figura 11 - Ilustração metáfora dos espelhos 11 - A Identidade na Pós-modernidade 1 (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	21
Figura 12 - Ilustração metáfora dos espelhos 12 - A Identidade na Pós-modernidade 2 Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	23
Figura 13 - Ilustração metáfora dos espelhos 13 - A Identidade na América Latina (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	25
Figura 14 - Ilustração metáfora dos espelhos 1 a 13 - Obra completa (Autor: Pedro Collares Gonçalves).....	27
Figura 15 - Fotografia da Praça do Paraíso (atual Praça XV de Novembro) com Mercado Público ao fundo- Ano - Autor.....	34
Figura 16 - Fotografia da Antiga Doca do Mercado Público - Ano - Autor.....	34
Figura 17 - Fotografia da Antiga Doca da Alfândega - Ano - Autor.....	34
Figura 18 - Fotografia da Praça XV (antiga Praça do Paraíso) e Mercado Público e Doca- Ano - Autor.....	35
Figura 19 - Fotografia da Antiga Doca da Alfândega - Ano - Autor.....	35
Figura 20 - Fotografia do Clube de regatas junto à antiga Doca da Alfândega - Ano - Autor.....	36
Figura 21 - Fotografia dos Trapiches à beira do Guaíba antes da construção do Cais - Ano - Autor.....	36
Figura 22 - Fotografia das docas à beira do Guaíba com destaque para a chaminé da Usina Fiat Lux e a construção da torre oriental da Igreja de Nossa Senhora das Dores - Ano - Autor.....	36
Figura 23 - Fotografia de um jogo de polo aquático junto à antiga Doca do Mercado Público - Ano - Autor.....	37
Figura 24 - Fotografia aérea da construção das novas docas do Cais Mauá - Ano - Autor.....	37
Figura 25 - Fotografia do Cais Mauá em funcionamento com Igreja de Nossa Senhora das Dores já completada ao fundo e antes da construção do muro - Ano - Autor.....	37
Figura 26 - Fotografia da ponta da península com Usina do Gasômetro e Casa de Correção em pleno funcionamento - Ano - Autor.....	38
Figura 27 - Fotografia da construção do Centro Administrativo Fernando Ferrari e de outros prédios públicos sobre o último aterro de Porto Alegre sobre o Guaíba - Ano - Autor.....	38
Figura 28 - Fotografia de famílias aproveitando a vista do Morro Santa Teresa sobre o Guaíba e os aterros que estavam sendo construídos junto à Praia de Belas - Ano - Autor.....	39
Figura 29 - Fotografia da península de Porto Alegre como encontra-se atualmente - Ano - Autor.....	39
Figura 30 - Fotografia do Cais Mauá atualmente com o muro e a grande avenida em funcionamento - Ano 2018- Autor.....	40
Figura 31 - Fotografia das docas do Cais Mauá em seu estado atual de abandono e segregação em relação a cidade - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	40
Figura 32 - Fotografia de uma das comportas do Muro da Mauá a partir da Avenida Padre Thomé - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	41

Figura 33 - Fotografia da Praça Revolução Farroupilha e da Avenida Júlio de Castilhos a partir da saída norte do Mercado Público - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	41
Figura 34 - Fotografia da construção do Viaduto Otávio Rocha - Ano - Autor.....	42
Figura 35 - Fotografia da construção do Viaduto Otávio Rocha - Ano - Autor.....	42
Figura 36 - Fotografia da construção do Viaduto Otávio Rocha - Ano - Autor.....	43
Figura 37 - Fotografia da construção do Viaduto Otávio Rocha - Ano - Autor.....	43
Figura 38 - Fotografia do Arroio Dilúvio em seu leito original passando por sobre a Ponte de Pedra e funcionando como pequeno porto ainda - Ano - Autor.....	44
Figura 39 - Fotografia do Arroio Dilúvio em seu leito original passando por sobre a Ponte de Pedra e funcionando como pequeno porto ainda - Ano - Autor.....	44
Figura 40 - Fotografia do Arroio Dilúvio em processo de canalização mas ainda banhável - Ano - Autor.....	45
Figura 41 - Fotografia do Arroio Dilúvio já canalizado e abandonado pelas pessoas - Ano - Autor.....	45
Figura 42 - Fotografia da estátua do Brigadeiro Sampaio em praça homônima - Ano - Autor.....	55
Figura 43 - Fotografia de uma celebração junto ao monumento do tambor que compõe o Museu do Percorso Negro - Ano - Autor.....	55
Figura 44 - Fotografia da Praça Marquesa de Seigné, conhecida como Praça do MMs, única referência a uma mulher em um espaço público do Centro Histórico de Porto Alegre - Ano - Autor.....	55
Figura 45 - Fotografia das pessoas em situação de rua com suas casas provisórias sob o Viaduto Otávio Rocha - Ano - Autor.....	56
Figura 46 - Fotografia de pessoa em situação de rua dormindo junto ao Mercado Público com seus pertences e seu companheiro canino - Ano - Autor.....	56
Figura 47 - Capturas de tela de manchetes do site do Jornal Zero Hora relacionadas à insegurança e a violência urbana no Centro Histórico de Porto Alegre nos últimos 3 anos - Ano 2018- Autor Rafael Berny.....	57
Figura 48 - Fotografia aérea do Centro Histórico de Porto Alegre a partir da Usina do Gasômetro - Ano - Autor Aurora Imagens.....	58
Figura 49 - Fotografia aérea do Centro Histórico de Porto Alegre a partir da Praça Revolução Farroupilha - Ano - Autor Aurora Imagens.....	58
Figura 50 - Fotografia aérea do Centro Histórico de Porto Alegre a partir da Praça da Alfândega - Ano - Autor Aurora Imagens.....	58
Figura 51 - Fotografia aérea do Centro Histórico de Porto Alegre a partir da Praça Marechal Deodoro da Fonseca 1 - Ano - Autor Aurora Imagens...	59
Figura 52 - Fotografia aérea do Centro Histórico de Porto Alegre a partir da Praça Marechal Deodoro da Fonseca 2 - Ano - Autor Aurora Imagens...	59
Figura 53 - Fotografia aérea do Centro Histórico de Porto Alegre a partir da Praça Marechal Deodoro da Fonseca 3 - Ano - Autor Aurora Imagens...	59
Figura 54 - Fotografia de prédio abandonado a partir do 3º pavimento junto à Praça Revolução Farroupilha - Ano 2018 - Autor Rafael Berny...	64
Figura 55 - Fotografia de prédio abandonado da Confeitaria Rocco junto à Praça Conde de Porto Alegre - Ano 2018 - Autor Rafael Berny...	64
Figura 56 - Fotografia de prédios de estacionamento na esquina da Avenida Alberto Bins com a Rua Pinto Bandeira - Ano 2018 - Autor Google Street View.....	65

Figura 57 - Fotografia de pavilhões de estacionamento na Rua Comendador Manoel Pereira - Ano 2018 - Autor Google Street View...	65
Figura 58 - Fotografia de terreno baldio usado como estacionamento na esquina da Avenida Mauá com a Avenida Padre Thomé - Ano 2018 - Autor Google Street View.....	65
Figura 59 - Fotografia aérea do entorno da Igreja da Conceição antes da construção do Complexo Viário, com a Rua da Conceição em sua dimensão original, a Praça Dom Sebastião e a antiga Santa Casa - Ano - Autor.....	66
Figura 60 - Fotografia da construção do Túnel do Complexo Viário da Conceição com a Igreja da Conceição ao fundo - Ano - Autor.....	66
Figura 61 - Fotografia da construção do Viaduto do Complexo Viário da Conceição com a Rodoviária ao fundo - Ano - Autor.....	67
Figura 62 - Fotografia aérea do processo de construção do Viaduto do Complexo Viário da Conceição antes da demolição da Estação Ferroviária junto ao Edifício Ely - Ano - Autor.....	67
Figura 63 - Fotografia aérea após a conclusão da construção do Viaduto da Conceição após a demolição da Estação Ferroviária, com o Edifício Ely espremido e a Estação Rodoviária ao fundo - Ano - Autor.....	67
Figura 64 - Fotografia aérea da Usina do Gasômetro em pleno funcionamento como Usina Termoelétrica com a Casa de Correção ao lado - Ano - Autor.....	68
Figura 65 - Fotografia da Usina do Gasômetro no auge de seu processo de abandono e debatia-se a sua demolição - Ano - Autor.....	68
Figura 66 - Fotografia da Usina do Gasômetro em pleno funcionamento como Centro Cultural e símbolo da cidade - Ano - Autor.....	68
Figura 67 - Fotografia aérea do Mercado Público em pleno funcionamento com a Praça Parobé antes da construção do terminal ao lado e sem o Muro da Mauá ao fundo - Ano - Autor.....	69
Figura 68 - Fotografia do Mercado Público após um de seus múltiplos incêndios quando debatia-se a sua demolição - Ano - Autor.....	69
Figura 69 - Fotografia do Mercado Público em pleno funcionamento como centro de trocas e símbolo da cidade - Ano - Autor.....	69
Figura 70 - Fotografia da borda do Guaíba na região da Avenida Padre Thomé com a Igreja das Dores ao fundo antes da construção de sua fachada e antes da construção do Cais Mauá com seus aterros - Ano 1894 - Autor.....	78
Figura 71 - Fotografia da Igreja das Dores a partir da Avenida Padre Thomé antes do plantio das árvores que impedem sua visualização - Ano 1903 - Autor.....	78
Figura 72 - Fotografia da Igreja das Dores a partir da Avenida Padre Thomé após o plantio das árvores do eixo, mas antes do plantio das árvores do eixo central que impedem sua visualização - Década de 1930 - Autor.....	79
Figura 73 - Fotografia da borda do Guaíba na região da Avenida Padre Thomé com a Igreja das Dores ao fundo após o plantio das árvores e da construção do Cais Mauá, mas antes da construção do Muro e da avenida - Década de 1950 - Autor.....	79

Figura 74 - Imagem de satélite com reconstrução em maquete eletrônica da região da Avenida Padre Thomé e da Igreja das Dores - Eixo a partir do sul - Ano 2018 - Autor Google Earth.....	80
Figura 75 - Imagem de satélite com reconstrução em maquete eletrônica da região da Avenida Padre Thomé e da Igreja das Dores - Direção ponta da península com a Usina do Gasômetro - Ano 2018 - Autor Google Earth.....	80
Figura 76 - Imagem de satélite com reconstrução em maquete eletrônica da região da Avenida Padre Thomé e da Igreja das Dores - Eixo a partir do norte - Ano 2018 - Autor Google Earth.....	81
Figura 77 - Imagem de satélite com reconstrução em maquete eletrônica da região da Avenida Padre Thomé e da Igreja das Dores - Península primitiva inteira - Ano 2018 - Autor Google Earth.....	81
Figura 78 - Imagem de satélite com reconstrução em maquete eletrônica da região da Avenida Padre Thomé e da Igreja das Dores - Vista do topo - Ano 2018 - Autor Google Earth.....	81
Figura 79 - Fotografia do centro da Avenida Padre Thomé em direção a Igreja das Dores oculta pelo paisagismo - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	82
Figura 80 - Fotografia do centro da Escadaria da Igreja das Dores em direção à Avenida Padre Thomé oculta pelo paisagismo - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	82
Figura 81 - Fotografia da arquibancada pública formada pela Escadaria da Igreja das Dores - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	82
Figura 82 - Fotografia do centro da Avenida Padre Thomé em direção ao Muro da Mauá - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	83
Figura 83 - Fotografia do Muro da Mauá a partir do fim da Avenida Padre Thomé com a Casa de Bombas Nº17 de um lado e o terreno baldio usado como estacionamento de outro - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	83
Figura 84 - Fotografia da placa no canteiro central da Avenida Padre Thomé que demonstra que ela já foi praça pública - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	84
Figura 85 - Fotografia do final da Avenida Padre Thomé em direção à Escadaria da Igreja das Dores oculta pelo paisagismo - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	84
Figura 86 - Fotografia da Casa de Bombas Nº17 do Sistema de Proteção contra as cheias do Guaíba de Porto Alegre, localizado na extremidade da Avenida Padre Thomé junto à Avenida Mauá - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	84
Figura 87 - Fotografia da enorme quantidade de carros da Avenida Padre Thomé durante o dia - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	85
Figura 88 - Fotografia do terreno baldio utilizado como estacionamento pelos militares ao fim da Avenida Padre Thomé a partir da Casa de Bombas Nº17 - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	85
Figura 89 - Fotografia do terreno baldio utilizado como estacionamento pelos militares ao fim da Avenida Padre Thomé - Ano 2018 - Autor Rafael Berny.....	85

10.

A

ne

X

OS

RAFAEL BERNARDES MANSUR BERNY
Cartão 208966

Vínculo em 2018/1

Curso: ARQUITETURA E URBANISMO
Habilitação: ARQUITETURA E URBANISMO
Currículo: ARQUITETURA E URBANISMO

HISTÓRICO ESCOLAR

Lista das atividades de ensino de graduação cursadas pelo aluno na UFRGS

Ano Semestre	Atividade de Ensino	Turma	Conceito	Situação	Créditos
2017/2	URBANISMO IV	B	B	Aprovado	7
2017/2	PROJETO ARQUITETÔNICO VII	C	A	Aprovado	10
2017/2	TÓPICOS ESPECIAIS EM PROJETO ARQUITETÔNICO I-B	U	B	Aprovado	4
2017/1	URBANISMO III	C	B	Aprovado	7
2017/1	LEGISLAÇÃO E EXERCÍCIO PROFISSIONAL NA ARQUITETURA	U	A	Aprovado	2
2017/1	CLIMATIZAÇÃO ARTIFICIAL - ARQUITETURA	U	A	Aprovado	2
2017/1	PERCEPÇÃO AMBIENTAL E URBANISMO	U	B	Aprovado	4
2016/2	ESTUDO DA VEGETAÇÃO	A	A	Aprovado	3
2016/2	ESTRUTURA DE CONCRETO ARMADO B	U	C	Aprovado	4
2016/2	PLANEJAMENTO E GESTÃO URBANA	A	A	Aprovado	4
2016/2	LEGISLAÇÃO E EXERCÍCIO PROFISSIONAL NA ARQUITETURA	U	FF	Reprovado	2
2015/1	MORFOLOGIA E INFRAESTRUTURA URBANA	B	B	Aprovado	4
2015/1	ESTRUTURA DE CONCRETO ARMADO A	U	C	Aprovado	4
2015/1	PROJETO ARQUITETÔNICO V	A	C	Aprovado	10
2015/1	TÉCNICAS RETROSPECTIVAS	B	A	Aprovado	4
2015/1	TÓPICOS ESPECIAIS EM PROJETO ARQUITETÔNICO I-A	C	A	Aprovado	6
2015/1	ECONOMIA E GESTÃO DA EDIFICAÇÃO	A	A	Aprovado	4
2014/2	ESTRUTURAS DE AÇO E DE MADEIRA A	U	A	Aprovado	4
2014/2	TÉCNICAS DE EDIFICAÇÃO C	A	B	Aprovado	4
2014/2	TEORIA E ESTÉTICA DA ARQUITETURA II	A	A	Aprovado	2
2014/2	URBANISMO II	A	B	Aprovado	7
2014/2	ACÚSTICA APLICADA	B	C	Aprovado	2
2014/2	PLANO DIRETOR - CONTEÚDO E TENDÊNCIAS	U	A	Aprovado	2
2014/2	TÓPICOS ESPECIAIS EM PROJETO ARQUITETÔNICO III-A	A	A	Aprovado	6
2014/2	GERENCIAMENTO DA DRENAGEM URBANA	U	A	Aprovado	4
2014/1	CIRCULAÇÃO E TRANSPORTES URBANOS	U	A	Aprovado	4
2014/1	INSTALAÇÕES ELÉTRICAS PREDIAIS A	U	A	Aprovado	4

Ano Semestre	Atividade de Ensino	Turma	Conceito	Situação	Créditos
2014/1	PROJETO ARQUITETÔNICO IV	B	B	Aprovado	10
2014/1	URBANISMO I	B	A	Aprovado	6
2013/2	ANÁLISE DOS SISTEMAS ESTRUTURAIS	U	B	Aprovado	4
2013/2	TÉCNICAS DE EDIFICAÇÃO B	U	C	Aprovado	4
2013/2	PROJETO ARQUITETÔNICO III	A	B	Aprovado	10
2013/2	TEORIAS SOBRE O ESPAÇO URBANO	A	A	Aprovado	4
2013/2	HABITABILIDADE DAS EDIFICAÇÕES	A	B	Aprovado	4
2013/1	EVOLUÇÃO URBANA	U	A	Aprovado	6
2013/1	ESTABILIDADE DAS EDIFICAÇÕES	U	A	Aprovado	4
2013/1	TÉCNICAS DE EDIFICAÇÃO A	U	A	Aprovado	4
2013/1	PROJETO ARQUITETÔNICO II	A	A	Aprovado	10
2013/1	TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA ARTE II - B1	U	B	Aprovado	4
2012/2	RESISTÊNCIA DOS MATERIAIS PARA ARQUITETOS	B	A	Aprovado	4
2012/2	PROJETO ARQUITETÔNICO I	D	B	Aprovado	10
2012/2	DESENHO ARQUITETÔNICO III	A	C	Aprovado	3
2012/2	INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS PREDIAIS A	A	A	Aprovado	2
2012/2	INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS PREDIAIS B	B	B	Aprovado	2
2012/1	MECÂNICA PARA ARQUITETOS	A	A	Aprovado	4
2012/1	HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA ARTE III	A	A	Aprovado	2
2012/1	ARQUITETURA NO BRASIL	U	B	Aprovado	4
2012/1	TEORIA E ESTÉTICA DA ARQUITETURA I	A	B	Aprovado	2
2012/1	PROJETO ARQUITETÔNICO I	D	D	Reprovado	10
2012/1	DESENHO ARQUITETÔNICO II	C	B	Aprovado	3
2012/1	INFORMÁTICA APLICADA À ARQUITETURA II	C	A	Aprovado	3
2011/2	CÁLCULO E GEOMETRIA ANALÍTICA PARA ARQUITETOS	U	C	Aprovado	6
2011/2	HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA ARTE II	A	A	Aprovado	2
2011/2	LINGUAGENS GRÁFICAS II	D	B	Aprovado	3
2011/2	DESENHO ARQUITETÔNICO I	C	B	Aprovado	3
2011/2	INFORMÁTICA APLICADA À ARQUITETURA I	A	B	Aprovado	3
2011/2	INTRODUÇÃO AO PROJETO ARQUITETÔNICO II	D	B	Aprovado	9
2011/2	PRÁTICAS SOCIAIS NA ARQUITETURA E NO URBANISMO	A	A	Aprovado	2
2011/1	HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DA ARTE I	B	B	Aprovado	2
2011/1	LINGUAGENS GRÁFICAS I	A	B	Aprovado	3
2011/1	GEOMETRIA DESCRITIVA APLICADA À ARQUITETURA	C	B	Aprovado	4
2011/1	MAQUETES	B	B	Aprovado	3
2011/1	TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO ARQUITETÔNICA	D	B	Aprovado	3
2011/1	INTRODUÇÃO AO PROJETO ARQUITETÔNICO I	A	A	Aprovado	9

TRABALHO DE CONCLUSÃO

Atividade de Ensino: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO	
Área de Atuação: Arquitetura e Urbanismo	
Título: Ver Cidade: Arquitetura, Memória e Conflito	
Período Letivo de Início: 2018/1	Período Letivo de Fim: 2018/1
Data de Início: 05/03/2018	Data de Fim: 20/07/2018
Tipo de Trabalho: Trabalho de Diplomação	Data Apresentação: 20/07/2018
Conceito: -	

ATIVIDADES LIBERADAS

Ano Semestre	Atividade de Ensino	Considera Créditos	Créditos
2016/2	PROJETO ARQUITETÔNICO VI (ARQ01016)	Sim	10
2016/2	PRÁTICAS EM OBRA (ARQ01074)	Sim	4

10.2 Portfólio Acadêmico

10.2.1 Projetos Arquitetônicos

I - Centro Comunitário Santa Maria Goretti

II - Pavilhão 21

III - Conjunto Container

IV - Espaço Musical 1345

V - Estação Obirici de Metrô

1A - Place - Janelas da Natureza

1B - Space - A Praça da Democracia

2A - Material - Casa para um Daltônico

VII - Casa Bosque

10.2.2 Projetos Urbanos

I - O bairro a partir de suas escalas: reconectando os tempos da Avenida Otávio Rocha a partir do paisagismo.

II - O loteamento a partir de sua topografia: quebrando os muros do Country Club de Porto Alegre.

III - A paisagem como infraestrutura: repensando Tapes a partir de seu patrimônio natural.

IV - Transbordar: transpondo as bordas da rodoviária e entorno

10.2.3 Workshops

Arquisur 2014 - Habitação Mínima - Casa Pixel

Arquitetura para o Ócio - O Infinito na Travessa dos Venezianos

Rio Academy 2015 - Urbanismo Espontâneo - Módulo Semente (2º Lugar)

10.2.4 Concursos

AC-CA 07 - Estrutura Simbólica para a Copa do Mundo

Projetar.org 003 - Escola de Artes Performáticas do Rio de Janeiro (Menção Honrosa)

Projetar.org 005 - Escola para o Brasil - A Escola Total (1º Lugar)

Tok Stok Design Universitário - Banco - FacilitArte

Arquideas - International Wildlife Center - Centro de Visitantes no Krüger National Park

10.2.5 Extensão - EMAV

Jardim Universitário, Viamão

Vila São José, Guajuviras, Canoas

10.2.6 Estágios

Pulso Arquitetura

Heren5 Architecten

CARREGANDO

...



